

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO - CAP/COLUNI
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA:
HISTÓRIAS DE SUCESSO
(MEMÓRIAS E IDENTIDADE)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CAP/COLUNI DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA: HISTÓRIAS DE SUCESSO
(MEMÓRIAS E IDENTIDADE)**

Duarte de Magalhães Barbalho

JUIZ DE FORA
2008

Duarte de Magalhães Barbalho

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CAP/COLUNI DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA: HISTÓRIAS DE SUCESSO
(MEMÓRIAS E IDENTIDADE)**

**Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação
do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte
dos requisitos parciais para a obtenção do título de
Mestre em Educação.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Regina Miranda.

JUIZ DE FORA

2008

Duarte de Magalhães Barbalho

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CAP/COLUNI DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA: HISTÓRIAS DE SUCESSO (MEMÓRIAS E IDENTIDADE)

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em junho de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Sônia Regina Miranda (Orientadora) - UFJF

Prof. Dr. Denílson Santos de Azevedo - UFV

Prof. Dr. André Silva Martins - UFJF

Juiz de Fora
2008

“O COLUNI não faz parte do meu passado, mas faz parte de mim.”

Tiago ‘Druida’ (ex-aluno do (CAP/COLUNI)).

Para

Minha mãe Maria de Lourdes Lúcio,
mestra maior que tive em toda a minha
formação.

In Memoriam do meu pai Hercílio de
Magalhães Barbalho, o 'Cílico Mômber'.

E para Beliny de Magalhães Leão, meu
afilhado, amigo e ex-aluno.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realização deste treinamento.

Aos professores e funcionários do Colégio de Aplicação – CAP/COLUNI, pelo apoio e coleguismo, pela amizade, confiança em especial as Professoras Eunice Bitencourt Bohnenberger, Catarina Greco, Raquel dos Santos Sousa Lima e Cleuza Eunice Pereira Brumano.

À Professora Maria da Conceição Santana de Lélis pela amizade e paciência na revisão do texto e burilamento da estilística desse trabalho.

Aos ex-alunos que ao longo dessa minha investigação muito me apoiaram através de e-mails, recados no orkut e conversas nos encontros pelas ruas de Viçosa e no campus da UFV. Quatro deles foram significativamente importantes, os quais eu não posso deixar de citar nesses agradecimentos: o **Wilson** pelo acolhimento, abrigo e carinho no ano em que fiquei em Juiz de Fora; o meu querido afilhado **Beliny**, que muito ajudou nas minhas ‘palas’ com o computador, além de ter que agüentar todas as minhas crises existenciais causadas pelo mestrado; juntamente com a **Carolina ‘Cobra’ Gomes**, que com seu doce veneno destilava conselhos e amizade; e o **Marcelo ‘Marreco’**, cujo apoio e amizade chegavam sob a forma de divertidas e bem humoradas mensagens via e-mail.

Aos pássaros, árvores, bichos e deuses da floresta do Recanto das Cigarras, em cujas trilhas eu buscava inspiração para a escrita dessa dissertação e também onde encontrava refúgio nos momentos de solidão para matar as saudades da minha terra e da minha gente. Especialmente da minha mãe, que nesse período que durou meu mestrado, envelheceu dez anos e a quem eu não pude me dedicar direito.

Aos meus sobrinhos Lúcia, Júlio e Bruninho ‘Jacaré’ pelo acolhimento e de seus familiares no ano em que residi em Juiz de Fora.

À Meire Ruth pela amizade e pela colaboração na formatação dos trabalhos monográficos.

À ex-professora Martha Regina Brito do Nascimento que me apontou os passos iniciais para a elaboração desse estudo.

À ex-funcionária Célia Maria da Paz, aos ex-diretores Professor Untar Jafar, Professora Eny Tafuri e Professora Maria Auxiliadora Lopes, pelas importantes informações para o conhecimento da trajetória histórica do CAP/COLUNI.

À Maria Beatriz Bastos, amiga antiga de quando cheguei ao CAP/COLUNI, que mesmo à distância ajudou na leitura e revisão do texto.

Às Professoras do PPGE Beatriz de Bastos Teixeira e Sônia Maria Clareto pelos bons ensinamentos e toques que foram muito importantes na fase de créditos.

Aos funcionários do PPGE, Getúlio, Cidinha e o pessoal da limpeza Walmir, Alexandre, Tereza e Cláudio.

À Professora Sônia Regina Miranda pelo convite para participar do seu Grupo de Estudos e por ter aceitado ser minha orientadora, da qual recebi importantes ensinamentos e apoio.

RESUMO

Este estudo investiga a história institucional e as histórias contadas por alunos do Colégio de Aplicação - CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, tentando compreender como se construiu uma 'memória coletiva' de Histórias de Sucessos sobre essa escola de Ensino Médio. Por intermédio das memórias individuais de alunos e de professores do colégio, buscou-se compreender como esse discurso é produzido, apropriado e atualizado, transformando-se em uma 'tradição' que gera um sentimento de pertencimento aos atores sociais envolvidos com esta instituição. Em nossa análise nos valem principalmente de métodos e instrumentos da História Oral, além do resgate de fontes escritas de cunho arquivístico e bibliográfico. Através de entrevistas, de narrativas de histórias de vida, de depoimentos e de imagens fotográficas, tentamos apreender como o sentimento coletivo de pertencimento, que cria uma identidade singular para essa escola, foi fixado pelas práticas do cotidiano escolar de seus alunos e professores. Como aporte teórico para analisar o significado da tradição escolar nesta instituição, utilizamos o conceito de 'tradição inventada', que foi desenvolvido por HOBBSAWM. Para a compreensão do significado da idéia de sucessos inscrita na memória dos ex-alunos do CAP/COLUNI também nos valem da noção de inculcação de 'habitus' inscritas em BOURDIEU, LAHIRE e CHARLOT, as quais nos auxiliaram na explicação das relações dos jovens com o saber nas implicações de situação de sucesso ou de fracasso escolar.

Palavras chaves: Colégio de Aplicação – memória – identidade – sentimento de pertencimento - tradição escolar.

ABSTRACT

This study investigates both the institutional history and the stories told by the students of the Application High-School – CAP/COLUNI of the Federal University of Viçosa, State of Minas Gerais. The main objective is to have an understanding of how a ‘group memory’ of success stories about this high-school was constructed. From individual memories of students and teachers it aimed to understand how this speech is produced, materialized and kept up dated and then becoming a tradition. This creates a feeling of belonging to the social characters involved in this institution. The methodological issue was the Oral History, written source from archives and bibliography. Through interviews, narratives, statements and images, this study try to grasp how this group felling of belonging, shows a particular identity of this school. This happened mainly because of the daily school practice. As a theoretical support to analyze the meaning of school tradition in this institution concept used was the ‘invented tradition’, which was developed by HOBBSAWM. In order to understand the meaning of the idea of successes inside the CAP/COLUNI’S former students memory, it was issued the notion of ‘habitus’ inquirement found in BOURDIEU, LAHIRE and CHARLOT which helped in the explanation of the teenagers relationship with the knowledge of the school implications.

Key Worlds: Application High-School – memory – identity – feeling of belonging – school tradition.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – ‘No meio da floresta tinha uma coruja...’	23
1.1. A Força da Tradição – Memórias de Sucessos do CAP/COLUNI	29
1.2.- Breve Discussão Teórica sobre sucesso e fracasso escolar.	34
Capítulo 2 – A UFV e o seu Colégio de Aplicação: Relações Institucionais e Históricas	43
2.1 – A UFV: Breve Histórico e Características Institucionais	44
2.2 – O Colégio Universitário – CAP/COLUNI: Histórico.....	49
Capítulo 3 – Laços de Família	62
3.1 – Estudo de casos de grupos familiares de Ex-Alunos do CAP/COLUNI	68
3.1.1 – Os Almeida Torres.....	69
3.1.2 – Os Pereira Brumano	75
3.1.3 – Os Ramos Melo.....	79
3.2 – Retratos do ‘Álbum de Família’ recolhidos no baú de lembranças de Maria Lúcia.	82
Capítulo 4 – ‘Melhor Colégio do Mundo’	93
4.1 – A “Casa” – Espaço, estrutura, organização escolar e rotinas escolares do CAP/COLUNI.	97
4.2 – A “Família” – cotidiano, redes de comunicação, afetividade e transgressões compartilhadas pelos alunos do CAP/COLUNI	108
4.2.1. O rito de passagem. A chegada: o trote	110
4.2.2. Os afetos: laços de amizade.	119
4.2.3. As transgressões: formas de protesto.	133
4.2.4 . ‘Volver a los dezessete’: encontro de cinco anos.	152
Conclusão.	159
Bibliografia.	164

INTRODUÇÃO

O Colégio Universitário – COLUNI da Universidade Federal de Viçosa traz em sua trajetória histórica uma renomada reputação por contribuir, há mais de quatro décadas, para a formação de várias gerações de jovens que ingressaram nas principais instituições de ensino superior do país. Em 2001, essa instituição de ensino médio transformou-se em Colégio de Aplicação - CAP/COLUNI. A sua fama e prestígio construíram-se, principalmente, sobre a tradição de ser ele uma porta de entrada para a universidade, haja vista o elevado índice de aprovação dos alunos em concursos vestibulares desde a sua criação.

Esse bom desempenho do CAP/COLUNI em concurso vestibular pode ser constatado em pesquisa, divulgada em Dezembro de 2000¹, feita pelo Grupo de Avaliação de Medidas Educacionais (GAME) do Departamento de Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais. O relatório final da pesquisa, que avaliou o desempenho dos alunos de 246 escolas mineiras públicas e privadas, inscritos no vestibular da UFMG, entre 1998 e 2000, mostra o CAP/COLUNI em primeiro lugar em qualidade de ensino em Minas Gerais, acentuando o conceito 'A' obtido por ele nos três anos em que o estudo foi realizado. Outro fato mais recente: o CAP/COLUNI obteve a melhor classificação entre as instituições públicas brasileiras, segundo avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)². Com 70,42 pontos nesse exame, o CAP/COLUNI foi classificado como a melhor entre as escolas particulares e públicas de Minas, destacando-se, também, entre as 20 melhores do país. E foi a primeira, entre as escolas públicas, a obter essa classificação, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 07 de Fevereiro de 2007.

Em 2008, esse bom desempenho dos alunos do CAP/COLUNI no ENEM se repetiu com uma média de 88,7%. O Colégio, quinto lugar na lista geral de classificação nacional, tem a melhor colocação entre as escolas públicas. Esse resultado, dando continuidade ao que já acontecia nos anos anteriores, teve uma grande repercussão na mídia. Nos dias que sucederam a divulgação dessa classificação, os principais jornais e revistas do país e a imprensa televisiva, em rede

¹ *Jornal Estado de Minas*, Caderno D +, terça-feira, 12 de dezembro de 2000, p.10 e 11.

² *Jornal da UFV*, Ano 35, Viçosa (MG), 5 de março de 2007, Número 1.405

nacional, deram destaque ao desempenho dos alunos do CAP/COLUNI. A revista *Época* (de 17 de Abril de 2008), por exemplo, fez uma reportagem destacando as características do Colégio e, registrando depoimentos de professores e alunos, buscou explicação para o sucesso. O título da reportagem é uma pergunta: “Todas podem ser assim?”. A jornalista analisa, através dessa classificação do ENEM, a situação do ensino público no país, ampliando o questionamento: “*o que torna a escola de aplicação de Viçosa a melhor pública do país, e por que é tão difícil repetir o seu sucesso*”. Na breve análise, a reportagem constata que o CAP/COLUNI é uma escola pública com características singulares, quando comparada a outras do país, mesmo às escolas de aplicação. A sua estrutura e organização permite uma rotina escolar diferenciada que concede mais liberdade aos alunos na relação com o(s) saber (es). O regime de trabalho de dedicação exclusiva dos professores proporciona uma interação maior com os alunos através da proposição atividades fora do âmbito de sala de aula, que reflete nas práticas do cotidiano escolar. O depoimento de João Paulo Nacarate, 15 anos, aluno calouro (‘embrião’), reforça as singularidades da escola. Ele assim a define: “*Sou cobrado e tratado com a liberdade de um estudante de graduação. Esse é um dos segredos da **minha escola***” (grifo nosso).³

O cenário que descrevemos, no qual procuramos demonstrar o que prestigia essa instituição de Ensino Médio, que elegemos como objeto de estudo, e que lhe trouxe renome no contexto da Educação Brasileira nos apontou para definição de um foco condutor para o nosso estudo. Esse se descortinou a partir da constatação da existência de um discurso de Histórias de sucessos dos alunos do CAP/COLUNI. No processo de descoberta desse foco foi importante a reflexão e observação das visões e manifestações de sentimentos que ex e atuais alunos têm sobre o colégio, como a que foi demonstrada pelo aluno da primeira série de 2008, citada na reportagem da Revista *Época* acima. Na qual ele já manifesta a apropriação do *ethos* escolar dessa instituição. Primeiro pela identificação com a mesma por chamá-la de ‘*minha escola*’, e segundo por nela enxergar uma singularidade, um ‘*segredo*’, em que ele na sua situação de estudante é ‘*cobrado e tratado com a liberdade de um estudante de graduação*’. Nesse caso, aqui ilustrado podemos perceber o elo de identidade aluno/escola que implica um sentimento de pertencimento, que no

³ Revista *Época*, Nº. 516 17 de Abril de 2008, São Paulo, Editora Globo.

CAP/COLUNI é convertido em forma de habitus nos sujeitos que ali estudam e trabalham criando uma memória coletiva de sucessos que organiza a ação dos mesmos bem como as rotinas cotidianas do colégio.

Essa constatação da existência de um discurso de memórias de sucessos dos alunos dessa instituição nos proporcionou a identificar o foco central para o nosso interesse de estudo em aprofundar o conhecimento sobre a mesma: os fios de memórias de histórias de sucessos dos ex-alunos do CAP/COLUNI, que constroem um discurso sobre a escola em forma de uma tradição. Ao identificarmos esse foco, chegamos a uma questão central para direcionar o estudo e apontar os meios e instrumentos necessários à sua realização: como é produzido, apropriado e atualizado o discurso de História de sucessos dos ex-alunos do CAP/COLUNI, que se transforma em elo de identidade e sentimento de pertencimento na construção de uma memória coletiva?

O interesse por investigar a História do CAP-COLUNI surgiu quando das comemorações dos 40 anos da escola, em 2005. Naquela ocasião, ao realizar uma exposição de fotos e textos sobre o CAP/COLUNI, percebermos que havia uma lacuna quanto ao seu significado histórico. O que encontramos referente à sua memória eram apenas recortes fragmentados, lembranças saudosistas de ex-professores, ex-alunos, ex-funcionários; fotos de eventos e atividades, porém sem data; discursos laudatórios e orgulho pela tradição de a escola ser um colégio com elevados índices de aprovação nos concursos vestibulares. Por isso, nesse empreendimento de investigação, a primeira motivação foi resgatar a história do CAP/COLUNI. A sua singularidade enquanto colégio de ensino médio reforçou a proposição de um estudo na perspectiva de análise historiográfica e etnográfica da sua cultura escolar, para se conhecer o que particulariza o CAP/COLUNI em relação a outras escolas públicas.

A opção por um fio condutor para esse estudo sobre as memórias que afloram na tradição inventada das histórias de sucesso dos alunos do CAP/COLUNI, não significa o desconhecimento da existência do seu contraponto, ou seja, as memórias submersas do insucesso, do fracasso ou das lembranças e marcas negativas deixadas nos sujeitos pela sua passagem (ou não) pelo Colégio. Como exemplos podem ser citados: os casos de alunos que desistiram após cursar a primeira série no colégio, independente da condição sócio-econômica e cultural, por não se identificarem com o público e o ethos desenvolvido internamente pela sua

rotina escolar, ou ainda, com o tipo de ensino ali praticado; outros que se sentiram obrigados a prestar o Exame de Seleção por uma pressão familiar e social, o que é muito forte no contexto de Viçosa; os que se sentiram frustrados por não serem aprovados enquanto outros irmãos e membros da família foram; alunos que vieram de outras cidades e chegaram à Viçosa, ainda muito novos e não se adaptaram à sobrevivência distante da família; os que não tiveram um bom rendimento escolar foram jubilados por motivo de mais de uma reprovação escolar; os que tiveram que abandonar o colégio antes de concluir a terceira série, como consequência das greves de professores e funcionários, e se sentiram lesados nas expectativas que tinham em relação a um resultado final da sua passagem pelo colégio: um ensino e apoio na reta final de prestar o exame vestibular; e mesmo àqueles que tiveram conflitos pessoais e políticos com professores e a administração escolar e/ou da UFV, por defenderem outro modelo de escola, que não aquele que estava sedimentado no contexto ufeviano.

Apesar do conhecimento dessas situações de memórias de insucesso (e outras que poderiam advir de um estudo mais aprofundado), ou seja, do contraposto ao que é socialmente difundido sobre o CAP/COLUNI em Viçosa, por uma questão do curto prazo do programa de mestrado e por opções mesmo metodológicas não iremos abordar essas questões nesse estudo. Não por uma intenção de reforçar uma 'legenda rosa' para a história da instituição em tela, mas por compreender que esse é um processo de conhecimento que está em construção e no seu nascedouro. Ao qual pretendemos dar continuidade tanto na nossa atividade como docente na UFV e por acreditar no papel do historiador que procura despertar novos olhares e outras vozes e falas dos sujeitos sobre o conhecimento da memória dessa instituição escolar.

O ponto de partida para a montagem de um projeto de investigação, que redundasse nessa dissertação de mestrado, foi o contato com professores antigos do Colégio⁴, pois desejamos que este estudo não se desse apenas pela incursão aos documentos guardados nos arquivos institucionais, mas se realizasse, também, através do registro de olhares, falas e lembranças individuais como fios de memórias

⁴ Alguns professores já haviam aposentado e outros atuavam cursos de graduação e pós-graduação da UFV. além é claro dos que estavam em exercício e já se preparavam para a aposentadoria. Dos quais obtivemos preciosas informações sobre outras épocas de história do Colégio.

daqueles que fizeram parte da sua memória coletiva, ou seja, dos professores, funcionários e ex-alunos.

O caráter fragmentário das informações, ao mesmo tempo em que instigou esse trabalho, foi responsável por muitas dificuldades com que deparamos durante a investigação, principalmente no resgate da história institucional. Isso reforça a opção pela coleta de informações e dados em conversas com os professores mais antigos, contatos com ex-diretores e ex-professores e bate-papos informais com ex-alunos do COLUNI. Valeram-nos, ainda, dados esparsos encontrados no arquivo do Registro Escolar, como os regimentos internos.

Foi importante, também, a nossa própria memória individual através da qual resgatamos as lembranças de dez anos de atividade docente no colégio. Citamos como exemplo: a observação do cotidiano escolar; das práticas vivenciadas pelos alunos e professores; dos saberes e práticas pedagógicas das diversas áreas de conhecimento; das experiências inovadoras em contraste com o projeto político pedagógico tradicional do colégio; das angústias nos momentos das greves de professores e funcionários; dos embates com a estrutura engessada e burocrática do Colégio e suas relações com a administração superior da Universidade.

O convívio com o corpo discente, jovens entre 15 e 18 anos, ouvindo seus anseios e aspirações, suas histórias de vida na interação com a escola e a comunidade universitária também auxiliou a investigação. Nessa convivência, verificamos haver, em muitos casos, membros de uma mesma família que estudaram na instituição. Percebemos que esta tradição perpassa as histórias de vida dos alunos e professores, que dá à escola uma especificidade na criação da sua identidade e de uma cultura escolar estudantil própria.

Quando começamos a lecionar no COLUNI pudemos constatar que o seu projeto político-pedagógico atendia às demandas de um público em relação aos concursos vestibulares. E mais: era essa a base da tradição inventada sobre o colégio.

Em meados da década de 1990 deu-se início ao processo de discussão do projeto de transformação do COLUNI em Colégio de Aplicação. Esse assunto acirrava as “paixões” nas tensas e longas reuniões do Colegiado. A proposta de mudança, exigência da administração superior da UFV encontrou resistência em alguns professores ou por não compreenderem, naquela época, se havia determinação vinda do Ministério da Educação, ou de uma demanda interna da

comunidade universitária. A insegurança, talvez, se justificasse pela possibilidade de alteração da rotina escolar a qual os professores já estavam acostumados; ou, ainda, pela crença deles de que a escola até então cumpria sua função na sociedade: preparar jovens para o ingresso no ensino superior.

A transformação do COLUNI em Colégio de Aplicação deu-se através da discussão de um novo regimento na Câmara de Ensino Médio da Universidade. Houve o retorno do processo ao Colégio para apreciação no Colegiado e, posteriormente, a sua aprovação pelo Conselho Universitário no mesmo ano. Apesar dessa mudança institucional e regimental, permanecia o dilema sobre o projeto político pedagógico do colégio: dar continuidade à sua vocação e tradição de ensino propedêutico, com bons resultados no vestibular, ou transitar para um novo perfil enquanto Colégio de Aplicação, buscando um entrosamento mais efetivo com os departamentos e as licenciaturas da UFV.

Com a aprovação do novo regimento, muitas questões relativas à filosofia da escola vieram à tona. Dentre elas destacam-se: que tipo de alteração isso traria para o projeto político pedagógico tradicional da escola? Qual seria o perfil do CAP-COLUNI da UFV? O que aconteceria à tradição do colégio no que diz respeito ao alto índice de aprovação dos alunos nos vestibulares? Essas e outras dúvidas e inquietações desencadearam uma onda de temor e desconfiança na comunidade universitária e viçosense. Muitos comentários descontraídos e boatos infundados previam que aquela transformação acabaria com o COLUNI. Afirmava-se que o colégio seria transformado em um laboratório, para formar os alunos dos cursos de licenciatura. Um comentário decorrente dessa informação: os alunos da graduação ministrariam as aulas no colégio, comprometendo a qualidade do ensino que o projetava na sociedade. Como consequência, acreditava-se que essa situação poderia comprometer o ensino dos conteúdos requeridos em exames vestibulares. Esses e outros argumentos despertaram verdadeiro pânico entre os defensores ardorosos da tradição histórica do colégio.

Quando elegemos a história do CAP-COLUNI como objeto de pesquisa em programa de mestrado, o colégio completava 40 anos de sua criação e quase cinco de transformação regimental em Colégio de Aplicação, no entanto, poucas mudanças ocorreram na sua rotina escolar e na orientação do seu projeto pedagógico. A força da tradição do ensino preparatório para o vestibular permanecia, tanto na cultura docente como discente, e o elevado índice de

aprovação dos alunos nos concursos vestibulares continuou sendo realidade.

Ao iniciarmos a investigação, tínhamos como propósito escrever uma História Institucional do CAP/COLUNI focada, principalmente, nas relações e vínculos que o colégio tinha com a UFV. Em nossa atividade docente, percebemos que esses vínculos institucionais tinham reflexo no cotidiano escolar, nos embates políticos internos e nas ações do corpo docente do CAP/COLUNI. Essa intenção inicial surgiu da observação e participação das acirradas discussões sobre o processo de transformação do COLUNI em Colégio de Aplicação, quando ficou claro que, naquele espaço democrático, davam-se pouco valor ao passado histórico do colégio. A expectativa social criada sobre a escola, por parte de seu público e da comunidade, também ficava às margens das discussões. Nessa perspectiva, o projeto que apresentamos para Qualificação, em Março de 2007, focou-se, principalmente, no interesse em resgatar a História do CAP/COLUNI, através da sua relação histórica e institucional com a UFV. A escrita dessa história, no momento da qualificação, pareceu-nos capaz de explicar o que reforçava e justificava a permanência do COLUNI como colégio preparatório para o vestibular. Nesse projeto procuramos demonstrar que a ‘transformação’⁵ em Colégio de Aplicação não alterou a estrutura nem a organização do COLUNI, mantendo-se inalterada a sua finalidade original.

Nessa ocasião, houve uma advertência da Banca Examinadora de que naquela proposta de estudo existia um elemento sedutor muito original, advindo da nossa inquietação em relação à representação social de uma História de Sucesso no interior dessa instituição educacional, difundida no contexto da UFV. Salientou-se que esse elemento desaparecia em função da idéia fixa de produzir uma história institucional de caráter totalizante, em uma perspectiva da História como mestra da vida. Isso era observado na periodização linear, construída em três fases distintas⁶, que reforçava a visão historicista, na qual estávamos mergulhados, faltando assim um foco interior que delineasse o objeto da pesquisa.

Após a Qualificação, houve mudanças no projeto de estudo investigativo, bem

⁵ O título do Projeto de Qualificação era “O Colégio de aplicação – CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: Entre a Tradição e a Transformação (1965-1994).”

⁶ **Primeira fase (1965/1981)** Criação e funcionamento do Colégio só com turmas de Terceira Série; **Segunda Fase (1982/1994)** Implantação da extensão de séries e intervenção da Reitoria destituindo a direção do Colégio); e **Terceira Fase (1994-2005)** Fase do processo de discussão e transformação de Colégio de Aplicação). A proposta era trabalhar somente com as duas primeiras fases, numa intenção de manter o pesquisador distanciado do período em que entrou como docente na instituição, fato questionado por membro da Banca Examinadora.

como na orientação do mesmo. Por convite da nova orientadora, tivemos a oportunidade de ingressar no Grupo de Estudos 'Memória, História e Saberes Docentes', em cujas discussões e atividades oportunizaram reflexões, que nos levaram a repensar, redefinir e construir o foco do objeto de estudo sobre os fios de memórias de histórias de sucessos dos ex-alunos do CAP/COLUNI.

A questão derivada desse foco e que propusemos para nosso estudo, de certa forma, não nos afastou totalmente do propósito original apresentado no Projeto de Qualificação, ou seja, a de tentar compreender as relações institucionais entre o CAP/COLUNI e a UFV. Ele foi re-significado por um viés de 'laços de afetividade' nos quais buscaremos as raízes matriciais do discurso de Histórias de sucesso. Daí aproveitarmos parte do material utilizado na Qualificação (segundo capítulo desta dissertação) no que diz respeito à trajetória histórica da UFV, para a contextualização da História do CAP/COLUNI.

Definidos o foco e a questão, buscamos, então, uma base teórica que pudesse elucidar a noção do que se compreende por 'sucesso' e 'fracasso' na vida escolar. Esse processo deu-se por meio de leituras de autores da Sociologia da Educação como Pierre Bourdieu, Bernard Lahire e Michel Charlot, bem como de outros analisados no Grupo de Estudo, principalmente nas abordagens sobre Memória e História Oral. Nessas atividades tivemos oportunidade de construir coletivamente os instrumentos que utilizamos na investigação, bem como as estratégias para a sua aplicação.

Optamos pela História Oral, enquanto procedimento metodológico como meio para a construção do conhecimento científico do objeto em estudo. Elucidado, principalmente, pelo nosso encantamento sobre os resultados que podem advir da pesquisa historiográfica que não considere apenas a investigação documental arquivística, mas também os usos que podem ser feitos com os instrumentos de uma pesquisa de cunho qualitativo. A opção epistemológica pelo uso da História Oral, com a utilização do instrumento de entrevistas semi-estruturada, nos aponta que, através dele poderemos lidar com a experiência de vida das pessoas de todo tipo, que pode dar à 'história uma nova dimensão' (THOMPSON, 2002, p.25). Nesse tipo de abordagem pode ser proporcionada uma relação maior entre a história e a comunidade, pois esta 'pode e deve merecer confiança para escrever a própria história' (THOMPSON, 2002, p.37), A comunidade não fica dessa maneira distanciada do trabalho profissional do historiador. Nesse sentido do ponto de vista

pragmático, acreditamos que o uso dessa metodologia para esse estudo, poderá nos permitir recriar uma multiplicidade de olhares sobre a realidade do objeto investigado e que possa demonstrar a importância desse estudo histórico para o seu meio imediato e para o tempo presente das pessoas nele envolvidas.

O aspecto singular, que sempre nos intrigou nas observações do cotidiano da instituição estudada (na nossa atuação como docente), era a recorrência de alunos pertencentes aos mesmos grupos familiares. Resolvemos, então, verificar, através de pesquisa documental, se esse fato era um contínuo na história do Colégio. O interesse era por uma análise de cunho sociológico dos sujeitos que ali estudaram, através dos vínculos familiares ou mesmo de amizade que assumem essa característica. O resultado dessa incursão nos arquivos e na relação de nomes de ex-alunos foi um quadro com vários sobrenomes comuns, recorrentes ao longo dos quarenta anos da existência do colégio. Desse rol, destacamos três grupos familiares com perfis sociais diferenciados para ‘estudos de casos’, com os quais pudéssemos confirmar ou não a indagação central feita sobre a memória coletiva da História de Sucesso do CAP/COLUNI. Registramos que houve uma surpresa, nesse processo de investigação em relação ao projeto original: na nossa coleta de dados surgiu um grupo familiar que não havia sido escolhido na pesquisa documental de arrolamento de grupos familiares. Esse grupo se tornou um achado que consideramos ter sido o acaso da pesquisa.

Prosseguindo na busca da compreensão do discurso de História de Sucesso na memória coletiva dos ex-alunos do CAP/COLUNI, ampliamos os instrumentos e meios, pois, além dos instrumentos da História Oral, valem de outras fontes, principalmente, das nossas observações sobre as ações dos sujeitos – professores e alunos – no cotidiano do Colégio. O resultado dessa compreensão registra-se no quarto capítulo intitulado ‘Melhor Colégio do Mundo’. Essa frase, uma apropriação da ‘tradição inventada’ pelos alunos, reforça a idéia que constitui o foco de estudo: Histórias de sucesso.

Assim, sucintamente, essa dissertação estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro introduz uma discussão sobre a origem da memória de sucesso atribuída, tradicionalmente, ao CAP/COLUNI. A teoria de HOBBSWAM sobre as tradições inventadas serviu de base para a compreensão da noção de pertencimento e de identidade que os ex-alunos têm em relação ao CAP/COLUNI. Outro aspecto desenvolvido é a discussão teórica a partir das concepções de BOURDIEU, bem

como de novas interpretações feitas por seus críticos, como LAHIRE e CHARLOT, acerca do sucesso e fracasso escolar. Utilizamos então, como aporte teórico os conceitos de Michel MAFESSOLI, sobre a noção de grupos, tribos e comunidades no contexto da chamada Pós-Modernidade, e de Elsie ROCKWELL, no que diz respeito às impressões que a escola deixa, pelas práticas cotidianas na vida dos indivíduos.

O segundo capítulo resultou de um trabalho solitário de imersão nos arquivos do Registro Escolar do CAP/COLUNI, para a garimpagem de documentação na construção da História do Colégio⁷. Constatamos, porém, que pouca coisa havia sido preservada, devido à falta de sistematização arquivística, como também de registros de atas de reuniões nos primeiros anos de seu funcionamento. Outras fontes nos apontaram dados para complementar os documentos já encontrados, como alguns relatórios de comissões criadas pela Reitoria para a avaliação do colégio, muitos dos quais estavam incompletos, ou sem datação, alguns, inclusive, mutilados. Entrevistando três ex-diretores, obtivemos informações que clarearam um pouco mais a história do colégio.

Nesse estudo inicial, além da pesquisa documental, fizemos uma revisão de literatura sobre a História do Ensino Médio no Brasil, lendo, por exemplo, artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Buscamos, assim, compreender o contexto da criação dos Colégios Universitários nas IFES, no início da década de 1960, anterior ao Golpe de Estado de 1964. Fizemos, nessa oportunidade, uma incursão na história da UFV, através de autores memorialistas e de estudos historiográficos científicos, para conhecer a filosofia educacional e o 'ethos' que permeia a comunidade ufeviana e sua relação com o CAP/COLUNI.

O terceiro capítulo resultou da definição de um fio condutor para a investigação, delimitado num aspecto característico do CAP/COLUNI: a existência de laços familiares entre os ex-alunos. Por esse fio conduzimos os estudos em uma perspectiva qualitativa de análise científica, orientados pela proposta inicial de fazer uma investigação que levasse em conta os olhares dos sujeitos da instituição. O

⁷ O resultado dessa etapa de investigação foi apresentado em formato de painel, no IV Congresso de Pesquisa de História da Educação em Minas Gerais, em Maio de 2007 na UFJF.

nosso propósito foi, então, compreender o elo de identidade e um sentimento de pertencimento que os ex-alunos criam com o colégio que passam a denominar de 'Família COLUNI'. Esses vínculos familiares, entre a instituição e os alunos, são, por sua vez, apropriados e re-significados nas novas gerações. Dessa forma, através de alguns grupos familiares, uma memória coletiva é (re) produzida e traduzida sob a forma de uma 'tradição inventada', de uma grande família, que alimenta a História de sucesso.

Na elaboração do quarto e último capítulo, utilizamos instrumentos diferenciados e várias formas de registros como fotos, comunicações midiáticas, entrevistas, buscando o elo identidade-pertencimento gerador de uma cultura escolar e estudantil. Essa cultura se torna importante elemento de reprodução desse elo identidade-pertencimento na construção das memórias individuais e coletivas dos ex-alunos. A esses instrumentos somaram-se nossas observações das práticas cotidianas dos alunos no CAP/COLUNI, que foram muito importantes na perspectiva qualitativa da análise.

A leitura dessa dissertação possibilita, conhecendo a História do CAP/COLUNI que aqui se registra, e as Histórias de sucesso sobre ele que se narram refletir sobre os saberes relativos à noção de identidade, que podem ser criados por alunos e professores através de um sentimento de pertencimento sobre uma instituição escolar. Acreditamos que, o resultado desse estudo, possa nos levar a refletir sobre a realidade de outras instituições públicas de Ensino Médio, do sistema educacional brasileiro. Essa reflexão deve se direcionar em um sentido de pensar e questionar: como as relações e ações desenvolvidas e praticadas pelos professores e alunos do CAP/COLUNI, podem contribuir na replicação em outras instituições escolares a ocorrência de uma situação de sucesso escolar dos seus alunos? Sem que, no entanto deixe de perder de vista as especificidades do cotidiano escolar e as características de cada instituição, no meio em que estão inseridas. Nesse sentido e por compreender ser essa uma discussão em aberto, espera-se que esse estudo venha trazer uma significativa contribuição no debate sobre a qualidade e os resultados do Ensino Médio no país.

CAPÍTULO 1 ‘NO MEIO DA FLORESTA, TINHA UMA CORUJA...’

Em dezembro de 2002 um bando ruidoso de adolescentes, em grupos menores ou em duplas, dirige-se ao Recanto das Cigarras no campus da Universidade Federal de Viçosa. A rua ladeada de palmeiras emoldura uma procissão alegre, com risadas estrondosas, ‘zooções’ e gritos em coro de *“Ah! Eu tô formando! Ah! Eu tô formando!”* Esses gritos ecoaram em todos os momentos e etapas das atividades, que foram promovidas ao longo do ano por aqueles alunos da terceira série do Colégio Universitário e ouvido também nas interrupções que eles provocaram, com humor, nas aulas das turmas da segunda série. Este fato levava ao desespero a Direção do Colégio e os professores que tentavam inutilmente contê-los.

Todos os anos essa história se repetia provocando repreensões, reuniões da Direção com os membros da ‘Comissão de Formatura’, embora fosse difícil conter a explosão de alegria e ansiedade daqueles que estavam se preparando para deixar o colégio. Ao mesmo tempo, podia ser sentido um choro contido dos alunos, por terem que fazê-lo. Esse pranto romperia novamente nas diversas atividades da ‘formatura’⁸.

Muitas vezes vários desses estudantes fizeram esse percurso de pouca distância que separa a sede do colégio e o Recanto das Cigarras. Alguns gazeteando aulas para namorar, outros procurando alguma das mesas sobre as árvores para estudar para prova, ou simplesmente tocar violão em roda de amigos. Mas também para atividades pedagógicas como aulas de ecologia com os professores de Biologia, ou lúdicas como algum lual promovido pelos professores de Educação Física.

A área do campus da UFV conhecida como Recanto das Cigarras é uma reserva biológica criada artificialmente no local onde, nos primórdios da universidade, foi um cafezal. Foram introduzidos espécimes nativos da Mata Atlântica, bem como outras plantas exóticas, que aos poucos se misturaram à vegetação surgida da ação espontânea da natureza, que completou o que a ação humana começara. Essa área é utilizada também pelos alunos e professores dos

⁸ Utilizaremos, a partir de agora, a denominação ‘formatura’ sempre que nos referirmos às festividades de conclusão do Ensino Médio, por ser essa a denominação utilizada pelos alunos do CAP/COLUNI.

cursos de graduação, como um laboratório para aulas de campo; servindo, ainda, como local de lazer à comunidade universitária e viçosense.

Em um espaço gramado, à sombra de grandes angicos, mesas e bancos rústicos servem como área de estudo ao ar livre pelos estudantes da UFV. Aí também se realiza churrascos de atividades festivas, como o da formatura dos alunos da graduação. Até 2004, também ocorriam shows musicais que foram proibidos, devido à parafernália sonora e a quantidade de pessoas atraídas para tais eventos que, além de depredar a área com atos de vandalismos, afastava a fauna silvestre do local.

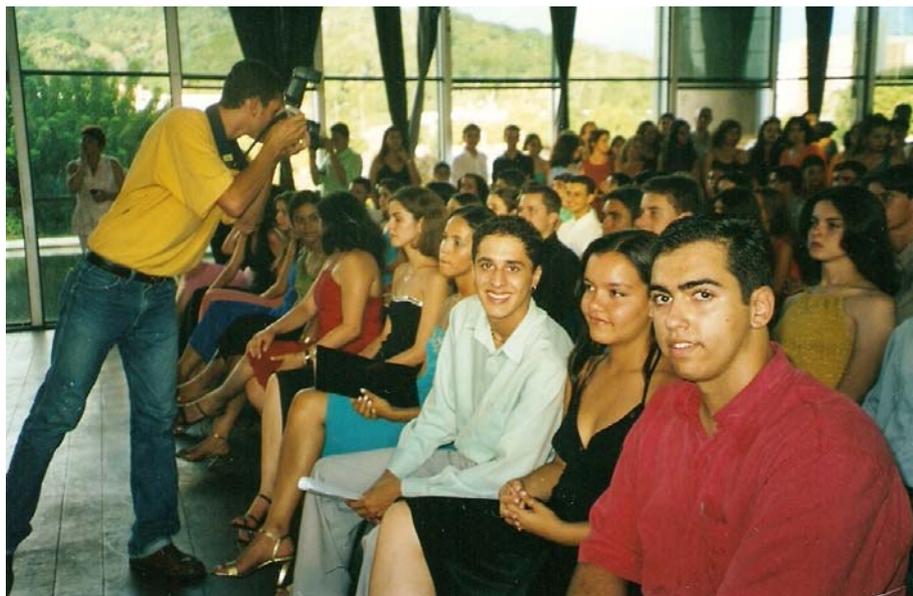
Uma grande cabana rústica, com telhado de sapé e uma dependência à moda de quiosque, juntamente com os banheiros em um canto da praça, completam o conjunto da área de churrasco. E era para essa cabana que se dirigiam os alunos formandos da terceira série do Colégio Universitário - Turma 2000-2002. O motivo da excursão festiva era a Aula da Saudade, uma das atividades comemorativas da formatura daqueles adolescentes. A aula foi ministrada por um dos professores homenageados escolhido pelos formandos. Esse professor, por ser da área de biologia, optou por aquele espaço, onde já trabalhara, em outra ocasião, o conteúdo da sua disciplina com aqueles jovens. A parafernália a ser utilizada na aula já estava montada, mas os alunos tiveram que esperar um pouco na rotatória que dá acesso ao local, onde continuaram gritando os nomes dos outros professores também homenageados e retomaram o coro: *“Ah! Eu to formando!”*.



Alunos de 2002 aguardando a Aula da Saudade no Recanto das Cigarras – (Álbum de Beliny Leão)

Esses professores preparavam as mesas para o lanche que seria oferecido após a aula. Esse lanche, com característica de festa de criança: bolo, torta, bombom, pirulito, pipoca, cachorro-quente, lembrancinhas, balões coloridos e refrigerantes tornou-se 'tradição' a partir de 1998. Além de ser uma retribuição pela homenagem, o oferecimento do lanche funciona como um rito de passagem; afinal, os professores enxergam os alunos adolescentes como crianças que, nesse momento, entrarão numa nova fase da vida. Os alunos, por sua vez, assumem uma cumplicidade com essa atitude, brincando em não querer perder a infância, ao mesmo tempo em que cultivam a vontade desafiadora de ingressar na vida adulta. O rito de passagem para eles será a entrada no curso superior depois de passarem pela maratona do concurso vestibular, para o qual vieram se preparando desde que entraram no COLUNI.

As atividades comemorativas da Formatura no COLUNI, em geral, duram dois ou três dias, sendo cópia adaptada do que acontece na formatura dos cursos de graduação da universidade. Daí a explicação para o uso do termo 'Formatura' pelos alunos. No primeiro dia, ocorre a Aula da Saudade pela manhã, um momento descontraído entre alunos e professores; à noite, realiza-se Missa Solene e Culto Evangélico com a participação de familiares e da sociedade viçosense. No dia seguinte, acontece a Cerimônia Solene de Conclusão do Ensino Médio, com participação de membros da administração superior da universidade. Os alunos insistem em chamar essa cerimônia de 'colação de grau', imitando a denominação do que acontece na graduação. A Direção, no entanto, a denomina 'Solenidade de Homenagens'. Independentemente da denominação, para os alunos, trata-se de um momento para mostrarem à comunidade universitária e aos pais o resultado dos três anos de COLUNI.



Cerimônia de Conclusão do Ensino Médio da turma de 2000-2002 no Centro de Vivência – (Álbum de Beliny Leão)

O coroamento das festividades é o Baile de Gala, em que os meninos usam terno e gravata e as meninas viram 'cinderelas'. As preparações para essas festividades começam quando ainda estão na segunda série, com o pagamento de taxas para organizar os fundos para formatura. Além do pagamento da taxa, ao longo da terceira série, promovem festas, churrascos, rifas, barraquinhas e outros eventos.



Camiseta da comissão de formatura da turma de 2002 – 'ComisSão e ComiBêbado' (Acervo Pessoal)

O que pode ser observado nessas festas de formatura da terceira série do COLUNI é uma verdadeira disputa entre as turmas de um ano para o outro em tentar superar o brilho da festa do ano anterior.

A festa não termina com o baile. No dia seguinte, os concluintes se dirigem a um sítio, alugado com o propósito de estender os festejos por mais dois dias com churrasco. Esse é um momento só deles, denominado de 'Churrasco do Desespero' ou da 'Última Ficção'. É como se quisessem que aquilo tudo não terminasse, acontecendo um grande choro coletivo com promessas de não se dispersarem e se reencontrarem após cinco anos, numa festa para lembrarem aqueles anos vividos no COLUNI. Podemos considerar esse o momento da despedida do que ainda restava de coração de criança, do 'sorriso de menino' que o poeta cantou.



O Professor Luciano Pelúzio ministrando a Aula da Saudade no Recanto das Cigarras (Álbum de Beliny Leão).

A Aula da Saudade acontece em meio a brincadeiras, com o uso de fotos das diversas fases dos alunos na sua passagem pelo COLUNI. Eles vibram em rememorar aqueles momentos pelo olhar do professor. Fazem gozações com os colegas, se emocionam, quando o professor engasga ao lembrar de algum fato daquela turma que marcou a sua história de vida. Todos aplaudem, gritam, cantam e, ao final da apresentação, cercam o professor entre lágrimas para um abraço coletivo que chamam de "tchu-tchu". Depois muitos outros tchu-tchus vão sendo dados nos outros professores e naqueles colegas vistos como mascotes das turmas.

No contexto estudantil do COLUNI, o “tchu-tchu” acontece sempre no pátio e corredores do colégio por ocasião de explosões de alegria ou nos aniversários. Consiste em fazer uma roda, com o homenageado no meio, enquanto abraçados, giram em torno desse, cantando um refrão acompanhado de uma umbigada erotizada, que é o tchu-tchu. A letra não diz muita coisa; o grande significado é a manifestação de afeto coletivo, através do contato físico. Eis a letra do refrão:

*No meio da floresta,
Tinha uma coruja.
Em noite de lua
Eu vi ela cantar.
Tchu-tchu! Tchu-tchu
Tchu-tchu! Tchu-tchu!*

Distribuí-se, então, o lanche com a organização de uma fila em que ficam parecendo meninos e meninas de escola primária na hora da merenda escolar. Então acontecem empurrões alegres, furação de fila, alguns retornam para o final da fila comendo depressa para ganharem outro pedaço de bolo ou torta.



Lanche oferecido pelos professores homenageados aos concluintes de 2002 (Álbum de Beliny Leão).

Depois eles se espalham pela área da cabana, sentados em grupos ou nas suas ‘panelinhas’, fazendo planos para o baile ou articulações amorosas para o churrasco. Outros mais compenetrados comentam sobre a maratona de provas de vestibular que enfrentarão nas próximas semanas, quando voltarem para o ‘mundo real’. Alguns até já fizeram alguma etapa de vestibular. Falam sobre questões de

prova, temas de redação, obras literárias, ponto de corte, concorrência, cursos pretendidos e outros assuntos que povoam suas mentes desde quando prestaram o exame de seleção para o COLUNI em 1999, que carinhosamente, passaram a chamar de 'LOCUNI'.

1.1 - A FORÇA DA TRADIÇÃO: MEMÓRIAS DE HISTÓRIA DE SUCESSOS DO CAP/COLUNI DA UFV

O grande sucesso dos alunos egressos do COLUNI atravessa toda a trajetória histórica dessa instituição, desde os anos iniciais nas décadas de 1960 e 70, até a sua transformação em Colégio de Aplicação no início do século XXI. No link do Colégio na página da Universidade, além de informações gerais sobre a instituição, destaca-se o elevado índice de aprovação dos alunos recém-formados no ano de 2006, com um percentual de 81%. Esse desempenho foi satisfatório a despeito dos transtornos que sempre ocorrem quando da reposição de calendário escolar em anos de greve, como a de 2005.

O prestígio que a instituição adquiriu na Zona da Mata Mineira está relacionado a uma expectativa social de sucesso no vestibular, e também ao bom desempenho desses mesmos alunos na vida acadêmica, profissional ou em outros estudos posteriores à graduação. Essas expectativas são criadas em Viçosa e demais cidades da microrregião, que recebem a influência da UFV, extrapolando também as fronteiras do estado, pela migração de ex-alunos para universidades de outros estados da federação.

Esses ex-alunos, embora não tenham uma associação formalizada, como no caso dos ex-alunos da UFV, continuam mantendo um vínculo estreito com os colegas de turma e o Colégio. Essa interação pode ser observada no sistema de comunicação midiática do Orkut, com diversas comunidades criadas para manter contato, marcar reencontros, falar das suas trajetórias no mundo acadêmico, dar dicas de oportunidades para os que estão formando, ou amparar e acolher os novatos que estão indo para alguma universidade fora do circuito de Viçosa. E o ponto de referência, é sempre a passagem pelo COLUNI, o que os faz ter um

sentimento de pertencimento como de uma família. Alguns chegam a utilizar a expressão “Família COLUNI”.

A nosso ver a força dessa tradição de sucesso no vestibular e preparo para a vida acadêmica foi o que sempre respaldou a justificativa de continuidade do colégio dentro da Universidade Federal de Viçosa. Tradição essa sempre evocada nos momentos de crises ou de mudanças das políticas públicas para a educação superior e secundária no país, nos quarenta anos do COLUNI.

O apelo a essa tradição de sucessos pode ser percebido tanto na fala de ex-alunos, quando mantém seus vínculos de amizade e companheirismo mesmo após a sua formação superior, quanto no interesse de que seus familiares (irmãos mais novos, primos ou conhecidos das suas cidades de origem) prestem exame de seleção para ingressarem no colégio.

Para BOSI (2004, p.22), a memória coletiva produzida no interior de uma classe, remete a um *‘poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, de idéias e valores que dão identidade àquela classe’*. A nosso ver, o discurso em torno da história de sucessos do COLUNI é atualizado na memória coletiva da instituição, criando uma expectativa social em torno dela própria que justificaria tanto o seu projeto político pedagógico quanto a tradição em relação a ela atribuída.

Nossa primeira questão: como ocorrem a produção, a apropriação e atualização dessa memória de uma história de sucessos dos ex-alunos do CAP/COLUNI da UFV?

Uma primeira hipótese para a análise é a de que essa história de sucessos pode ser compreendida como uma “tradição inventada”, na acepção apreendida em HOBSEBAWM (1984, p. 09) como sendo,

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

HOBSEBAWM (1984, p.17) aponta que esse conceito de “tradição inventada” é utilizado num *“sentido amplo, mas nunca indefinido”*. A tradição inventada pode ser realmente construída e *“formalmente institucionalizada”*, mas existe também aquela cuja identificação temporal do seu surgimento seria difícil. Essa seria estabelecida de uma forma rápida assim como também a sua difusão.

As tradições inventadas constituiriam uma relação com o passado, podendo ser esse real ou construído, no sentido de tornar-se uma história institucional ou oficial, para estabelecer com o mesmo uma continuidade no presente. Ou seja, a referência ao passado daria significação à necessidade da sua permanência como uma forma de justificar uma determinada realidade presente. A justificação da realidade presente seria buscada na valoração do que foi construído anteriormente, procurando preservar e até repetir em certa medida o que social e institucionalmente foi definido como válido de ser transmitido às novas gerações. Assim o presente fica como que vinculado a uma noção de memória institucionalizada ou oficializada, da qual não se pode desviar, para não correr o risco da perda de uma noção identitária (nacional, local, institucional, ou social) que lhe dá status de singularidade e de pertencimento.

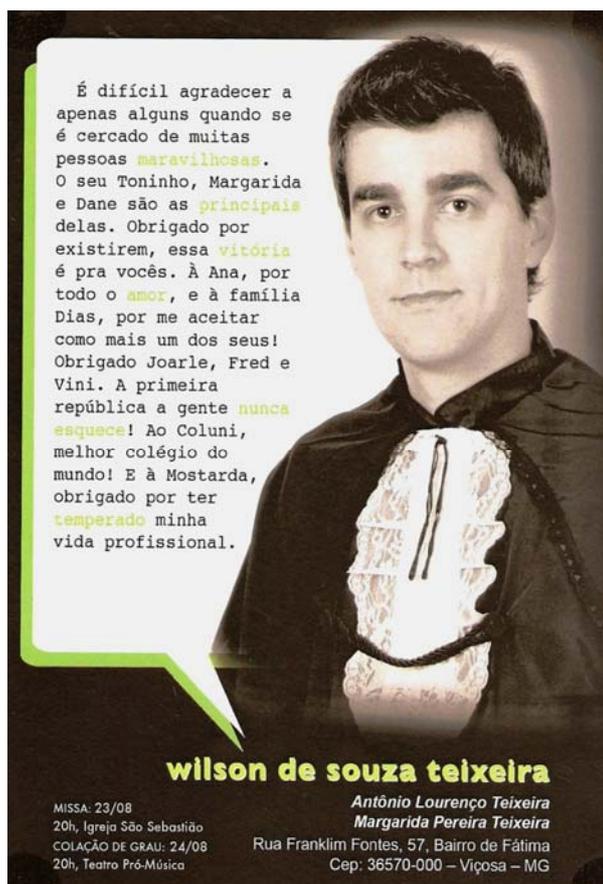
A criação de elementos identitários para uma instituição estabelece para si uma legitimidade e que lhe confere status e simboliza uma coesão social. A invenção de uma “nova” tradição deve ser acompanhada de um processo de formalização e ritualização com referências ao passado. Nesse aspecto é sempre interessante a utilização de elementos antigos, mas buscando uma nova roupagem, o que HOBBSAWM (1984, p. 17) assinala como a invenção de *‘novos acessórios ou linguagens’* com a ampliação do *‘velho vocabulário simbólico’* no qual a atividade de *‘socialização, de inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamentos’*, é necessária na categorização e invenção para essa *‘nova tradição’*.

A instituição escolar constitui um espaço importante para a inculcação, apropriação e realimentação da idéia de pertencimento e de identidade com um grupo maior no que se refere à coesão social, que tenha uma tradição específica. Ao mesmo tempo, a instituição escolar também possui uma tradição que lhe é própria, que lhe dá significação, com suas regras, seus símbolos, seus ritos, sua cultura, o que lhe confere identidade a ser apropriada, repetida, traduzida e realimentada. No caso do CAP/COLUNI, observamos que nele ocorre a disseminação pelos ex-alunos e professores, ao se referirem ao colégio, com o que estamos identificando pelo nome de *‘Família COLUNI’*.

O desdobramento da nossa primeira indagação nos remete ao seguinte questionamento: de que forma essa memória coletiva de história de sucesso é apropriada e atualizada pelas novas gerações de alunos?

Um indício importante para rastrear respostas para essa questão de disseminação ou propagação da história de sucessos poderia estar na ocorrência de laços de parentescos dos ex-alunos do COLUNI entre si, bem como entre eles e os membros da comunidade ufeviana. Eis aí razões para a adoção do conceito de 'Família COLUNI'. Podemos constatar muitos casos de membros provenientes do mesmo grupo familiar (pais, tios, sobrinhos, irmãos, primos) que estudaram no colégio ou na UFV, ou membros da UFV que tenham tido alguma forma de relacionamento institucional ou afetivo com o COLUNI.

A atualização desse discurso de história de sucessos pelos ex-alunos pode ser observada nos pontos de contato em que a cultura e a rotina escolar do colégio se misturam com a dos alunos de graduação da UFV. Como exemplo, podemos citar: a imitação dos rituais, em menor escala, da cerimônia de formatura; na confecção de álbuns de biografias; nos reencontros de ex-alunos após cinco e dez anos de formados; nas visitas recorrentes de ex-alunos aos professores do colégio; ou no envio de notícia sobre os sucessos da sua carreira acadêmica posterior ao COLUNI; no envio de convites, para os professores, quando estão formando na graduação, com mensagens de agradecimento ao colégio, destacando a importância que esse teve no início da sua formação ou opção por uma determinada carreira profissional. A seguir, trazemos como exemplo, o 'santinho' do convite de formatura no curso de Comunicação Social da UFJF, de Wilson de Souza Teixeira no qual ele agradece ao COLUNI e cita-o como 'o melhor colégio do mundo'.



Outro exemplo que ilustra e reforça a existência de um sentimento de identidade, através do discurso de memórias de Histórias de Sucesso e dos afetos que são construídos pelos ex-alunos do CAP/COLUNI, pode ser visto na mensagem que recebemos durante o período desse estudo, um *e-mail* enviado pelo ex-aluno da Turma de 1998-2000, Tiago Fonseca, o 'Druida'. No qual ele fazia questão de participar ao ex-professor (que ele guarda como um amigo) a sua recente aprovação em um concurso público para Procurador da Fazenda Nacional. Druida faz questão de registrar que esse seu sucesso atual, um momento importante da sua vida, foi algo que começou em uma memória individual construída no tempo em que estudou no CAP/COLUNI. Que para ele teve um significado maior, o do afeto através das amizades ali cultivadas. Essas amizades foram os principais combustíveis que alimentaram o seu sentimento de identidade e de pertencimento ao colégio. Isso pode ser observado nas partes grifadas do seu depoimento citado abaixo:

Hoje, infelizmente, aqueles que pretendem ingressar no mundo jurídico pensam o Direito como um meio, como um instrumento para conquistar sucesso nos disputados concursos, vistos, muitas vezes, como a entrada para uma vida nova. Apesar de não vê-lo como meio e de continuar acreditando no Direito como fonte de transformação

*política, social e, por que não, como fonte de amor e de poesia, também eu tive que abdicar de muitos dos meus prazeres e abraçar uma rotina de estudos desgastante e estritamente pragmática, para conseguir a aprovação num concurso público que acreditei que valesse a pena. No inesquecível dia em que vi meu nome publicado no Diário Oficial, após dar a notícia à minha família, involuntariamente liguei para quatro amigos: Duarte, Tucano, Calango e Guiri. Dias depois, percebi que os quatro amigos tinham um vínculo comum. Todos os quatro são amigos que fiz no Coluni! E o fato, que não é uma coincidência, é interessante porque deixei o Coluni faz oito anos! Em oito anos, vivi muita coisa. Vivi uma vida universitária, vivi o início de uma carreira, vivi novos amores, vivi novos amigos... Por que, então, no momento talvez de maior realização para mim, preferi instintivamente dividir a alegria retornando aos tempos do Coluni? **Concluí que devia realmente comemorar com meus grandes e eternos amigos de Viçosa porque o Coluni não faz parte do meu passado, mas faz parte de mim.** Tudo que aprendi e que apreendi no Coluni, muito mais que influenciar, me transformou. Orientou meus planos, meus sentidos, meus sonhos. Planos, sentidos e sonhos fatalmente se perdem no tempo. Os planos sentidos e sonhos que tinha quando era “embrião” do Coluni certamente foram renovados e hoje são novas aspirações. Mas acredito que o Coluni me ensinou a separar aquilo que realmente deve ser planejado, como as coisas devem ser sentidas, com o que vale a pena sonharmos. Isso não se esvai com o passar dos anos. **Entreí no Coluni Tiago. Saí do Coluni Druida. O Tiago é comum e momentâneo. O Druida é único e é para sempre.** (Grifos nossos).
(Depoimento recebido em 11 de Março de 2008)*

Nas partes que grifamos do depoimento deste ex-aluno, além do sentimento de gratidão podem ser observados tanto a afetividade pelas amizades construídas no CAP/COLUNI, pelo qual esse se identifica com o colégio, e que lhe retorna como sentimento de pertencimento. Assim como ao reforço da idéia de que foi ali que começou para ele, uma História de sucesso na vida acadêmica e profissional.

1.2. BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR

A Universidade Federal de Viçosa constitui uma comunidade educacional de grande importância científica e acadêmica no cenário nacional. O seu corpo docente forma uma elite intelectual e científica especializada e detentora das várias formas de capitais na acepção descrita por BOURDIEU (1980). Essa fração de classe, caracterizada pela identidade sócio-profissional, dá continuidade ao princípio original da fundação da instituição, a antiga ESAV, o “Aprender Fazendo”. A criação de uma expectativa de sucesso transformou-se na busca de uma excelência acadêmica e científica dos alunos de graduação e de pós-graduação que é constantemente realimentada pelo corpo docente.

As práticas educacionais e científicas dessa elite profissional, imbuída desse propósito de produção acadêmica pragmática e de qualidade, que engrandece o prestígio da instituição (tão rememorado pelos cultivadores do “espírito esaviano”) além de dar uma marca distintiva identitária e de pertencimento a UFV, também cria um “*campo específico de produção simbólica*” (BOURDIEU, 1989). Esse campo, pelo aspecto de ser um espaço intelectual e científico onde determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado, é também o locus de difusão da filosofia de pensamento que envolve essa produção. Dessa forma, o campus universitário, através das trocas, experiências e práticas dos que ali temporariamente vivem – alunos, professores e funcionários – é o espaço primordial para a socialização de todos, na inculcação e difusão do “habitus”, que garantiria a apropriação e a continuidade do mito original da tradição esaviana: uma história de sucessos acadêmicos, científicos e profissionais.

BOURDIEU (1989), ao elaborar uma teoria que permitisse explicar a ação social dos indivíduos, propõe uma articulação entre as dimensões individuais do ‘agente’ (já que esse autor evita usar o termo ‘sujeito’) e as contingências sociais do mundo em que esse está inserido. Para esse teórico, as ações do agente não seriam só escolhas, mas também constrangimentos impostos pelo mundo social organizado, estruturado e hierarquizado. Ou seja, pelo fato de o ‘agente’ ter uma relação dinâmica e histórica com o seu passado, a sua ação se desenvolveria socialmente e não isoladamente como um ser autônomo de maneira neutra e estritamente racional e consciente.

Essa vertente sociológica, que ficou conhecida como da Reprodução, teve seu desenvolvimento e expansão a partir das décadas de 60 e 70 do século passado, na qual Pierre BOURDIEU e Claude PASSERON foram os principais expoentes. Estes buscaram canalizar a compreensão para o baixo resultado de rendimento escolar em termos de diferentes posições sócio-culturais do educando. Segundo eles o ‘fracasso escolar’ das crianças atribui-se ao que chamam “*herança negativa*”, no que diz respeito ao capital cultural e familiar, incorporados pelas mesmas, quando da chegada ao universo escolar. A constatação desses sociólogos é de que as crianças oriundas das categorias sócio-profissionais populares são aquelas mais fadadas a um resultado negativo de desempenho escolar. Essa interpretação sociológica definiu uma noção de “*fracasso escolar*” que depois foi

amplamente difundida como uma conseqüência “natural” da reprodução das diferenças sociais dos pais nos diferentes desempenhos escolares dos filhos.

Dessa forma o indivíduo seria portador de uma bagagem socialmente herdada, que BOURDIEU (1994, p. 15) denomina de “*disposições incorporadas*”, no sentido literal de estarem entranhadas no corpo. Essas disposições podem ser herdadas da família, de seus valores e hábitos; do grupo social do qual originalmente o indivíduo faz parte, com suas normas e hierarquias; ou aprendidas no processo da socialização nesse grupo ou em outros com os quais toma contato. Esse sociólogo francês lançou mão, então, de uma noção da escolástica medieval, a idéia de *habitus*, centrada na dimensão de um aprendizado passado para seu *constructo* teórico. Sua preocupação era compreender e explicar como acontece a reprodução da dominação simbólica na modernidade, sobretudo através do sistema escolar. Na concepção bourdieusiana a idéia de *habitus* pode ser identificada como um conhecimento adquirido, mas, ao mesmo tempo, um haver, ou seja, um capital. Ele define o ‘habitus’ como

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo.

Podemos, então, considerar, ao recorrermos a esse conceito de BOURDIEU (1994), que a ação social do indivíduo pode advir tanto das estruturas sociais herdadas, quanto de uma escolha ou cálculo racional, que seria mediada pelo que ele denomina de ‘*sistema de disposições duráveis*’. Essas disposições funcionam ‘*como princípio que gera e estrutura as práticas e representações*’ da ação do sujeito que, embora estas possam ser ‘regulamentadas’, isso não se dá através da obediência a normas ou regras estabelecidas.

Nesse sentido, a escola enquanto instituição adquiriu uma importância muito grande na socialização do indivíduo através inculcação de valores, hábitos e normas. Assim como também na estruturação para novas experiências e hábitos ao longo da sua vida escolar do educando ulterior a formação primária.

Já LAHIRE (2006), tenta explicar o sucesso e o fracasso escolar das crianças de classes populares no sistema educacional francês, distanciando-se das

conclusões dos Sociólogos da Reprodução como BOURDIEU, que reduzem esse resultado de desempenho escolar, à origem social do indivíduo. Com um olhar investigativo diferente, esse autor sinaliza para a necessidade de que, para uma compreensão dessas situações (de sucesso e de fracasso escolar), deve ser levada em conta à análise das disposições culturais diferenciadas que os alunos tenham em relação à escolarização.

Dessa maneira, na perspectiva de LAHIRE (2006), a noção de “*habitus*” utilizado por BOURDIEU que consiste em uma simples variação do *habitus* coletivo, não dá conta de explicar suficientemente a situação de sucesso ou de fracasso escolar. Uma vez que essa noção, usada pelos Sociólogos da Reprodução, desenvolve-se em uma perspectiva unidirecional, sendo incapaz de explicar as diferenças sociais e variações de comportamentos individuais. Isso dado pela tendência dos indivíduos comportarem-se de modos diferentes em contextos similares no mundo social. Segundo LAHIRE (2006, p. 18),

A pluralidade de disposições e de competências, por um lado, e a variedade de contextos de sua efetivação, por outro, é que podem explicar sociologicamente a variação de comportamentos de um mesmo indivíduo, em função de campos de práticas, de propriedades do contexto de ação ou as circunstâncias mais singulares da prática.

Quando LAHIRE (2006) chama a atenção para as diferenciações de disposições culturais individuais, não abandona de todo a noção de *habitus* bourdieusiana, mas busca o seu aprimoramento, defendendo que uma compreensão para o sucesso ou fracasso do aluno deve ser buscada, não apenas através da derivação da participação do indivíduo em apenas uma esfera da vida social, mas também na adequação dessas disposições à escala individual.

A distinção escolar do indivíduo, que redunde em sucesso ou fracasso, depende de ajustamentos diferentes dos alunos bem como na dinâmica interna das famílias e das instituições na suas adequações a diferentes situações. Uma vez que

A verdade individual não se encontra como que encerrada ou encapsulada nos limites de um cérebro ou de um corpo, mas revelada no desenvolvimento e na variedade (diacrônica e sincrônica) das ações e de práticas do indivíduo em questão. (LAHIRE, 2006, p.20).

Pelo fato de atores sociais carregarem em si uma síntese de experiências anteriores, constituindo continuamente, novas experiências, os resultados para interpretar o sentido de desenvolvimentos diferentes para a os indivíduos em contextos sociais similares, devem ser buscados no cruzamento das disposições incorporadas pela memória individual e as circunstâncias ou contingências em curso, que atuam na fabricação do indivíduo. Nessa perspectiva para LAHIRE (2006), a escola e a escolarização cumprem, assim, um papel fundamental nesse processo enquanto meio de socialização básico e de longa duração (até pela sua obrigatoriedade na sociedade moderna). A instituição escolar estimula ao mesmo tempo competências e disposições no indivíduo para o seu desenvolvimento, distinção e adaptação aos diversos meios em que esse se insere.

Outra idéia desenvolvida por BOURDIEU (1998) para tentar explicar como as crianças provenientes de classes sociais diferentes obtêm resultados desiguais no desempenho escolar, no que diz respeito ao ‘sucesso e ao fracasso escolar’ é a noção de origem e acumulação de capital cultural.

Admitindo a existência de outras formas de capitais como o econômico e o social na influência desse fenômeno, e que de certa forma estariam relacionados entre si, BOURDIEU (1998, p. 73) centra a sua atenção na análise da acumulação inicial do capital cultural pelo indivíduo. Para ele a transmissão doméstica do capital cultural seria ‘*o mais oculto e socialmente determinante dos investimentos educativos*’. Dessa forma, o rendimento escolar dependeria em grande parte do capital cultural previamente acumulado pela família do sujeito. Esse capital seria herdado e estaria a serviço do agente que o dispõe.

BOURDIEU (1998) fala em três formas de capital cultural que atuariam nesse processo de acumulação, e que teria importância no rendimento escolar – no estado incorporado; no estado objetivado e no estado institucionalizado⁹. A forma de estado incorporado seria na perspectiva bourdiesiana a fundamental por estar ligado ao ‘corpo’ e pressupor uma ‘incorporação’. Onde o indivíduo deve ser trabalhado em um processo de inculcação e de assimilação. Isso se daria pelo ato pessoal de ‘*cultivar-se*’, no qual o capital cultural tornar-se-ia ‘*parte integrante da pessoa, um habitus*.’ BOURDIEU (1998, p. 17). Essa forma de capital constituiria em um

⁹ No estado incorporado seria “sob a forma de disposições duráveis no organismo”; no estado objetivado estaria “sob a forma de bens culturais como quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, etc.,” e no estado institucionalizado seria o que “confere ao capital cultural propriedade inteiramente originais, como por exemplo, o certificado escolar”.

processo de inculcação social, como por exemplo, familiar e social que levaria certo tempo, mais ou menos longo, para a sua efetivação.

A acumulação do capital cultural pelo sujeito englobaria a totalidade do tempo da sua socialização, começando desde a sua origem, daí porque BOURDIEU (1998) assinala a importância de dependência do sujeito em relação ao capital que foi incorporado pelo conjunto da família. A transmissão seria a forma mais dissimulada de transmissão hereditária do capital.

Nesse ponto ocorre uma ligação entre o capital econômico e social e o cultural familiar. Por ser um empreendimento prolongado, as famílias com melhores condições em termos econômicos e de amplo leque de relações sociais, podem disponibilizar mais tempo livres para assegurar aos agentes condições melhores para essa acumulação.

Donde se pode compreender que as conclusões de BOURDIEU (1998), acerca de crianças provenientes de classes sociais com baixo capital econômico e social, teriam um nível inferior de possibilidades para o acumulo inicial de capital cultural. Esse teórico sinaliza para a evidência de um fracasso escolar mais provável desses indivíduos.

Em relação à idéia de herança sócio-cultural, advinda de um capital familiar incorporado, utilizada por Bourdieu e pela Sociologia da Reprodução, CHARLOT (2000) questiona a abrangência e o reducionismo dessa visão. A reprodução dos valores e aspirações dos pais em relação aos filhos, só pode ocorrer se fizer sentido, ou se houver desejo da parte do jovem pelas estratégias traçadas pelos pais em relação a uma vida escolar pré-estabelecida. No dizer de CHARLOT (2000, p. 231):

O sucesso na escola não seria apenas questão de capital, mas de trabalho, mas exatamente de atividades práticas (...) Uma atividade não depende apenas da posição social dos 'agentes', ou de seus pais... Mas também das regras que regem a atividade, se essas regras não são respeitadas, a atividade não alcança a sua meta, é ineficaz.

Essa discussão teórica sedimenta a investigação e análise do estudo de casos de grupos familiares de ex-alunos do CAP/COLUNI, tema do terceiro capítulo desta dissertação, quando mostraremos que essa herança não acontece apenas na transmissão de capital cultural, como reprodução dos valores e aspirações dos pais nos filhos. O processo só ocorre, conforme tentaremos demonstrar com o estudo de

casos, se fizer sentido para o jovem e houver desejo seu pelas estratégias traçadas pelos pais para a expectativa em relação a sua vida escolar.

Atualmente alguns aspectos das idéias dos sociólogos da Reprodução têm sido questionados através de novas questões sobre o que seja o 'fracasso escolar', principalmente da perspectiva de resgatar uma sociologia que leve em conta o sujeito. Que enquanto indivíduo age conscientemente, ou seja, tem uma interpretação de significações, na sua relação com o saber escolar e conhecimento de mundo. Isso implica em fator importante para compreender o que ocasiona o sucesso ou o fracasso de um indivíduo no meio escolar. A própria noção de 'fracasso' é relativizada, pois pressupõe muitas variáveis que permeia esse tipo de visão difundido a partir dos escritos de Bourdieu.

CHARLOT (2001. P. 16) admite a concordância com a idéia defendida pela Sociologia da Reprodução de que *'a relação dos alunos com o(s) saber (es) não é a mesma nas diferentes classes sociais'*. No entanto, não é possível generalizar essa interpretação e reduzir a situação do fracasso às condições sócio-culturais. Pois são encontradas situações de resultados de alunos economicamente desfavorecidos bem sucedidos e alunos de classes favorecidas em situação de 'fracasso escolar'. Ou mesmo resultados diferenciados em que as duas situações acontecem no mesmo grupo familiar.

Para esse pesquisador da Educação é importante tentar uma compreensão da idéia do 'fracasso escolar' pela forma como o sujeito enquanto indivíduo *'constrói uma relação com o saber, que ao mesmo tempo, tenha a marca da origem social e não seja determinada por essa origem'* (CHARLOT, 2001, p.16) Para se buscar nova base teórica sócio-antropológica que (re) signifique o que se entende por 'fracasso e sucesso escolar', pensada em termos de uma sociologia do sujeito e não apenas do que a sociedade inculca nos indivíduos, no que diz respeito às suas representações e valores. CHARLOT amplia, dessa forma, noção do *habitus* utilizada por BOURDIEU.

Nessa nova perspectiva, a incorporação de atitudes valorativas no sentido positivo de práticas de ensino-aprendizagem deve-se, também, levar em consideração às diversas variáveis que influenciam na relação entre os jovens e o saber, como: origem (sócio-cultural e de gênero); o contexto institucional; acontecimentos e relações ligadas á história familiar e pessoal. O indivíduo na construção de sua singularidade, está marcado por uma pluralidade de relações que

interferem em sua ação no universo escolar pela sua interpretação e conhecimento do mundo, enquanto sujeito. Para CHARLOT (2001, p. 20) ‘o sujeito é um ser humano portador de desejos (e levados pelo desejo) e envolvido em relações sociais’. Por isso a análise sobre o sucesso ou fracasso escolar pelo investigador não deve separar, no tempo, a realidade psíquica (do sujeito) e a sua socialização. Uma vez que

As disposições psíquicas do sujeito são socialmente construídas (como habitus) e a vida psíquica do sujeito singular é apenas modulação desse ‘habitus’ ao longo dos acontecimentos contingentes de sua história singular (CHARLOT, 2001, p.20)”.

Nesse excerto, depreendemos que o indivíduo pode ser, ao mesmo tempo, escolhas e contingências, e o resultado positivo ou negativo de fracasso ou sucesso escolar depende da importância que ele estabelece com a escola e o saber.

No que diz respeito ao aspecto institucional deve-se considerar que, a escola também tem uma relação própria com o saber. Além de ser o *locus* por excelência de recebimento de alunos diferentemente dotados de relação com os saberes é também o lugar que induz a relação com os saberes. Dessa maneira, através de um conjunto de atividades pedagógicas, práticas sociais diversas e normas específicas que se pode induzir ao sucesso (ou ao fracasso) o indivíduo que se adapte (ou não) a relação com o saber definido por essa instituição, como sendo válido e aceito pelo grupo social ou contexto na qual está imersa. Essa adaptação também é significada pela escolha e importância da interpretação produzida dos sujeitos que nela estão envolvidos.

A nosso ver a história de sucesso escolar que é cultivada pelos ex-alunos do CAP/COLUNI, que procuraremos analisar nesse estudo, está embasada tanto na força da tradição do discurso socialmente construído sobre o colégio - por professores, alunos, seus familiares, a comunidade universitária da UFV e a sociedade viçosense – como também tem a ver, principalmente, com as relações que os jovens desenvolvem com os saberes desenvolvidos e experimentados no cotidiano dessa instituição escolar. Não podendo ser restrito apenas a questão de capital cultural e familiar. Uma vez que além da história de sucessos também existe o seu contraponto, a história dos insucessos, que como foi comentado na introdução não é objeto da análise desse estudo.

Utilizaremos também como referenciais teóricos o estudo etnográfico de ROCKWELL (1995, p. 13) para buscar a compreensão da experiência escolar através da análise qualitativa de registros etnográficos do que acontece cotidianamente na escola. Segundo essa autora *o tempo passado na escola deixa vestígios na vida dos alunos*. Essa experiência escolar varia de acordo com a sociedade assim como de uma escola para outra numa mesma sociedade. Como experiência formativa no sentido oficializado pela estrutura burocrático-pedagógica, as práticas cotidianas ali experimentadas pelos alunos propiciam-lhes e igualmente aos professores a apropriação de *‘diversos conhecimentos, valores, formas de viver e sobreviver’* (p.13).

Essa autora utiliza o termo “huellas”, cujos significados estão assim no Dicionário de Espanhol: 1 – *pegada*; 2 – *pisada*; 3 – *senal*; 4 – *vestigio*; e no sentido figurativo ¹⁰ para se referir aos ‘vestígios’ que a escola deixa na vida das pessoas.

Já as análises de MAFFESSOLI (2006), sobre as experiências e práticas cotidianas que dão significação e identidade a um determinado grupo ou comunidade no contexto do que é conhecido como Pós-Modernidade. Suas idéias e conceitos servirão para embasar também a nossa busca na compreensão da visão de memória coletiva de Histórias de Sucessos dos ex-alunos CAP/COLUNI, que lhes permitem criar uma identidade de grupo através da comunhão com essa ‘tradição inventada’, bem como das outras tradições dela decorrentes – como as de ‘Família COLUNI’, e a de *‘Melhor Colégio do Mundo’* – tão difundido por eles.

Dessa maneira, pensar em compreender uma história de sucesso dos ex-alunos do CAP/COLUNI torna-se importante levar em conta as influências do ambiente universitário, as relações sociais do indivíduo e também a singularidade desse indivíduo, construída como uma síntese humana. Através de histórias de vidas que se cruzam nessa instituição escolar

¹⁰ MICHAELLIS. Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2003.

CAPÍTULO 2 – A UFV E O CAP/COLUNI: RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E HISTÓRICAS.

Viçosa é um município mineiro que adquiriu relevo na história política e cultural do estado e do país, a partir da década de 1920. Segundo uma pesquisadora da história e das tradições culturais da região, Maria do Carmo Tafuri PANIAGO (1990, p. 13), em estudo de cunho antropológico sobre as mudanças socioculturais, vividas por esse Município dois fatores fundamentais marcaram a sua História: *‘a influência incontestável do líder político viçosense Arthur da Silva Bernardes e a atuação da Universidade Federal de Viçosa, instituição de renome nacional nas Ciências Agrárias’*.

Neste capítulo, abordaremos, principalmente, o Histórico da Universidade Federal de Viçosa, criada originalmente como Escola Superior de Agricultura e Veterinária, na década de 1920; e a do seu Colégio de Aplicação, criado em 1965, como Colégio Universitário - COLUNI (nome pelo qual ainda é conhecido na região e que lhe proporciona uma identidade singular, enquanto instituição de Ensino Médio da Rede Federal).

A importância da influência da UFV, para o Município de Viçosa é responsável pela sua denominação de ‘Cidade Universitária’ no contexto estadual e nacional. Esse fato pode ser comprovado não só pelo crescimento da universidade, com a criação de novos cursos e ampliação do número de vagas, como também pela implantação de outras instituições privadas de Ensino Superior na cidade¹¹, e que provoca a elevação do seu contingente populacional através da chegada de estudantes e profissionais de Ensino Superior, provenientes de diversas partes da região e do país.

A Organização Não-Governamental Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável (CENSUS), em relatório de pesquisa denominado ‘Currículo de Viçosa’ (2004), apresenta dados estatísticos que confirma a tendência do forte desenvolvimento da educação no Município principalmente no que diz respeito ao nível superior. A UFV continua a ser a principal instituição a influenciar mudanças nas estruturas econômicas e sociais da cidade. Sobre esse aspecto o relatório destaca que

¹¹ As novas instituições são: Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV), Faculdade de Viçosa (FDV) e Universidade de Viçosa (UNIVIÇOSA).

A cidade praticamente vive em função da Universidade. Vários são os empreendimentos na área de prestação de serviços, criados para atender a demanda proveniente dos estudantes, servidores e professores da UFV. Merece destaque a indústria da construção civil cujo crescimento, impulsionado pela expansão da Universidade, produz impacto sobre todos os setores da economia, sobretudo o comércio de construção, serralherias, carpintaria, além de serviços de corretagem e locação de imóveis (CRUZ et alli., 2004, p.32).

Isso se evidencia, também, no peso do setor de serviços na economia do município, correspondendo a 68,38% do PIB municipal, segundo dados do mesmo relatório (p.48).

Esse estudo estatístico também destaca que o impacto da expansão do ensino superior na cidade influencia a ampliação e o surgimento de escolas particulares na rede de Ensino Fundamental e Médio, transformando o município em um pólo educacional de expressão na região. O fato é que se pode observar o afluxo de estudantes do Ensino Médio e Fundamental dos municípios vizinhos para Viçosa, e mesmo até de lugares mais distantes do estado e do país, que optam em buscar ali a complementação da sua formação básica. Esses estudantes começam a conviver e a respirar, desde muito cedo, o ar do 'espírito de vida universitária', que impregna a vida social, cultural e econômica da cidade.

A proposta de organização desse capítulo é a de abordar as relações entre a UFV enquanto Instituição Federal de Ensino Superior e o seu Colégio de Aplicação CAP/COLUNI. Através de uma abordagem histórica das duas instituições, buscar ao mesmo tempo uma caracterização das mesmas, de forma a determinar os aspectos que lhes dão singularidade no sistema educacional do país.

2.1 - A UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS INSTITUCIONAIS.

A Universidade Federal de Viçosa foi criada em 1969, com a federalização da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG -1948-1969)¹². Esta, por

¹² Em artigo publicado na coletânea 'A Universidade Federal de Viçosa no Século XX', Edson Potsh Magalhães, Ex-Reitor da UREMG e da UFV, destaca que o processo de federalização deu início em 1950, que gerou um debate ao longo dessa década e da seguinte, sobre a consolidação da universidade como instituição estadual de

sua vez, teria como matriz original a antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), fundada em 1926, e que, desde os seus primórdios, consagrou-se como um importante centro de desenvolvimento das Ciências Agrárias no Estado de Minas Gerais.

A UFV, segundo dados estatísticos disponíveis na sua página na Internet¹³, conta atualmente com 38 Cursos de Graduação, com um total de 9.443 alunos matriculados; 30 Programas de Pós-Graduação (20 em nível de Mestrado e 10 de Doutorado) com 1.262 alunos matriculados; duas Escolas de Ensino Médio com um total de 1.039 alunos matriculados (Centro de Desenvolvimento Agrário de Florestal - CEDAF - com 558 alunos, e o Colégio de Aplicação - CAP/COLUNI com 481); Docentes de Ensino Superior: 798; Docentes de Ensino Médio: 77 e um total de 2.443 servidores técnico-administrativos.

Segundo WERLE (2002, p. 19) uma instituição escolar, compreendida na acepção de uma unidade escolar, com um espaço localizável e componente identificáveis na memória coletiva:

É constituída por relações de poder vinculado à figura de uma pessoa principal inaugural, que nos primórdios da instalação da instituição contribuiu para criá-la e seus 'herdeiros' que interpretam o seu ideário, aspirações e necessidades institucionais em diferentes momentos temporais.

Os autores que foram consultados na busca de dados sobre a História da UFV concordam que a criação da ESAV foi decorrente da ação e da intenção de Arthur da Silva Bernardes, à época em que foi Presidente do Estado de Minas Gerais (1918-1921). A ESAV foi oficialmente inaugurada em agosto de 1926, no último ano do seu mandato como Presidente da República (1922-1926). O interesse maior para a implantação de tal escola era o de dotar o Estado de Minas Gerais de um Instituto Superior de Estudos Agrários, no contexto de decadência da tradicional lavoura cafeeira ao final da República Oligárquica (1889-1930), com o intuito de favorecer o desenvolvimento da agricultura regional em bases modernas e científicas.

O modelo escolhido para a organização da instituição foi o dos *Land Grant Colleges* norte-americanos, que, segundo AZEVEDO (2005, p. 65) teriam sido

Ensino Superior, seguindo o modelo da Universidade de São Paulo (USP) ou a sua integração ao sistema federal, que só foi efetivado pelo Decreto No. 64.825 de 15 de Julho de 1969 (op. cit. p.105-113)

¹³ Dados referentes ao Ano de 2006, divulgados em Março de 2007, 'UFV em números'.

'fundamentados na trilogia de ensino, da pesquisa e da extensão, direcionados para os problemas da agricultura e dos agricultores no sul e meio-oeste dos Estados Unidos após a Guerra de secessão, na década de 1880'. A opção por esse modelo de organização para a ESAV trouxe para a mesma uma distinção em relação ao que até então vigorava para o Ensino Superior no país. No lugar de um ensino acadêmico e bacharelesco de matriz europeia, optou-se por um modelo pragmático norte-americano sob a perspectiva do 'Aprender Fazendo'.

Duas 'figuras inaugurais', na acepção de WERLE (2002) citada anteriormente podem ser consideradas como fundamentais na implantação da Escola e na constituição do seu *ethos*, que criou a marca da sua identidade: o Dr. Peter Henry Rolfs, do Florida Agricultural College, que foi contratado pelo Governo de Minas Gerais como superintendente dos estudos para a escolha do local da construção da escola e também o responsável pelo planejamento e fundação da mesma; e o Engenheiro-Chefe, fluminense João Carlos Bello Lisboa, encarregado de administrar as obras da construção do estabelecimento. Rolfs tornou-se o primeiro diretor da ESAV, entre 1921 e 1929, e Bello Lisboa o segundo, entre 1929 e 1936.

Apesar de serem de origens culturais distintas, um era norte-americano e o outro brasileiro, os fundadores da futura instituição superior de ensino agrário estavam sintonizados no mesmo propósito, o de criar um espírito escolar próprio para a instituição. Se Rolfs planejou o modelo, Bello Lisboa foi o grande responsável pela sua implantação e difusão. Esse segundo é considerado o elo entre a ESAV e a comunidade viçosense e da região. O fato de Bello Lisboa ter sido o administrador das obras iniciais do *campus* tinha um contato mais próximo com operários, funcionários e fornecedores e depois com os alunos pela implantação do regime de internato assim como efetivou elaboração das normas disciplinares da instituição.

A ESAV, desde o seu início, buscou aliar ensino e pesquisa através do princípio de aprender fazendo, típico do ensino pragmático dos *Land Colleges* norte-americanos. Ao mesmo tempo em que dava início ao seu maior projeto de extensão, que há 78 anos se repete: a Semana do Fazendeiro. Através desse evento, buscou-se integrar o ensino e as técnicas desenvolvidas pela escola, diretamente ao produtor rural, atendendo aos princípios e às intenções de modernização da agricultura mineira, que justificaram a sua criação.

Apesar dos bons resultados na primeira década de existência da instituição, em meados da década de 1930, em função da situação política nacional, a escola

sofreu um refluxo no âmbito do governo estadual. A partir de 1935, o governo Estadual, pela atuação do interventor Benedito Valadares, identificou a ESAV como um reduto bernardista, opositor da política varguista na esfera estadual e nacional, e desencadeou um processo de desmantelamento da mesma. Esse processo se deu através do atraso de repasse de recursos, da perda de autonomia administrativa e financeira, e do desmembramento da escola com a transferência do curso de Medicina Veterinária para Belo Horizonte (ocorrida em 1942). E até com a tentativa de transformar a escola em quartel militar em 1936, o que quase ocasionou o seu fechamento. Segundo AZEVEDO (2005, p. 97), *'não obstante este revés, enfrentado pela instituição, no âmbito da política, verifica-se também que a direção do estabelecimento tentou por diversos meios, resistir e reverter tais determinações'*.

Para enfrentar essa perseguição feita pelo governo mineiro, naquela época, uma das formas de resistência da Direção da Escola foi à utilização da estratégia de mobilização e sensibilização da opinião pública, principalmente dos fazendeiros que já percebiam os resultados positivos do projeto educacional, científico e de extensão desenvolvidos pela ESAV. Como também foi importante e o apoio dos professores e funcionários, imbuídos do chamado 'espírito esaviano'¹⁴ que fora forjado à época da construção da escola, e difundido por Rolfs e Bello Lisboa.

A partir da década de 1960, ocorreram grandes mudanças na estrutura da velha escola. Nesse período, a instituição passou por transformações internas. Ela foi transformada na UREMG, em 1948, e ao longo da década de 1950 desencadeou-se um debate para o processo da sua federalização, ocorrido em 1969 e que deu origem à UFV.

Ainda durante o período que estava na esfera do Governo Estadual, foi firmada uma parceria com a universidade norte-americana de PURDUE, que segundo o Ex-Reitor da UREMG nessa época, foi uma *'das fases mais auspiciosas da história da Universidade, que se estendeu de 1952 a 1973'* (MAGALHÃES in BORGES, 2006). Nesse período consolidou-se a vocação da Universidade enquanto centro de pesquisa, na área de Ciências Agrárias, que ampliou o prestígio, a qualificação e os poderes aquisitivos, culturais e econômicos da classe professoral e

¹⁴ O 'Espírito Esaviano' (ou *ufeviano*, como é chamado atualmente) seria uma filosofia que se traduz no estabelecimento de um tipo de comportamento ético na UFV e que é até hoje, *'apregoadado como uma maneira de se valorizar o trabalho, a dedicação quase sacerdotal do indivíduo ao progresso, ao engrandecimento da instituição'* (AZEVEDO, 2005, p.109).

dos seus servidores, colocando-os em destaque nas relações pessoais e grupais na comunidade viçosense.

Como parte do acordo e parceria entre as duas universidades, um grupo de professores norte-americanos veio residir na Universidade, convivendo com os professores brasileiros, na implantação de programas de pós-graduação. Ao mesmo tempo os professores brasileiros foram completar sua especialização em universidades norte-americanas. Embora essa parceria de treinamentos de professores em universidades norte-americanas, já acontecia desde 1937, ainda na época da antiga ESAV, que nos anos sessenta foi reforçado com esse acordo com a Universidade Purdue. O relato de um ex-professor norte-americano, que participou desse convênio de parceria, George Edward Schuh (in BORGES, 2006, p. 134) demonstra que foi uma frutífera troca de vivências e experiências, a interação com a comunidade viçosense a estadia dos professores norte-americanos:

No auge do Projeto, 17 famílias de professores americanos residiam na Vila Gianetti - 'Vila dos Professores'. Além disso, essa colônia de estrangeiros vivia em uma cidade relativamente pequena e em muitos aspectos, isolada. Mesmo assim, o tratamento recebido pelos professores foi similar ao dispensado aos professores da UFV. Os professores americanos participavam das festividades do carnaval com o mesmo entusiasmo dos professores da UFV. Em verdade, foi um relacionamento único, que contribuiu muito para o sucesso do Projeto.

Podemos perceber que foi nesse contexto do convênio com a Universidade Purdue que muitas mudanças aconteceram na UFV que foi o responsável pelo delineamento do atual perfil da instituição. Seu corpo docente tornou-se uma elite acadêmico-científica, no campo das ciências agrárias, afirmando-se uma hegemonia intelectual na região e no país.

Ao referir-se sobre o impacto da UFV nos valores educacionais e culturais da comunidade viçosense, PANIAGO (1990, p. 146) destaca que,

sob a influência da UFV, a localidade sofre uma guinada significativa: aos valores humanísticos e tradicionais que orientavam a educação em Viçosa vem, sobreporem-se o valor tecnológico e pragmático advindos da filosofia que norteou essencialmente a ESAV.

Nos estudos, memórias e análises de ex-professores, ex-alunos e colaboradores da antiga ESAV (atual UFV), que utilizamos para reconstruir esse breve relato da história da UFV, constatam que, a construção da memória coletiva

dessa Instituição de Ensino Superior, bem como das suas relações com a comunidade viçosense se desenvolveu em duas perspectivas: primeira a de forjar a identidade e o espírito escolar da instituição; e segundo, valorizando esta pela ênfase da sua integração com a comunidade. Principalmente no que diz respeito aos benefícios econômicos, sociais, culturais e científicos que a UFV trouxe para Viçosa e a região.

2.2 -O COLÉGIO UNIVERSITÁRIO - CAP/COLUNI: HISTÓRICO

O COLUNI¹⁵ foi criado pelo Conselho Universitário da Universidade Rural de Minas Gerais, em 26 de março de 1965, confirmado pelo Decreto Estadual nº. 848, de 14 de julho de 1965. O Colégio surgiu para atender a uma demanda específica ainda na época da antiga UREMG, de seus cursos de graduação, respeitando-se os aspectos normativos previstos nos termos da LDB Nº. 4.024/61¹⁶. O seu primeiro Regimento aprovado em 24 de outubro de 1966. O trecho citado a seguir desse documento sugere uma intenção original de implantar um colégio que servisse de suporte aos cursos de graduação, pois estipulava como finalidade do colégio:

Completar, nos termos da Lei 4.024/61, a educação de nível médio dos alunos que nele se matricularem, levando em conta as necessidades de recrutamento da UREMG, aplicar no campo de atividades profissionais, métodos de ensino e educação que sirvam de modelo à comunidade universitária (grifo nosso - Regimento do COLUNI, cópia mimeografada encontrada no Arquivo do Registro Escolar, CAP/COLUNI).

Os primeiros anos da criação do COLUNI foram marcados pela improvisação e por pouco registro documental. O trecho do Regimento citado anteriormente foi o primeiro registro documental encontrado nos arquivos da instituição que trata da sua criação. No entanto, ao ser confrontado com as informações acerca da segunda metade dos anos 60 e o início dos 70, obtidas através de entrevista com o primeiro

¹⁵ Nessa subseção que trata do Histórico vamos utilizar apenas a denominação de COLUNI, seguindo a ordem cronológica do seu processo histórico. Utilizaremos a nova denominação CAP/COLUNI quando ocorrer essa mudança regimental.

¹⁶ No Capítulo II da Lei 4.024, sobre a organização das universidades, está previsto no Artigo 79, parágrafo terceiro, o direito das universidades poderem “instituir colégios universitários destinados a ministrar o ensino da terceira série do ciclo colegial. Do mesmo modo poder instituir colégios técnicos universitários”. Para os concursos de habilitação (vestibular), não se faria “qualquer distinção, entre os candidatos que tenham cursado esses colégios e os que provenham de outros estabelecimentos de ensino médio”.

Diretor, Professor Jafar Untar, nomeado pela Reitoria, em 1970, ocorre uma divergência em relação a esse Regimento. Segundo o ex-Diretor, sua nomeação teria a função de organizar a estrutura do Colégio através da elaboração de um Regimento próprio (que esse foi o primeiro Regimento do COLUNI), de acordo com a legislação em vigor, bem como para atender às demandas da UFV. Esse Regimento, aprovado em 1971, nas suas finalidades educacionais estipulava:

*Integração secundarista ao meio universitário, assim como, **completar ao mesmo tempo o ensino de 2ª grau** dos alunos que nele se matricularem, **levando em conta as necessidades qualitativas e quantitativas de recrutamento da UFV**, nas suas diversas modalidades de habilitação, **em forma de um primeiro ciclo**, com fins de recuperação das insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular; orientação para escolha da profissão, realização de estudos básicos para ciclos ulteriores de graduação. (Grifo nosso. Mimeografado, Arquivo do Registro Escolar, COLUNI/UFV)*

Além de consagrar a complementação do ensino de nível médio como objetivo fundamental do COLUNI, como previsto na LDB No. 4.024, o 'Novo' Regimento deixa explícita uma função de '*nivelamento*', entre os dois níveis de ensino (Médio e Superior), destacando ser este uma espécie de '*primeiro ciclo, com fins de recuperação das insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular*'. Pode-se inferir também aqui uma adaptação da legislação às necessidades e aos interesses da universidade, para o perfil da filosofia educacional do COLUNI. O seu papel era de preparar uma 'elite' de novos alunos para os cursos de graduação, afinados com a mesma filosofia educacional que remontava à época da criação da ESAV.

Esse vínculo funcional e estrutural do COLUNI com os cursos e objetivos da UFV acredita-se foi um dos motivos que levaram às adaptações da legislação específica sobre o Ensino Médio¹⁷, ajustando-a as necessidades internas da universidade àquela época, ou seja, a de servir de nivelamento entre os alunos do ensino médio e os de ensino superior. Podemos inferir que também foi um fator responsável para a construção de uma identidade singular para o Colégio que se traduziu em uma tradição, a de preparar alunos para enfrentar o concurso vestibular. Principalmente o da UFV. Contribuindo, assim, para a sua sobrevivência como escola de nível médio, no contexto de uma IFES. Mesmo após a implantação LDB a Lei No. 5.692/71 para o Ensino Fundamental e Médio do período autoritário civil-

¹⁷ Vamos utilizar a denominação Ensino Médio da legislação atual sempre referirmos ao Ensino de 2º. Grau da Lei 5692/71.

militar. Pode se assim, levantar a hipótese de que, muitas vezes as determinações da legislação foram dribladas em relação ao COLUNI, no âmbito da UFV. Como exemplo, citamos a exigência do ensino profissionalizante em nível técnico para as escolas de Ensino Médio, fato esse que não foi implantado no COLUNI, antes de 1981, (somente tentou-se adequar a situação ao exigido pela legislação, às vésperas de tal imposição ter sido derrubada pela Lei Nº. 7.044, em 1982).

O COLUNI, desde a sua criação, adquiriu uma “feição” diferenciada que norteou a sua tradição educacional e o seu perfil enquanto escola de Ensino Médio pelos seguintes aspectos: primeiro, por ter sido implantado nos moldes dos ‘Colégios Universitários’ da LDB No. 4.024/61, funcionava apenas com a terceira série, com função preparatória para o vestibular da UFV; segundo, porque eram ensinados conteúdos específicos de disciplinas em sintonia com os cursos da Universidade, ou seja, com as necessidades das áreas de Ciências Agrárias, Biológicas, Química, e Ciências Tecnológicas; terceiro, porque essas disciplinas, no início, eram ministradas ou orientadas por professores de diversos departamentos dos cursos da graduação da Universidade.¹⁸

Segundo documentação encontrada no Arquivo do Registro Escolar o COLUNI iniciou suas atividades em 1966, *‘com 78 alunos, dos quais 54 oriundos de vários municípios de Minas Gerais e foi aos poucos ampliando o número de vagas e ganhando destaque em toda a região. Desde a primeira turma formada, já se verificava o alto índice de aprovação no vestibular da UFV’.*¹⁹

No seu início, o COLUNI funcionava em um prédio de madeira (ver foto abaixo), cedido pelo Departamento de Engenharia Florestal, no *campus*. Além disso, seus alunos podiam utilizar as dependências do restaurante Universitário, da Biblioteca Central, e faziam as atividades físicas e esportivas comuns aos alunos da graduação. Assim eles conviviam no ambiente acadêmico e participavam da sua rotina, antes mesmo de ingressarem na graduação. Isso proporcionou aos alunos do COLUNI um diferencial nos propósitos educativos e a formação de uma consciência sobre o viver em uma comunidade universitária.

¹⁸ A grade curricular que funcionou desde a criação até 1973 foi: Biologia; 5 aulas de Química, 5 aulas; Física, 5 aulas; Matemática, 5 aulas; Português, 5 aulas e Inglês, 2 aulas.

¹⁹ Esse documento datado de 1987 é uma exposição da situação das atividades do Colégio no contexto da universidade, que embora não traga referência sobre a sua elaboração, acredita-se que foi uma reação da administração do mesmo, como resposta a alguma solicitação da Administração Superior da UFV. Pois foi criada em 1988 uma Comissão com participação de membros de outros departamentos da universidade para avaliar a situação do COLUNI, por Portaria no. 715/88 da Reitoria.



Primeiro Prédio do COLUNI – (Acervo fotográfico do CAP/COLUNI)

Estabeleceu-se, então, um vínculo estreito entre os alunos do COLUNI e os estudantes dos cursos da UFV, às vezes de uma forma harmônica, outras vezes gerando conflitos. Como sobre as reclamações da bagunça e barulho dos alunos do COLUNI nos corredores do Pavilhão de Aulas - o PVA (onde o colégio funcionou, no final da década de 70 e início da de 80), na Biblioteca Central ou no Restaurante Universitário, fatos esses relatados pela Ex-Diretora e Ex-Supervisora Eny Tafuri²⁰. A Direção do Colégio se esmerava em defender seu público, apelando para o diferencial da idade e das características próprias da adolescência. O fato é que tanto da parte administrativa quanto dos alunos da UFV, o que transparece nessa situação é que se exigia em relação ao aluno do COLUNI o mesmo ritmo de estudo, além de comportamento consoante com o projeto pedagógico da universidade, pautado na dedicação e no zelo pelo conhecimento científico.

O COLUNI atravessou toda a década de 1970 com o mesmo perfil da sua criação nos anos 60, dentro dos termos da Lei. No. 4.024, e não implantou por uma década, a aplicação da Lei No. 5.692/71, no que esta determinava sobre a organização e o funcionamento do Ensino Médio no país. A partir de 1972, poucas alterações²¹ ocorreram no sentido de atender às exigências profissionalizantes da

²⁰ Entrevista com a Professora Aposentada Eny Tafuri, do Departamento de Educação da UFV em 02 de Agosto de 2006.

²¹ Uma das alterações foi a introdução das disciplinas História, Geografia e Educação Moral e Cívica na grade curricular para atender às exigências da LDB. Porém em uma situação de carga horária bastante inferior em

nova LDB e dos Pareceres do Conselho Federal de Educação a respeito das normas de organização sobre o Ensino Médio, tanto para os sistemas estaduais, quanto para os estabelecimentos de ensino vinculados ao sistema federal.

Não foram, entretanto, anos tranquilos, segundo o depoimento do primeiro Diretor da instituição, que permaneceu no cargo por treze anos. Ocorreram muitas pressões para a extinção do Colégio, por parte de professores de outros departamentos da UFV. Essa informação também foi obtida em conversas informais com outros ex-professores, mas que não especificaram quais departamentos seriam os interessados nesse fato. Os indícios dessa situação podem ser confirmados pelas informações colhidas na correspondência entre a direção e a administração superior da Universidade no início dos anos setenta. Que induz a acreditar em uma mobilização interna, da parte da Direção da escola e de seus professores colaboradores e que nos parece que contavam com um aval também da Administração Superior da UFV, no sentido de defesa da permanência do COLUNI.

Os argumentos em defesa do Colégio eram expressos em relatórios da direção para a Reitoria, com a apresentação dos elevados índices de aprovação no concurso vestibular (ver citação na página 55 desse capítulo) e, ao mesmo tempo, das reivindicações de melhorias nas estruturas físicas do Colégio que eram precárias e improvisadas e na constituição de um corpo docente que garantisse a sua sobrevivência.

A origem da construção dessa história de sucessos do COLUNI pode ser rastreada, ainda, na primeira década de sua existência. Na documentação arquivada no Registro Escolar há correspondência entre a Direção e a Reitoria, bem como relatórios de comissões especiais para avaliar o colégio e propor mudanças para o seu bom funcionamento. Nesses documentos observamos referência ao sucesso de ex-alunos nos concursos vestibulares, como justificativa para garantir a existência do colégio na UFV. Um exemplo dessa argumentação pode ser encontrado em correspondência da Direção no início da década de 1970, quando estava em fase de implantação a Lei 5692/71, que norteou o ensino médio no período autoritário civil-militar. Em ofício datado de primeiro de novembro de 1973, o Diretor, à época, Professor Jafar Untar, manifesta sua preocupação com o destino do COLUNI e de

relação às já existentes. História e Geografia com duas horas/aulas semanais e EMC com uma hora aula. Entre 1978 e 1979, foram três aulas de Geografia e não tiveram as outras duas disciplinas (Relatório de 1981, Arquivo do Registro Escolar - CAP/COLUNI).

seus bons resultados no vestibular, apontando a falta de colaboração dos departamentos e dos professores da UFV, como também responsáveis pela queda de produtividade do colégio. O Diretor assim se manifesta:

Magnífico Reitor,
Estou levando ao vosso conhecimento, a minha preocupação com respeito ao destino do Colégio Universitário. Os efeitos negativos da incerteza apenas, de sua extinção, já vêm se verificando. Pedidos de informações a respeito, sem possibilidades de respostas concretas, evasões em massa, que até então estava controlada, se verifica progressivamente.
*A falta de uma política de apoio ao Colégio Universitário pelos departamentos da UFV, e pelos seus professores, vem solapando a qualidade de ensino aqui ministrado, e não podemos mais assistir impassível a essa deterioração sem tentar com arrojo uma alternativa que venha definitivamente sanar estes problemas.*²²

Em tom dramático, no trecho a seguir, o Diretor ressalta a queda de qualidade do ensino como fator determinante para a sua extinção. Ele sinaliza que a falta de política de apoio ao colégio pelos departamentos da UFV teria reflexo em algo maior como a perda da identidade da UFV com os princípios da ESAV²³

*A continuar dessa forma, estamos certos, Magnífico reitor, de que o Colégio Universitário deixa então de cumprir as suas finalidades e não poderemos garantir o mesmo êxito anterior, sugerindo mesmo a sua extinção como última alternativa por não ter condições de alcançar seus objetivos filosóficos, **em prejuízo da própria tradição da antiga ESAV que a UFV está paulatinamente se despreendendo** (grifo nosso).*

Anexo ao ofício, seguia um relatório com levantamento da situação do colégio, em que o Diretor complementa seus argumentos sobre a importância do COLUNI para a UFV. Ele analisa o baixo nível dos alunos egressos do Ensino Médio no país, fazendo referência às exigências da Política Nacional de Educação em relação ao Ensino Superior, à época, como a de 'aumentar o número de vagas, diminuindo o número de repetentes e formar em tempo mais curto, maior número de técnicos qualificados'.

Essa observação sobre a precária preparação dos alunos do Ensino Médio para o Ensino Superior no país, ocasionaria na opinião do ex-Diretor, a necessidade da universidade de criar um curso de recuperação pós-vestibular, para adaptação dos novos graduandos. Segundo o ex-Diretor, o COLUNI, por ter características de curso pré-vestibular, revisando conteúdos da primeira e segunda série, esses

²² ARQUIVO DO REGISTRO ESCOLAR CAP/COLUNI – Carta do Diretor Jafar Untar ao reitor Dr. Renato Sant'Anna, viçosa 1º. De Novembro de 1973

²³ Escola Superior de Agricultura e Veterinária, primeira denominação da UFV.

inconvenientes poderiam ser sanados, pois o aluno se recuperaria e ao mesmo tempo concluiria o Ensino Médio.

Um dado curioso da exposição do ex-Diretor sobre o bom êxito e sucesso dos ex-alunos do COLUNI refere-se à aprovação na disciplina Química Analítica nos cursos de graduação da UFV. O ex-Diretor afirma que essa é a '*a matéria de maior reprovação na UFV*', mas os ex-alunos do COLUNI '*obtinham uma média de 66% de aprovação em primeira época, contra 31% dos outros colégios*'. Esse dado é utilizado na defesa da funcionalidade do colégio para a universidade, o que justificaria, então, uma política de apoio dos departamentos da UFV ao COLUNI. Dessa forma, os alunos do COLUNI estariam se ajustando às necessidades e ao perfil da UFV.

No recorte a seguir, pode-se observar o reforço para essa proposição, quando o ex-Diretor caracteriza o ex-aluno do COLUNI, com uma identidade autônoma no âmbito da UFV. Como justificativa, retoma o apelo do 'espírito esaviano' de dedicação à instituição e ao sucesso na vida acadêmica:

*O colégio Universitário é um curso suplementar pré-universitário, além de integrar o colegiano ao meio universitário, estes adquirem maturidade para suas opções profissionais segundo suas aptidões antes de entrar na Universidade, são recuperados, **concluem o 3º ano já com "espírito esaviano"** e **vão formar como tem acontecido no primeiro ano superior uma elite, tanto no aspecto de aproveitamento como de liderança**'. (Grifo nosso)*

Apresentada a situação do Colégio Universitário à Reitoria, o ex-Diretor cita dados estatísticos, comparando resultados dos alunos do COLUNI aos de outros colégios, no que se referia a aprovação no vestibular da UFV, nos últimos cinco anos. O aproveitamento seria de 95,6% dos alunos do COLUNI e 52,2% de outros colégios. Embora os dados não tenham a citação da fonte, acredita-se que seja real, pelo fato de o Diretor ser professor do Departamento de Engenharia Civil. O quadro abaixo demonstra o aproveitamento dos ex-alunos do COLUNI no vestibular na UFV, desde o início de seu funcionamento até 1973.

Anos	Vestibulandos/UFV	Aprovados	%
1966	27	27	100
1967	24	22	91.6
1968	30	28	93.3
1969	45	44	97.5
1970	71	68	95.7
1971	88	86	97.6
1972	95	80	84.2
1973	-	-	-

Fonte: Parte do Relatório do Diretor do COLUNI ao Reitor da UFV em 5 de Outubro de 1973 (Arquivo do Registro Escolar)

Esses dados nos levam a refletir sobre o ideal de sucesso previsto para os alunos do COLUNI. A queda do índice de aprovação no vestibular da UFV, embora nem fosse tão elevado, foi motivo de preocupação de ex-Diretor que se mobilizou na defesa do COLUNI perante a Reitoria. Aí, já podemos ver a matriz geradora da idéia da história de sucesso do aluno do COLUNI no contexto da UFV.

Metaforicamente falando, o COLUNI se apresenta aí como um membro mais novo da 'família ufeviana', necessitando de atenção, cuidado e amparo para continuar perseguindo os princípios defendidos no núcleo original da ESAV: excelência no ensino. Aqui, já podemos inferir a raiz matricial da 'Família COLUNI', que procurava defender o princípio que lhe dá identidade e embasa a construção da sua tradição histórica na comunidade, evocando uma memória coletiva de sucessos dos ex-alunos no vestibular e na vida universitária.

Até 1982, o Colégio Universitário da Universidade Federal de Viçosa mantinha apenas a terceira série do Ensino Médio, e funcionava em uma estrutura de Curso Pré-Vestibular (procedia-se a uma revisão de conteúdo programático da primeira e da segunda série, além de desenvolver o programa da terceira). No início da década de 1980 a Reitoria da UFV nomeou uma Comissão de professores do

Departamento de Educação para apreciar essa situação 'ilegal' do funcionamento do COLUNI, bem como para propor a sua transformação em Colégio de Ensino Médio, que funcionasse com as três séries e a criação de uma grade curricular que atendesse às exigências da legislação vigente àquela época. A institucionalização acarretou mudanças estruturais como e organizacionais com: a diversificação e ampliação da grade curricular; eleição direta do diretor, pelos professores; novas regras para a contratação de professores com posterior implantação do regime de dedicação exclusiva para os mesmos; implantação de Serviço de Orientação Educacional e de Supervisão Pedagógica.

Muitas das informações que obtivemos dessa fase foram colhidas através de entrevista com uma das professoras do Departamento de Educação, nomeada pela reitoria, Professora Eny Tafuri, que foi Diretora no período de junho de 1982 a 20 de setembro de 1984. Ela voltou a atuar no Colégio no início da década de 1990, como Supervisora Escolar, a convite do Diretor, na época, Antônio Aloísio Ribeiro. Também encontramos no Arquivo do Registro Escolar, um relatório sobre a situação do COLUNI em 1981. Esse documento aparenta ser o rascunho de algo que se discutia àquela época, no entanto não encontramos registro do autor ou autores (no caso parece que se tratava de uma Comissão), nem a finalidade da sua elaboração. O que se pode inferir que tal documento foi elaborado para atender a uma exigência institucional de Ato da Reitoria da UFV, pelas suas conclusões com sugestões endereçadas à Administração Superior da UFV. Nesse documento encontramos uma análise da estrutura do colégio com uma série de dados, como: descrição do espaço físico; sobre a 'legalidade' da sua administração; do corpo docente; do corpo discente; das disciplinas e seus programas; do sistema de avaliação, destacando-se o desempenho dos alunos no primeiro semestre de 1981; e outros aspectos da estrutura pedagógica do Colégio. Também são citados, no referido documento: a ausência de Supervisão Escolar e de Orientação Educacional, como a precariedade da interação com estagiários dos cursos de licenciatura da UFV.

Muitas das informações desse documento podem ser trianguladas com as que foram obtidas através da Professora Eny Tafuri e constatar que o processo da institucionalização efetiva do COLUNI enquanto escola de Ensino Médio levou ao surgimento de conflitos e tensões aflorados entre o seu corpo docente no início da década de 1980. Essas tensões podem ser traduzidas pela reação negativa de

alguns professores que defendiam a tradição propedêutica original do Colégio em relação às mudanças estruturais que estavam sendo implantadas.

Segundo a Professora Eny Tafuri, a sua designação para exercer as funções de Diretora do COLUNI, por indicação da Reitoria, se deu com a intenção de preparar a documentação necessária à extensão das séries, e organizar nova grade curricular e substituir os certificados de conclusão da terceira série pelos históricos escolares, exigidos pela legislação da época. No “Relatório de 1981”, fica evidenciado que a organização e o funcionamento do COLUNI, para fazer parte do Sistema Federal de Ensino, deveria obedecer ao disposto no Parecer 3521, de 6 de abril de 1972, que estabelecia as normas para a elaboração dos regimentos dos estabelecimentos de Ensino de Nível Médio. Sobre a organização desse nível de ensino, no seu artigo 22, esse Parecer determinava: *o ensino de segundo grau terá três ou quatro séries anuais conforme previsto para cada profissionalização compreendido pelo menos, 2200 ou 2900 horas de trabalho escolar efetivo* (Parecer 3521 de seis de abril de 1972, citado no Relatório de 1981, mimeografado, Arquivo do Registro Escolar, COLUNI/UFV).

Dessa forma, tanto na análise feita pelo Relatório quanto no depoimento da Professora Eny Tafuri, a organização do COLUNI em apenas uma série - a terceira do Ensino Médio - contrariava diversos aspectos do que estava disposto no Parecer 352/72, quanto à organização curricular dos estabelecimentos de Ensino Médio.

Outro ponto que foi destacado pela professora como exigência legislação da época era a inclusão de disciplina profissionalizante que foi solucionada com a introdução de Desenho Técnico Arquitetônico na grade curricular, com a carga horária a ser distribuída entre as três séries, em caráter de urgência em 1982. Isso foi feito apenas para poder validar dos certificados de conclusão recebidos pelos alunos.

Além das mudanças para ajustamento às necessidades legais que encontramos nos documentos e nos depoimentos de ex-diretores, evidenciam o início do processo de mudanças no COLUNI, que afetaram diretamente a rotina escolar, e é claro a tradição do perfil pedagógico que até então o COLUNI era conhecido. Com a ampliação do quadro docente para implementação das três séries do Ensino Médio surgiu a possibilidade de treinamento em programas de Pós-Graduação a criação da dedicação exclusiva além da participação desses no órgão sindical dos professores da UFV.

Os dados do “Relatório de 1981” mostram que, no início da década de 80, apenas 31% dos professores trabalhavam apenas no COLUNI, enquanto os outros 69% trabalhavam também em outros estabelecimentos de ensino (alguns perfazendo um total entre 40 e 50 horas semanal). Essa situação também foi confirmada pela ex-Diretora Maria Auxiliadora Lopes, que administrou o Colégio entre 1985-1989:

Quando houve a criação das três séries, para poder solucionar a situação dos professores que tinham vínculo com a rede pública estadual de ensino (eram efetivos), foi o de fazer um convênio entre a Reitoria e a Delegacia Estadual de Ensino. No qual o professor da rede estadual que estivesse trabalhando no COLUNI, não perderia o vínculo com o Estado, mas também não teriam ascensão no plano de carreira (Entrevista com Maria Auxiliadora Lopes em 10 de Setembro de 2006).

A vantagem dessa situação foi a utilização da contagem de tempo de serviço no COLUNI para efeito de aposentadoria na rede estadual.

A eleição do Diretor do Colégio, pelo corpo docente, foi uma conquista política nesse período. Todas as duas ex-diretoras apontam a introdução da escolha do Diretor como um aspecto de conquista, para a construção de uma autonomia administrativa e democrática do COLUNI proporcionando também uma interação mais estreita com os órgãos da administração superior da Universidade.

Nesse contexto da implantação do Ensino Médio completo, o COLUNI foi transferido para o centro da cidade e funcionou no prédio do Colégio Nossa Senhora do Carmo (antiga Escola Normal). O distanciamento do campus da UFV e com a ocorrência mudanças estruturais e pedagógicas implicou em novos problemas. Em meados dos anos oitenta, a Administração Superior da UFV revisou a sua política interna em relação ao COLUNI. Em outro Relatório de Comissão instituída por Ato do Pró-Reitoria Acadêmica, (Ato no. 11/85), há sugestões para a UFV atender ‘a necessidade premente de assumir o seu Colégio Universitário definitivamente.’ Nesse relatório, reconhece-se a preocupação quase exclusiva do COLUNI em preparar os alunos para o exame vestibular da UFV. No entanto, há também uma preocupação de natureza diferente para o projeto pedagógico do colégio. Ou seja, o de melhorar, em termos quantitativos e qualitativos, a formação alunos, no sentido de ‘desenvolver o espírito crítico diante da realidade, para adquirirem discernimento consciente de sua futura profissão de nível superior’ (Relatório de 1985).

Esse tipo de preocupação corrobora com os debates sobre a educação brasileira, principalmente para o Ensino Fundamental e Médio, no contexto da consolidação do regime democrático nos anos 80. Essa preocupação com a democratização do ensino pode ser observada na sugestão para a reformulação do Regimento, tendo em vista os princípios psico-pedagógicos no trato com o corpo discente composto em sua quase totalidade por adolescentes; e também com críticas ao processo avaliativo do COLUNI, que foi descrito como *‘um fim em si mesmo mais do que um meio, com foco aos elevados índices de aprovação no vestibular’*, que *‘embora um dado importante, não pode ser considerado como o único indicador de eficiência de um estabelecimento de ensino’*.²⁴

Em relação ao espaço físico, esse Relatório de 1985 aponta que: *‘na história do COLUNI, constatamos que esta instituição, na realidade, nunca foi assumida pela UFV. Esta afirmativa pode ser confirmada pelo fato de que, até hoje, o Colégio Universitário funcionou em instalações improvisadas e de caráter precário. (p.8)’*. O isolamento geográfico em relação ao campus universitário prejudicava *‘o entrosamento entre as atividades que são necessárias ao COLUNI e os recursos existentes nos vários departamentos afins da UFV, seja nos aspectos materiais, administrativos e pedagógicos. (p.9)’*. Uma das reivindicações apontadas por essa Comissão à Administração da UFV, era a de que se tomassem *‘providências imediatas no sentido de dotar o Colégio Universitário de uma sede própria, dentro do campus universitário’* e com infra-estrutura adequada às necessidades de uma escola de Ensino Médio. Em 1989, inaugurou-se o prédio-sede do COLUNI no campus da UFV. Todas essas mudanças, da década de 1980, não alteraram, de forma significativa, o perfil do projeto político-pedagógico do COLUNI na prática, ou seja, ele continuou sendo uma escola propedêutica.

Uma nova Comissão foi instituída em 1988 pela Coordenação de Ensino Pesquisa e Extensão da UFV, (Portaria nº. 715/88) para *‘definir o papel do Colégio Universitário dentro da estrutura da universidade e na região de Viçosa, propor maneiras de articular ações do COLUNI com as da universidade e as da região e estabelecer a política de treinamento do corpo docente’*. A partir de então, o que observamos é um interesse novo da UFV para que o Colégio atendesse ao seu modelo, consagrado desde a época da ESAV, ou seja, o de propor que também no

²⁴ Relatório da Comissão instituída pelo Ato no. 11/85 da Pro - Reitoria de Acadêmica (PAC) da UFV. Arquivo do Registro Escolar do CAP/COLUNI.

COLUNI acontecesse a articulação entre *'ensino, pesquisa e extensão'*. Os resultados dessa comissão não foram muito diferentes daqueles da anterior, no que se refere à crítica ao modelo preparatório para o vestibular, que norteava o ensino aí praticado e ao sugerir que no contexto da UFV, o Colégio de Ensino Médio, *'deveria servir de paradigma para o ensino da região. Caso contrário perderia a razão de existir'* (Portaria nº. 715/88).

Na primeira metade da década de 1990 iniciou-se, então, a discussão sobre o COLUNI, que resultou no projeto de sua transformação em Colégio de Aplicação. A motivação para o início desse processo foi uma resposta a um novo Relatório de Comissão nomeada pela Portaria no. 342/94, com o objetivo de analisar a filosofia do Colégio, criado como Pré-Vestibular. A Comissão concluiu que o COLUNI, *'expandiu com a preocupação máxima de levar seus alunos a passarem no vestibular, na UFV ou em outras instituições de ensino superior'* e sugere que esse *'deva se transformar em Colégio de Aplicação objetivando maior integração com os vários departamentos da UFV'* ²⁵. Este debate prolongou-se por toda a década de 90 e somente em 2001, conforme já mencionamos na Introdução desta dissertação, ocorreu a aprovação do Regimento do Colégio de Aplicação.

Atualmente há monitores de disciplinas, alunos dos cursos de graduação da UFV, desenvolvendo diversos projetos de extensão e iniciação científica com orientação dos professores do CAP/COLUNI. Um exemplo desses projetos é a parceria com o Diretório Central dos Estudantes, através da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, em que os professores do CAP/COLUNI orientam as atividades dos alunos da graduação que lecionam no Cursinho Popular. Esse cursinho atende, no CAP/COLUNI, no período noturno, apenas alunos carentes que já concluíram o Ensino Médio.

O CAP/COLUNI tem ampliado suas atividades, oferecendo oficinas de atualização de atividades pedagógicas a professores da rede pública de ensino; editando a revista científica *'Ponto de Vista'*; e assessorando a elaboração de material didático para escolas que atendam a comunidades específicas, como as Escolas-Famílias Agrícolas. Dessa forma, sem perder o foco na aprovação dos alunos nos vestibulares, o CAP/COLUNI vem atendendo aos ideais esavianos cultivados pela UFV e intensificando o diálogo com os cursos de licenciatura.

²⁵ Relatório da Comissão Nomeada pela Portaria no. 342/94 sobre o COLUNI.

CAPÍTULO 3 -“LAÇOS DE FAMÍLIA”

Do ponto de vista histórico e enquanto instituição escolar de ensino médio, o CAP-COLUNI da UFV possui uma característica muito peculiar: a construção de redes ou de ‘relações familiares’ mediadoras de sua tradição histórica de (re) produção de um discurso de memória de sucesso. Essa memória é o tema deste capítulo. Discutiremos as formas pelas quais são criadas trilhas de relações que evocam um projeto de memória de sucesso de ex-alunos absorvido por esses sujeitos e pelos que com eles se relacionam – pais, outros parentes, professores e amigos das suas comunidades de origem. Essas memórias são instigantes para este estudo porque perpassam as histórias de vida dos alunos de nível médio de escolaridade à formação profissional e atuação no mercado de trabalho. Assim, elas se convertem em uma tradição. Dando continuidade aos elos afetivos característicos e de reverência, que os ex-alunos mantêm em relação ao colégio.

Cuidaremos, então, de um discurso de memórias de Histórias de Sucesso que emerge da instituição e transborda para os sujeitos. Nossa observação permite-nos afirmar que esse discurso passa a se constituir em um diálogo vindo da família que se retro alimenta no próprio sujeito da instituição. Como estamos diante de um discurso de memória coletiva, ele será tratado como práticas de memórias. Essas práticas por sua vez, realimentam esse mesmo discurso no âmbito das famílias e comunidades originárias dos alunos. Dessa forma, trata-se de uma ‘tradição inventada’ de memórias de sucessos, como na acepção descrita por HOBBSAWM (1984) conforme foi analisada no Primeiro capítulo, e que se reforça como tradição.

A constituição desse discurso de memória de sucessos pelos ex-alunos do CAP/COLUNI pode ser compreendida pela idéia de ‘habitus’ descrita por Bourdieu (também analisado no Primeiro Capítulo), na medida em que esse é o mecanismo da incorporação da estrutura social e da posição social de origem no interior do próprio sujeito que orienta suas ações nas situações subseqüentes. Funcionando assim como uma ponte ou uma mediação entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social.

Na documentação arquivada no Registro Escolar, principalmente as fichas de dados pessoais dos alunos, encontramos os indícios dos elos familiares geracionais

que criam o fio condutor para a memória de Histórias de Sucessos do CAP/COLUNI da UFV. Além dessa documentação escolar, nesse Capítulo foram utilizados instrumentos da História Oral através de entrevistas feitas com ex-alunos e outros meios de comunicação como contato via internet. Também as conversas que tivemos com ex-professores, ex-funcionários, ex-diretores do colégio, com membros da comunidade viçosense e da UFV que, tiveram estreita relação com o colégio através dos filhos ou parentes que ali estudaram. E outras formas de registros documentais como fotografias de acervos pessoais ou do colégio que nos permitiram elucidar a extensão, a multiplicidade desses laços e o elo identidade e sentimento de pertencimento por eles estabelecido.



[2005][40 anos][Uma verdadeira família!!!]

A ex-aluna Raísa ladeada pela Orientadora Educacional Catarina Greco e as professoras Eunice Bitencourt e Cleuza Eunice nas atividades comemorativas dos 40 anos do Colégio no Recanto das Cigarras (Foto do álbum do orkut da ex-aluna Raísa da turma de 2006)

Com a ajuda da Orientadora Educacional Catarina Greco, e utilizando-se listas de ex-alunos do CAP-COLUNI, identificamos aqueles que pertenciam ao mesmo núcleo familiar e estudaram no colégio entre os anos de 1996 e 2007.²⁶

²⁶ A escolha desse ano inicial está relacionada com a nossa entrada como membro do quadro de docentes da escola por concurso público. Foi quando observamos a recorrência desse fenômeno: o fato de tantos irmãos, ou parentes próximos, prestarem o Exame de Seleção para estudar no COLUNI. Não era raro o caso de aluno que voltava uma série para estudar no colégio. A situação nos levou a propor esse foco para a investigação.

Incluindo os matriculados nas séries desse último ano. Procurou-se, dessa forma, esboçar um mapa dos alunos que tinham laço de parentesco de irmãos, nesse espaço de tempo. Chegou-se a identificar aproximadamente 215 grupos familiares.

Desse fato pode ser observada a seguinte constatação: entre a década de noventa do século passado e os anos iniciais do século XXI ocorre uma continuidade de alunos provenientes do mesmo grupo familiar. Seriam esses irmãos, primos ou de outros laços de afetividade não familiar como vínculos de amizade pelo fato de serem provenientes da mesma comunidade. Além disso, os egressos desses grupos são, em sua maioria, oriundos de cidades próximas de Viçosa como, por exemplo: Paula Cândido, Cajuri, Teixeiras, São Miguel do Anta, Senador Firmino, Coimbra, Ervália, Ponte Nova, Visconde do Rio Branco, entre outras. Muitas vezes esses alunos provêm des grupos familiares com baixo capital econômico e social, e limitado capital cultural familiar, que, no entanto a valoração da via acadêmica significava um meio de ascensão social e profissional.

Havia também famílias tradicionais do próprio Município de Viçosa ou das que criaram raízes em processo de migração para a cidade universitária Onde podemos encontrar situações de “*herança familiar*” na acepção bourdiesiana, de incorporação de capital cultural. Notadamente os filhos de professores da UFV ou de funcionários de nível superior e médio da universidade. Ao se fazer uma associação desse fenômeno de grupos familiares que identificamos entre meados dos anos de 1990 e 2007 com o levantamento das listas de ex-alunos do colégio no ‘website’ da UFV constatam que esses vínculos familiares eram muito mais antigos e contínuos na história do colégio.

Estamos identificando essa geração de ex-alunos de meados da década de 1990 em diante como a terceira na história do CAP/COLUNI. A primeira geração constitui-se de ex-alunos do final dos anos sessenta e da década de setenta do século passado, quando o colégio funcionava apenas com turmas de terceira série. A segunda geração atravessou a década de oitenta, no período em que o colégio foi transformado em escola de Ensino Médio com as três séries. E a terceira foi a que surgiu a partir de 1994, em cujo contexto se deu o processo de discussão para a transformação da escola em Colégio de Aplicação, fato que só se concretizou no ano de 2001, (que abordamos no segundo capítulo). Nessa terceira geração observamos a presença de alunos que eram filhos de ex-alunos da primeira ou da

segunda geração. E que repetiam a mesma experiência dos pais de estudar no CAP/COLUNI.

Entre essas três gerações, que identificamos nas mais de quatro décadas da existência do colégio, havia em comum a continuidade ou permanência de um discurso construído sobre uma memória de Histórias de Sucesso que foi constantemente retro alimentado ao longo dos anos. Principalmente através da continuidade de outras experiências de vida escolar dos familiares através de filhos, primos, sobrinhos ou amigos ao estudarem no colégio.

O nosso interesse pelas relações familiares e a invenção da tradição da memória de Histórias de Sucesso do CAP/COLUNI, suscitaram os seguintes questionamentos: como esse discurso de Histórias de Sucesso é construído e realimentado nos sujeitos? De que forma a tradição do sucesso no concurso vestibular interfere na visão das novas gerações de alunos e dos familiares que estudaram ou estudam no colégio em contextos históricos e educacionais diferentes? E como esse discurso gera um sentimento de pertencimento que cria vínculos de afetividades dos sujeitos entre si e com o colégio, ao identificar nele, o elo de referência?

Preliminarmente o que podemos observar, na análise da trajetória histórica do CAP/COLUNI (abordada no segundo capítulo), sobre a construção desse discurso e da 'invenção' dessa tradição, é o fato de se tratar de um colégio de Ensino Médio que está vinculado a uma Instituição de Ensino Superior tradicional, a UFV. Essa já traria na sua trajetória histórica o culto a um discurso de memória da tradição de excelência no ensino, pesquisa e extensão universitária. Discurso esse que tece imbricações para a convergência em uma idéia de pertencimento a um grupo social que busca desenvolver sempre um projeto para a formação superior, científica e profissional de seus membros pautado em uma expectativa de sucesso e de excelência. Essa postura gera um forte elo cultural, ideológico e institucional entre CAP/COLUNI e a UFV, levando grande parte dos ex-alunos do CAP/COLUNI a optarem pelo vestibular e a continuidade de estudos na UFV, como uma possibilidade de ascensão vertical tanto social como profissional e científico-acadêmica.

Essa atitude, além de criar um sentimento de pertencimento, assegura a continuidade na recorrência ao uso do discurso de memória de Histórias de Sucesso para o CAP/COLUNI e seus ex-alunos. Esse discurso esse vem da instituição para o

sujeito com a qual ele passa a se identificar fortalecendo os laços de pertencimento. Para muitas famílias de ex-alunos do CAP/COLUNI com as quais mantivemos contato durante a investigação, prestar o Exame de Seleção e estudar no CAP/COLUNI significava alcançar o primeiro patamar para adentrar no universo acadêmico ufeviano da busca de excelência em ensino superior acadêmico e científico.

Conforme já explicitado anteriormente, grande parte desses grupos familiares identificados para a terceira geração de ex-alunos do COLUNI tem uma relação direta com a primeira geração de alunos da UFV. Essa geração foi a que vivenciou o processo de surgimento da UFV, enquanto Instituição Federal de Ensino Superior, e assistiu o debate ideológico em torno da continuidade do chamado 'espírito esaviano' e contribuiu para que esse adquirisse uma nova roupagem denominada agora de 'ufeviano'. Houve nessa transição, então, a permanência de um eixo comum: o do culto à memória e idéia de pertencimento a uma instituição com a qual criariam vínculos de conotação 'familiar'; baseado na busca da excelência da produção científica.

Os filhos de professores, de pesquisadores e de funcionários da UFV; ou ainda de membros da comunidade viçosense de certa forma incorporaram o espírito e a cultura ufeviana no que diz respeito à possibilidade de ascensão vertical e de prestígio na comunidade, através da manutenção da tradição familiar, que é valorizada como parte dos costumes locais.

Um outro aspecto importante no mapeamento dos grupos familiares dos ex-alunos do COLUNI - que estamos chamando de terceira geração - passa pela seguinte situação: por ser um centro de ensino e pesquisa com forte influência na Zona da Mata Mineira e de referência regional e nacional, a UFV tornou-se assim um centro de atração para estudantes de outras cidades mineiras e não raro de outros estados. Surgiram então novos grupos familiares, cujo vínculo é ter tido parentes que foram alunos da UFV, mas que não estudaram no CAP/COLUNI. Porém pelo conhecimento da tradição inventada da memória de Histórias de sucessos sobre este, originou-se então, novos elos familiares reforçando a identidade de pertencimento a uma família maior que afetivamente chamam de 'Família COLUNI', noção essa que passou a ser cultuada pelas gerações atuais de alunos e seus familiares.

A seguir apresentamos em um quadro, os principais grupos familiares que buscamos pelo sobrenome, nas listas de ex-alunos do CAP/COLUNI, com o número de membros que ali conseguimos identificar.

1967	1970	1980	1990	2000	2007
	Albuquerque (3 membros)	Albuquerque (1 membro)	Albuquerque (3 membros)	Albuquerque (2 membros)	
Almeida Torres (1 membro)	Almeida Torres (2 membros)	Almeida Torres (1 membro)		Almeida Torres (2 membros)	
Barros (1 membro)	Barros (3 membros)	Barros (5 membros)	Barros (5 membros)	Barros (1 membro)	
	Bhering (3 membros)	Bhering (3 membros)	Bhering (6 membros)	Bhering (1 membro)	
	Euclides (5 membros)	Euclides (2 membros)		Euclides (2 membros)	
		Ervilha/Castro Rodrigues (2 membros)	Ervilha/Castro Rodrigues (2 membros)	Ervilha/Castro Rodrigues (7 membros)	
Fonseca (2 membros)	Fonseca (7 membros)	Fonseca (10 membros)	Fonseca (3 membros)	Fonseca (5 membros)	
Fontes (1 membro)	Fontes (13 membros)	Fontes (3 membros)	Fontes (14 membros)	Fontes (6 membros)	
Gomide (3 membros)	Gomide (14 membros)	Gomide (9 membros)	Gomide (5 membros)	Gomide (6 membros)	
Leal/Rocha (1 membro)	Leal/Rocha (5 membros)	Leal/Rocha (13 membros)	Leal/Rocha (7 membros)	Leal/Rocha (4 membros)	
	Lisboa (3 membros)	Lisboa (3 membros)	Lisboa (5 membros)	Lisboa (7 membros)	
	Mafia (5 membros)	Mafia (1 membro)	Mafia (6 membros)	Mafia (3 membros)	
	Magalhães (11 membros)	Magalhães (8 membros)	Magalhães (3 membros)	Magalhães (4 membros)	
Mantovani (1 membro)	Mantovani (3 membros)		Mantovani (1 membro)	Mantovani (1 membro)	
	Marota (2 membros)	Marota (2 membros)	Marota (7 membros)		
Milagres (2 membros)	Milagres (4 membros)	Milagres (8 membros)	Milagres (5 membros)	Milagres (3 membros)	
	Minette (1 membro)			Minette (2 membros)	
	Paniago (3 membros)	Paniago (1 membro)		Paniago (1 membro)	
	Pereira Brumano (4 membros)		Pereira Brumano (2 membros)	Pereira Brumano (3 membros)	
	Raggi (1 membro)	Raggi (1 membro)	Raggi (2 membros)	Raggi (1 membro)	
Reis (1 membro)	Reis (9 membros)	Reis (14 membros)	Reis (11 membros)	Reis (8 membros)	
	Rosado (4 membros)	Rosado (6 membros)	Rosado (4 membros)	Rosado (5 membros)	

	Sabioni (10 membros)		Sabioni (2 membros)	Sabioni (5 membros)
	Simonini (1 membro)	Simonini (5 membros)	Simonini (1 membro)	
Tibúrcio (1 membro)	Tibúrcio (3 membros)	Tibúrcio (4 membros)	Tibúrcio (1 membro)	Tibúrcio (2 membros)
Torres (2 membros)	Torres (5 membros)	Torres (5 membros)	Torres (7 membros)	Torres (2 membros)
Untar (1 membro)		Untar (2 membros)	Untar (2 membros)	
	Valente (10 membros)	Valente (5 membros)	Valente (5 membros)	Valente (11 membros)
	Vasconcelos Barros (1 membro)			Vasconcelos Barros (2 membros)
	Vidigal Santana/Santana (8 membros)	Vidigal Santana/Santana (2 membros)	Vidigal Santana/Santana (3 membros)	Santana (5 membros)
Vieira Pires (1 membro)	Vieira Pires (4 membros)	Vieira Pires (2 membros)	Vieira Pires (4 membros)	
Vitarelli (1 membro)	Vitarelli (3 membros)	Vitarelli (4 membros)	Vitarelli (1 membro)	Vitarelli (3 membros)
		Zanúncio/Sedyama (4 membros)	Zanúncio/Sedyama (3 membros)	Zanúncio/Sedyama (4 membros)

No entanto a falta de um tempo maior, e os imprevistos que ocorrem durante um processo de treinamento em programa de mestrado, nos impossibilita afirmar de que todos os nomes encontrados e que apresentamos nesse quadro, que tem o sobrenome comum, sejam pertencentes ao mesmo grupo familiar. Por isso optamos em utilizar a estratégia de estudos de casos de grupos familiares em que essa constatação pode ser confirmada, através de entrevistas com alguns de seus membros.

3.1 – ESTUDO DE CASOS DE GRUPOS FAMILIARES DE EX-ALUNOS DO CAP/COLUNI

Entre os grupos familiares que identificamos nas listas de ex-alunos disponibilizadas na página do CAP/COLUNI, no site da UFV, um sobrenome muito recorrente foi o da Família *Torres*. Que nos parece ser um grupo familiar tradicional da comunidade viçosense possuindo várias ramificações e muitos de seus membros estudaram no CAP/ COLUNI e na UFV. Não foi, entretanto, possível decifrar todos os laços de parentesco existentes ou não entre si para os ex-alunos de sobrenome

Torres devido às várias combinações com outros ramos familiares. No quadro abaixo, relação de ex-alunos com o sobrenome TORRES encontrado nas listas na página do CAP/COLUNI no website da UFV.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
João Bosco Torres (1968) Antonio Carlos Torres (1969)	Rogério Viana Torres (1977) José Mauro Torres (1974) Maria Helena Torres (1976) Carlos Raimundo Torres Jr. (1979) Luís Antônio Torres (1979)	Carlos Alexandre Andrade Torres (1981) Margareth Torres (1981) Cynthia de Paiva Torres (1984) Luciane Cordeiro Torres (1984) Aloísio Roberto Andrade Torres (1985)	Roberto Torres Santana (1993) Clenize Torres Rosado (1994) Patrícia Torres Olimpio (1994) Ricardo Andrade A. Torres (1994) Adriano Torres Coelho (1996) Marcelo Torres Olimpio (1996) Bruno Araújo Torres (1997)	Rafael Araújo Torres (2000) Juliana Torres Mendes (2001)	

3.1.1 – OS ‘ALMEIDA TORRES’

Diante da numerosa Família Torres, procuramos então os estudos em um núcleo, a saber: o ramo ALMEIDA TORRES, do qual conseguimos identificar um membro Robledo de Almeida Torres, que fez parte da primeira geração de ex-alunos do colégio. Robledo graduou-se em Zootecnia pela UFV e, desde 1985, é professor desse Departamento da Universidade atuando no seu Programa de Pós-Graduação. Os seus filhos também passaram pela mesma experiência do pai, de estudar no CAP/COLUNI. Robledo de Almeida Torres Filho é aluno do Curso de Engenharia de Alimentos da UFV e Lívia Gomes Torres que, atualmente, cursa a terceira série no CAP/COLUNI. Além desses membros da Família Almeida Torres da terceira geração outros como irmãos, sobrinhos e primos também estudaram no CAP/COLUNI.

Os *Almeida Torres* é um grupo familiar que pode ser identificado como pertencente ao estrato social médio na comunidade viçosense. É uma família detentora de capital cultural pelas inserções de muitos de seus membros no universo acadêmico e científico, notadamente no da UFV. Abaixo o quadro com o nome dos membros da Família Almeida Torres que estudaram no CAP/COLUNI.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
Rodolfo de Almeida Torres (1967)	Robledo de Almeida Torres (1974) Rosaura de Almeida Torres (1977)	Roberto Augusto Almeida Torres (1988)	João Cruz Reis Filho (1998) (primo)	Robledo de A. Torres Filho (2003) Lívia de Gomes Torres (2008)	

Os membros desse núcleo familiar pertencentes à terceira geração de ex-alunos do COLUNI dispõem então como bagagem socialmente herdada de sua família *'um patrimônio de informações sobre o mundo escolar (seus modos de funcionamento, seus valores, suas hierarquias)'* que podem converter e aplicar como *'investimentos escolares na escolha do estabelecimento, do ramo de estudos, dos cursos, etc.'* (BOURDIEU in NOGUEIRA, 2005, p. 79) segundo a noção categorizada que foi abordada no primeiro capítulo.

Esse fenômeno acontece com muitos ex-alunos do CAP/COLUNI que possuem esse capital cultural (além do social e econômico) e que definirão a sua escolha profissional e de formação superior. Dessa maneira, é comum a opção desses alunos por cursos considerados mais valorizados e prestigiados, seja pela tradição seja pela sua qualidade e competitividade na comunidade ufeviana, como os de Ciências Agrárias e Biológicas. Ou em outras universidades, nas quais a opção mais recorrente é pelos cursos de prestígio social tradicional como Medicina, Direito e Engenharia. A Pós-Graduação em instituições renomadas ou em cursos tradicionalmente reconhecidos no país ou no exterior é também uma meta que dá significado à elevação no patamar de formação profissional, para esses indivíduos. E que tem um significado diferenciado, pelo status positivo, dentro e fora do âmbito da UFV, no setor dominante da sociedade viçosense.

A relação da Família Almeida Torres com o CAP/COLUNI começou nos primórdios da sua história. Rodolfo de Almeida Torres foi aluno da primeira turma em 1967. Nessa época o colégio tinha a função de ser pré-vestibular com o ensino integrado onde, segundo Robledo de Almeida Torres, o conteúdo das três séries era distribuído em atividades durante todo o dia. Os Almeida Torres embora fossem de origem viçosense, no início da década de 1970 residiam em Belo Horizonte. Mas muito de seus membros retornaram a Viçosa justamente com o intuito de prestar o exame de seleção no CAP/COLUNI e posteriormente prestar o concurso vestibular para algum curso da UFV. Naquela época, pelos relatos de pessoas que cursaram Agronomia, Veterinária e Zootecnia, estes eram os cursos mais concorridos da universidade. O fato de estudar no CAP/COLUNI já era uma garantia prévia de cursar a graduação na UFV.

O COLUNI na época não tinha muita divulgação assim como é hoje. Na época eu pretendia fazer vestibular em Viçosa, já estava consciente de que eu queria o vestibular da UFV. E fiquei sabendo que tinha o COLUNI. Até teve um irmão meu que

estudara lá anteriormente (o Rodolfo), que eu nem sabia disso, tomei conhecimento pelo levantamento feito por você nessa sua pesquisa.

Como eu queria prestar vestibular aqui e tinha a fama de ser um bom colégio, apesar de o serviço público ter piorado (na atualidade). Os colégios públicos na época de 1973 eram os melhores colégios. Eu estudava no Estadual Central (em Belo Horizonte), que era do serviço público, e era considerado o melhor colégio. Então eu estava em um bom colégio. E como eu queria fazer vestibular aqui (em Viçosa) resolvi vim fazer o COLUNI e prestar o vestibular na UFV. Muito embora tenha prestado em BH também.

(Robledo de Almeida Torres – entrevista em 04/12/2007)

Dentre os membros da Família Almeida Torres que estudaram no COLUNI e posteriormente cursaram a graduação na UFV, segundo informações fornecidas por Robledo de Almeida Torres atualmente dois são pesquisadores da EMBRAPA (em Juiz de Fora e Campo Grande - MT); um trabalha no Ministério da Agricultura: e ele no Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da UFV e vários outros em outras instituições de Ensino Superior ou instituições de pesquisa espalhadas pelo país. A preferência da família sempre foi, principalmente, pelas áreas de Ciências Agrárias e Biológicas, caminho do qual se desviou um pouco seu filho, Robledinho, ao optar por Engenharia de Alimentos.

Dominando um ‘campo’ específico de produção simbólica – no caso o meio da produção de conhecimento científico e universo intelectual da UFV, os membros desse grupo familiar teriam, então, desde os primórdios, o contato com o espaço universitário e a utilização dele na sua socialização e inculcação dos valores desse universo acadêmico. O CAP/COLUNI funcionou então como o primeiro *locus* de inculcação desse *habitus* de valorização da escolarização superior e da busca do conhecimento científico:

Uma das coisas da minha época e que deve ser até agora e que deve estimular muitos os alunos (do COLUNI), é que ele se considera um pré-universitário. Ele vive o ambiente da universidade. Ele tem contato com o refeitório, com as atividades da universidade. Então, eu acho que ele se sente diferente. Por estar dentro da universidade. (...) Ele passa a conviver com um ambiente universitário, ele tem uma amadurecimento mais precoce. Ele já tem uma visão mais ampla dos cursos, por estar dentro da universidade. Uma visão de como a universidade funciona. Então ele entra na universidade mais consciente disso.

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres em 04/12/2007)

Cria-se desde muito cedo, com a inserção do jovem estudante de nível médio no campus da UFV, uma expectativa de sucesso escolar e profissional. Essa expectativa é também um interesse da UFV, pois do CAP/COLUNI vem um público diferenciado para os seus cursos de graduação, com chances futuras se tornarem

pesquisadores na própria instituição, ou lecionar em instituições de ensino superior ou de trabalhar em importantes centros de produção científica de renome no país e no exterior, com as quais a UFV tem parceria. Também há a expectativa de formar sujeitos capazes de transformar a sociedade com publicação de livros ou artigos em revistas científicas conceituadas e até mesmo de estabelecer parcerias com empresas para o desenvolvimento de novas tecnologias a serviço do mercado.

Essa expectativa de sucesso faz com que o aluno do CAP/COLUNI incorpore uma atitude diferenciada nas relações com os saberes acadêmicos em comparação com alunos de outras escolas públicas da região.

Porque o COLUNI, todo ano recebe uma 'matéria-prima' selecionada. Então, quer dizer, eu acredito que todo mundo que passa pelo COLUNI tem que se dar bem. Ele tem que atingir assim quase cem por cento, no meu modo de ver. Assim, você tem dois mil alunos. Na última vez em que vi (o Exame de Seleção), deu 13 candidatos por vaga. Você seleciona 150 estudantes em dois mil alunos, então ele (o COLUNI) recebe uma 'matéria-prima' selecionada.

*(...) Então a gente tem que tomar cuidado com essa 'matéria-prima'. Ela tem que ser bem trabalhada. Continuar dando o nível de qualidade de ensino, porque se amanhã ou depois fracassar é difícil justificar. É essa preocupação, que a gente vê. A Universidade Federal de Viçosa chegou num patamar de excelência. Ela criou um curso (de Ensino Médio) no COLUNI de excelência. Então todo curso que chega a ser de excelência, o grande problema é o de manter isso aí.
(Entrevista com Robledo de Almeida Torres em 04/12/2007).*

O capital cultural familiar incorporado é um fator importante para o sucesso escolar dos indivíduos, pois passa a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo. Porém esse tipo específico de capital cultural incorporado pode não ser proveniente apenas da experiência escolar vivida pelos pais, mas também de contato pessoal com amigos e outros parentes que possuam familiaridade com o sistema escolar através de outras formas de experiências. É o que podemos observar com o caso do ex-aluno Robledo de Almeida Torres Filho, que foi transformado em Robledinho no contexto 'familiar' do Departamento de Zootecnia da UFV. Como uma forma de diferenciação em relação ao seu pai, conhecido por Robledão. Em seu depoimento Robledinho demonstra certo sentimento de pertencimento familiar à UFV, mesmo antes de ingressar no Curso de Engenharia de Alimentos. Isso se deu pela sua relação familiar com o Departamento de Zootecnia através da atitude do pai de se fazer acompanhar pelos filhos em atividades sociais ligadas ao trabalho na UFV.

Desde antes de estudar no COLUNI, eu sempre acompanhei meu pai. Eu sempre ia ao Departamento. Às vezes tinha festa de alguém que fazia qualificação, defesa de tese e como era conhecido por eles, meu pai me levava. E tinha um pessoal lá da Zootecnia, que jogava bola toda quinta-feira. Eu sempre jogava com eles, alunos da graduação e da pós-graduação. Meu pai também jogava junto com outros professores.

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007).

Em seu depoimento sobre a ocasião em que prestou o Exame de Seleção para ingressar no CAP/COLUNI, Robledinho ouviu de seu pai, conselhos sobre a possibilidade de não ser aprovado. Isso não significaria um demérito. Ele poderia buscar outra via para a sua formação escolar pré-universitária. Embora o CAP/COLUNI continuasse sendo a meta familiar, pois sua irmã Lívia também passou pela mesma experiência e atualmente é aluna do CAP/COLUNI.

Como eu sou nativo, o pessoal de Viçosa mesmo, já tem esse negócio. Você chega à oitava série e 99% fazem o Exame de Seleção do COLUNI. A escola mesmo te influencia, fazendo simulados para te preparar. Fiz dois grandes simulados no Carmo. (...) E também, meu pai comentou comigo. Que eu tinha estudado. Mas assim, na época você fica meio nervoso. Eu lembro disso até hoje, uma conversa que tive com ele. E ele me falou: 'olha meu filho, não se preocupa. Se você passar bem. Se você não passar não tem problema. Tem outros colégios. Isso não é demérito nenhum. Aí a gente vai olhar outro colégio. Tem o Anglo, tem o Colégio Equipe. Não se preocupa com isso. Faz parte do resultado, é consequência.' Foi o que ele falou comigo e depois com a minha irmã.

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007).

Porém Robledinho já havia incorporado em si o desejo de estudar no CAP/COLUNI. Para ali buscar conhecimento e a sua formação escolar não apenas pela valoração da qualidade acadêmica do ensino, pois ele tinha consciência que também obteria isso em outro lugar. Outras razões podem ser apontadas para esse desejo, como influência externa. Para o ex-aluno o campo dos afetos também marca o diferencial dessa instituição e era uma motivação a mais para querer ser aprovado no Exame de Seleção.

Quando eu voltei de Belo Horizonte eu estava na quinta série (ele morou em BH, por razões de trabalho e estudo do pai). Aí eu fui morar no mesmo prédio, onde meu primo João Cruz morava. Tinha a república lá dos amigos dele que estudavam no COLUNI. Eu tive muito contato com eles. Jogava bola junto com eles. Lá quase todo dia, jogava videogame. Eu os via estudando, comentando do vestibular, preparando para ir a festas. Lá era assim como um ponto de encontro da turma deles. (...) Aí eu falei, eu quero isso para mim. Eu via os amigos dele. São amizades que duram até hoje. Meu primo (João Cruz) casou há poucos dias, e o pessoal do COLUNI (da turma dele) vieram aqui para o casamento (...) Então eu falei, eu quero isso pra mim. Quero um estudo de qualidade.

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007).

Criou-se assim no sujeito um sentido de valorização da escolarização naquele colégio, não apenas pela qualidade do ensino, mas também pelos laços de afetividade que ali eram estabelecidos. Experiências sociais que incorporam novos elementos que adquirem significado novo pelo indivíduo através de relações diferenciadas das que são valorizadas pelo universo escolar institucional.

O ex-aluno, Robledão, demonstra preocupação com a pressão social precoce pela necessidade de aprovação no exame de seleção do CAP/COLUNI, que acontece na comunidade viçosense. À época em que ele prestou o exame, já se chegava ao colégio com dezesseis para dezessete anos. Atualmente devido à ampliação do CAP/COLUNI, oferecendo as três séries do nível médio, alguns alunos chegam com até quatorze anos recém completados. Todo esforço para ser estudante do CAP/COLUNI é fruto da expectativa de sucesso na vida acadêmica ou mesmo de distinção dentro da sociedade viçosense.

Agora uma vantagem (ou desvantagem, não sei ao certo) é que hoje os estudantes chegam muito cedo no COLUNI. Então aquele Exame de Seleção é um estresse muito grande para a idade do pessoal. E tem a concorrência para entrar no COLUNI. Eles amadurecem muito cedo. Conversando com outros professores, que trabalham nessa parte, participando do Exame de Seleção do COLUNI, tomando conta de prova, eles falam que dão pena ver aqueles menininhos, todos novinhos. Já enfrentando um estresse danado do exame. Estão chegando muito novos. É uma experiência nova fora de casa. Eu quando vim (prestar o Exame), eu saí de casa pela primeira vez. Vim viver em república sozinho. Minha família na época não morava aqui. Mas eu tinha uma idade que já ia para 17 anos. Eles chegam aí com uma idade de quinze anos ou menos.

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres em 04/12/2007).

Já Robledinho, sonha com a possibilidade de dar continuidade da presença da família, através dele, de repetir a experiência de estudar no COLUNI. Que esse pode ser um objetivo, mas também uma experiência de vida que vale a pena ser seguido.

Estudar no COLUNI (...) foi um objetivo que eu tinha quando era novo. E também um dia quando eu tiver meus filhos (um monte de Robledozeiros) aí eu vou falar com ele: Ô vagabundo estuda aí, para poder passar no COLUNI. Porque lá é legal. É muito bom. (Risos).

(Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007).

Já para Robledão, pode-se constatar que, o fato de estar no COLUNI é ter o privilégio de participar do universo da qualidade de ensino e busca de excelência no campo da produção de conhecimento científico:

*O COLUNI é uma jóia que a gente tem dentro da universidade. Todo mundo respeita o COLUNI, não só lá pelo meu Departamento. Mas os outros Centros também. O COLUNI é uma parte da universidade, que o pessoal quer que ele continue sendo do jeito que é. Ou cada vez melhor Isso gera uma responsabilidade muito grande da instituição. Porque são 150 alunos selecionados.
(Entrevista com Robledo de Almeida Torres em 04/12/2007).*

Para Robledinho, o COLUNI seria tudo isso, mas além dos aspectos cognitivos, algo mais teria uma importância fundamental: a convivência e a permanência dos afetos, que humanizam a ‘matéria-prima selecionada’ descrita por Robledão. Forjando no aluno desejado pela ‘família ufeviana’ o elo de identidade e o sentimento de pertencimento.

3.1.2 – OS ‘PEREIRA BRUMANO’.

A ex-aluna Cleuza Eunice Pereira Brumano, cuja família é originária de São Miguel do Anta, pequeno município pertencente à micro região de Viçosa, teve também muitos dos membros da sua família que estudaram no CAP/COLUNI e posteriormente na UFV. Para essa família, a formação superior significaria uma possibilidade de ascensão social vertical. Para tal empreendimento de investimento familiar, a Família Pereira Brumano inclusive mudou para Viçosa a fim de facilitar a formação universitária dos seus membros. No quadro abaixo o nome dos membros da Família Pereira Brumano que estudaram no CAP/COLUNI.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
	Elza Maria Pereira (1975) Cleuza E. Brumano Pereira (1976) Maria do Carmo Brumano Andrade (1977)	Paulo Eugênio Brumano Andrade (1983)	Frederico Queiroz Brumano Pinto (1990) Juliano Pereira Chaves (1999)	Sueni Brumano Andrade Rezende (2001) Daniele Pereira Brumano (2004) Larissa Pereira Brumano (2007)	

Cleuza Eunice que atualmente é professora efetiva da Área de Matemática do CAP/COLUNI, e cujas filhas também estudaram no Colégio (na terceira geração de

ex-alunos); fala da relação e do sentimento positivo que a sua família sempre manteve com o CAP/COLUNI. Ela ressalta que o vínculo da família com o colégio teve início em 1975, quando sua irmã cursou a terceira série:

O COLUNI na nossa família é um ponto de referência para Ensino Médio. Tenho sobrinhos que vêm de longe, que vieram de fora (da região de Viçosa) para fazer o COLUNI. Tudo focado na qualidade de ensino que o COLUNI dá. (Entrevista com Cleuza Eunice Pereira Brumano em 09/02/2008).

Confirma-se, pelas palavras transcritas acima, a visão consolidada na história da instituição de uma expectativa em relação ao ensino aí desenvolvido, como o de preparação e obtenção de sucesso em concursos vestibulares. Principalmente no caso do vestibular da UFV para as famílias de Viçosa e de cidades vizinhas.

Sobre a continuidade de formação superior de seus parentes que estudaram no CAP/COLUNI, a depoente confirma que, desde muito cedo na sua família, foi construída a crença de que estudar ali seria como que obter um 'passaporte' garantido para os cursos de graduação da UFV.

Todos (irmãos e primos) tiveram formação superior. Naquela época não saía daqui da UFV. Já era focado para a UFV. E, por incrível que pareça, era raro o caso em que um aluno do COLUNI não conseguisse aprovação no vestibular. Eram duas turmas só de COLUNI, e que funcionava no Prédio Principal (Bernardão). Não me lembro de ninguém ter saído do COLUNI e reprovar no vestibular (da UFV). (Entrevista com Cleuza Eunice Pereira Brumano em 09/02/2008)

O desafio da competitividade imposto para a cultura pré-vestibulanda, que sempre buscou o acesso ao ensino superior de qualidade no país, principalmente nas instituições da Rede Federal, tornou-se também uma motivação para a preparação para prestar o Exame de Seleção para o COLUNI.

A minha expectativa na época, era a vontade mesmo, o desafio de estar no COLUNI. Era um desafio porque a concorrência já era grande. E como a minha irmã veio de São Miguel, de uma escola estadual de lá, fez o Exame e passou então se abriram as portas para a gente ter um direcionamento também. E ela passou muito bem no vestibular depois também. Então foi encaminhando para isso. (Entrevista com Cleuza Eunice Pereira Brumano em 09/02/2008)

A precocidade com que, na comunidade viçosense alunos do Ensino Fundamental são pressionados para prestar o Exame de Seleção do CAP/COLUNI, transformou esse concurso em uma meta, também, para as suas famílias. Para

algumas pode significar até um símbolo de status. Só mais tarde é que, alguns desses ex-alunos dão conta de entender o significado social para suas famílias o fato de ser aprovado no exame e de fazer o Ensino Médio nessa instituição.

A ex - aluna Daniele Pereira Brumano, da Turma de 2002-2004 (filha e ex-aluna de Cleuza), além de receber a influência doméstica e a tradição familiar, teve influência da escola onde cursou o Ensino Fundamental: o Colégio Nossa Senhora do Carmo. Nessa tradicional escola de Ensino Fundamental em Viçosa, ocorre a orientação e preparo dos seus alunos para prestarem o Exame de Seleção do CAP/COLUNI. Também cursou o Ensino Fundamental nesse colégio, o ex-aluno Robledinho, cujo depoimento já se registrou anteriormente. Não é raro, segundo depoimentos desses ex-alunos desse colégio, quando os alunos estão na oitava série serem submetidos a 'exames simulados', objetivando prepará-los para o sucesso na seleção do CAP/COLUNI. Essa prática é recorrente em outros colégios particulares e mesmo nas escolas públicas de Ensino Fundamental em Viçosa. Em seu depoimento, a ex-aluna Danielle afirma que, diferentemente da experiência vivida pela mãe nos anos setenta do século passado, a sua preocupação com o vestibular só foi despertada quando se tornou aluna do COLUNI.

Até então eu pensava só no COLUNI. A partir de quando eu entrei lá, foi que pensei mais em vestibular. Eu procurei não ter muita expectativa antes de entrar lá. Depois eu mudei, porque havia pressão mesmo. Você tem que passar (no vestibular). Minha mãe já trabalhava lá.

P. E você teve algum tipo de influência para fazer o exame de seleção?

Danielle: (Risos) Da minha mãe.

(Entrevista com Danielle Pereira Brumano em 08/12/2007)

Essa pressão familiar e social para prestar o Exame de Seleção do CAP/COLUNI e ser aprovado pode explicar as dificuldades que alguns alunos têm em lidar com a cultura de ênfase para o concurso vestibular praticado por muitos dos professores do CAP/COLUNI. E que tem nesse aspecto o perfil histórico do seu projeto político pedagógico. Danielle foi uma das ex-alunas que não passou no vestibular de primeira vez, ao sair do CAP/COLUNI. Enfrentou a experiência de fazer um cursinho pré-vestibular, após o término da terceira série. Isso não impediu a construção de uma imagem positiva de sentimento de pertencimento e de afeto familiar por esta em relação ao colégio. Para ela, as outras experiências ali vividas, foram muito ricas e formativas e é um equívoco buscar numa escola como o COLUNI, apenas a História de sucesso no vestibular.

*Eu acho que foi uma época que a gente cresce muito. E cria muitas responsabilidades. E eu sinto muitas saudades do COLUNI. É engraçado que, quando a gente vai lá, dá um aperto no coração. Pois foi uma época tão boa, que quando passa é que dá valor. Mas eu acho muito legal, tanto os relacionamentos entre os professores e os alunos que (...) **eu vejo o COLUNI como uma família.** (Grifo nosso).*

(Entrevista com Danielle Pereira Brumano em 08/12/2007)

Esse sentimento de pertencimento a uma ‘família’ especial, também pode ser observado na fala da ex-aluna Cleuza Eunice, pelo seu desejo e meta que esta teve em lecionar no colégio onde estudou. Para ela aquele era um local que cheirava a familiaridade e evocava lembranças como o do retorno à casa paterna, onde sempre sonhamos reviver, sentir e rememorar afetos.

Quando me formei aqui (na UFV) eu sempre tive o sonho muito grande de entrar ali no COLUNI. Então eu trabalhava no Morro do Pintinho, que é onde fica o Colégio Estadual. Depois aconteceu um remanejamento de vagas e eu fui com meus dois cargos efetivos para o Effie Rolfs (Escola Estadual dentro do campus da UFV, situada próxima ao prédio do COLUNI). E eu passava ali na porta do COLUNI todo dia. Um dia eu irei (risos). Isso foi uma meta mesmo e eu falava assim. Toda oportunidade que tiver eu vou tentar. E graças a Deus, hoje eu tenho isso realizado. Sinto-me muito feliz mesmo de estar no COLUNI. Pela condição de trabalho que dá e pela tranquilidade que tenho. A amizade que a gente tem ali.

(Entrevista com Cleuza Eunice Pereira Brumano em 09/02/2008)

Ao ser indagado sobre a contribuição que o CAP/COLUNI trouxera para seus projetos educacionais e profissionais, Cleuza Eunice, demonstra o interesse na continuidade da sua formação pelo ingresso em um Programa de Pós-Graduação. Ela justifica não ter ainda cursado a pós-graduação pela sua situação de ter filho em idade escolar de nível médio que necessita mais da sua atenção, optando assim, por cuidar primeiro da educação dos filhos, para posteriormente dedicar-se ao treinamento.

Eu não fiz até hoje, mas pretendo fazer a minha Pós-Graduação. O Mestrado. Eu não fiz ainda, não porque o COLUNI tenha barrado. Pelo contrário até incentiva e muito. Sou até cobrada nesse ponto. Mas eu tenho o foco da minha família ainda. Então a questão familiar sobrepõe ainda à questão profissional, no sentido de ter que sair para treinamento. Tem o Bruno ainda (o filho mais novo que havia acabado de tentar o Exame de Seleção no final de 2007 no qual não foi aprovado).

(Entrevista com Cleuza Eunice Pereira Brumano em 09/02/2008)

Cleuza aponta também essa meta de fazer uma pós-graduação como uma necessidade, não apenas em função da vontade de realização pessoal. Mas fundamentalmente em prol da ‘família instituição escolar’ com a qual está ligada, o

CAP/COLUNI, porque nas suas palavras ‘os alunos são ótimos e você tem que estar preparada para esses bons alunos’.

3.1.3 – OS ‘RAMOS MELO’

A Família Ramos Melo teve três de seus membros que fizeram o ensino médio no COLUNI, como aparece no quadro abaixo.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
			Leonel Del Rey de Melo Filho(1996)	Ronnan Del Rey de Ramos Melo (2002)	
				Thiago Del Rey de Ramos Melo (2003)	

O pai desses jovens é funcionário aposentado da UFV e fez um curso superior tardiamente. Este não desfruta de influência e o prestígio das relações que são construídas entre os ‘pares’ da hierarquia superior da universidade. Mesmo assim, procurou estimular os filhos na busca de formação superior no contexto ufeviano ou em alguma outra universidade federal. A possibilidade de estudar no CAP/COLUNI, no caso desse grupo familiar pode ser vista com um significado de possibilidade para a ascensão social vertical via ensino superior. Atendendo também o aspecto financeiro uma vez que o CAP/COLUNI por ser uma escola pública, o ensino é gratuito e a Família Ramos Melo é um grupo familiar de classe média baixa.

Meu pai é contador, mas quando ele formou, eu já estava com meus sete ou oito anos. Mas ele não formou aqui na UFV. Foi em uma faculdade particular em Ponte Nova. Ele queria que a gente estudasse. Ele sempre deu os estudos que podia. E em relação ao vestibular (ele dizia): ‘Pode tentar, aqui, Belo Horizonte ou Juiz de Fora. Mas em Federal. Particular eu não tenho condições de pagar. Principalmente porque se eu pagar para um, vou me sentir na obrigação de pagar pra outro’. E como éramos quatro, se a gente resolvesse fazer particular, não tinha jeito. E todos os quatro fizeram em universidade federal. Só o Leonel que fez na UFMG e os outros três aqui na UFV.

(Entrevista com Nathália Del Rey Ramos Melo em 04/12/2007).

Dos quatro irmãos da Família Ramos Melo, apenas a Nathália, irmã mais velha e autora do depoimento acima, não obteve êxito no Exame de Seleção do COLUNI, realizando o nível médio em outra escola privada. Ela não quis voltar um ano na sua vida escolar e repetir o Exame de Seleção ao final da primeira série. Fato que é muito comum de acontecer entre os estudantes de Ensino Médio em Viçosa, por pressão familiar ou vontade própria, que quer estudar no CAP/COLUNI. Isto aconteceu com o seu irmão Thiago.

Quando eu fiz o primeiro ano, eu dediquei muito. Então eu estudei muito no primeiro ano. Eu era uma aluna muito aplicada. E com isso chegou ao final, meu pai até cogitou: 'olha você não quer tentar de novo o COLUNI?' E eu falei: não eu passei bem e não quero voltar (a série).

(...) o Vassoura (ela utiliza o apelido do irmão no COLUNI e depois corrige), quer dizer o Thiago voltou série. Ele fez o primeiro ano no Equipe. Ele estava na eminência de tomar bomba. Tinha pegado recuperação. Podia ser aprovado ou reprovado. Quando ele foi aprovado no Exame de Seleção, aí ele nem fez a recuperação do primeiro ano (no Colégio Equipe). Não sei se ele teria passado ou não. Ele preferiu reprovar. Ele passou no COLUNI e já tinha definido ir para lá. Aí ele fez o primeiro ano. Fez o primeiro ano. (risos porque o irmão repetiu a primeira série no COLUNI). Fez o segundo. O terceiro.

(Entrevista com Nathália Del Rey Ramos Melo em 04/12/2007).

O fato de não ter feito CAP/COLUNI como os irmãos, não foi um impedimento para que a depoente obtivesse sucesso na sua formação superior e na vida acadêmica. Nathália graduou-se em Engenharia de Alimentos na UFV. Ela fez a Pós – Graduação (Mestrado e Doutorado) no Programa do Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA) da UFV. Atualmente é contratada pelo DTA da UFV no Programa de Recém-Doutor, (Pró-Doc.) com Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pelo fato de estar no contexto da UFV, ela desenvolveu um olhar sobre o CAP/COLUNI, principalmente pela experiência de ter acompanhado a vivência de seus irmãos que ali estudaram. E gosta de traçar um paralelo com a sua experiência na graduação.

(...) eu fui ter uma visão diferente do COLUNI depois que meu outro irmão mais novo entrou (Leonel). Quando eu vi o Léo estudando para o vestibular, percebi que ele sabia estudar. Ele sabia pegar um livro. Abrir um livro e estudar. E eu não sabia, eu fui aprender isso dentro da universidade (na graduação) (...) Assim quando eu passei no vestibular, eu tive dificuldade. Porque aqui dentro eu tive que aprender a estudar.

(...) eu acho que o crescimento ali é muito grande. E tem que diferenciar que é um colégio nesse sentido, que você aprende a estudar. Você aprende a se virar.

(...) e os alunos do COLUNI já entram para uma universidade. A visão é que você está passando num processo de seleção de um colégio, mas dentro de uma universidade. Então você está em um âmbito diferente.

(Entrevista com Nathália Del Rey Ramos Melo em 04/12/2007).

Para o ex-aluno Ronnan Del Rey Ramos Melo, da turma de 2000-2002, a experiência de prestar Exame de Seleção do CAP/COLUNI teve um sentido diferenciado. Ele repetiu o exame três vezes: na sexta série para acompanhar o irmão Thiago, que estava voltando um ano para prestar o exame; na sétima série, talvez para se habilitar melhor e obter bom desempenho quando fizesse ‘para valer’ ao terminar o Ensino Fundamental, e finalmente, ao concluir a oitava série.

Eu tentei (o Exame de Seleção) na sexta série, na sétima e na oitava. Acho que sou a única pessoa que conheço que fez isso (risos). Fazendo na sétima série eu acho que ta normal. Por experiência. Aí eu fiz na sexta série porque o Thiago estava tentando e meu pai perguntou: ‘você quer fazer?’. E como eu gosto dessas coisas né (risos), aí eu falei, vou lá ver como é. Eu fiz na sexta e na sétima e acho que foi válido. Pois já na oitava eu sabia como era o funcionamento da prova. Com o cartão de marcar respostas, com aquela confusão toda de muita gente. Aquela tensão toda, parecendo que você está num quartel-general. Onde não pode nem olhar para o lado. Isso tudo eu já conhecia. Eu fui tranqüilo, caminhei pra minha sala e fiz a prova. (Entrevista com Ronnan Del Rey Ramos Melo em 11/12/2007).

Esse ex-aluno, à época do seu depoimento, tinha se casado com uma ex-aluna do CAP/COLUNI, da sua turma (2000-2002). Eles iniciaram o namoro nos tempos do Ensino Médio. Recém formado em Ciência da Computação na UFV, Ronnan preparava-se para uma experiência nova na sua vida: a de ser pai. O seu depoimento foi marcado também por essa nova preocupação e responsabilidade. Ele, no próximo depoimento refere-se à pressão familiar e social que recai sobre o aluno do Ensino Fundamental em Viçosa e região para prestar o Exame de Seleção do CAP/COLUNI.

Dentro da cidade de Viçosa, a coisa que me preocupa é que um menino na quinta série já está ali pensando: ‘COLUNI. COLUNI. COLUNI.’ Igual a um louco né. Tipo assim, ta ficando preocupante. Porque eu penso que meu filho ou filha, que está vindo aí. Sei lá, com uns doze anos, já vai pensar num Exame de Seleção. Talvez quinze por vaga. Tem que fazer porque é uma pressão igual ao vestibular. Acho que é muito cedo para uma pessoa passar por aquela pressão toda. Eu acho que é o que ta acontecendo. (Entrevista com Ronnan Del Rey Ramos Melo em 11/12/2007).

Nas entrevistas ou mesmo em conversas informais, todos os ex-alunos pais, filhos, primos, irmãos, tios que estudaram no CAP/COLUNI se recordam de algum outro parente (às vezes até mais distantes) que passaram pela mesma experiência,

de prestar o Exame de Seleção, têm um olhar crítico no que diz respeito à pressão social em fazê-lo. No entanto todos os entrevistados acenaram favoráveis à continuidade dessa tradição. O desejo de pertencer à 'Família COLUNI' surge nas novas gerações que vêem outros membros da família passar por aquela experiência educacional marcante que o CAP/COLUNI oferece. Todo ex-aluno do CAP/COLUNI guarda assim um sentimento nostálgico de boas lembranças que também foram uma alavanca para o sucesso nos seus projetos de vida profissional e de realização pessoal.

3.2 - RETRATOS DO “ÁLBUM DE FAMÍLIA”, RECOLHIDAS NO “BAÚ DE LEMBRANÇAS” DE MARIA LÚCIA.

No transcorrer da busca por esses entrelaces de família entre o CAP/COLUNI e seus ex-alunos, pelos seus elos familiares pessoais, deparamos com situações que não estavam no roteiro metodologicamente planejado, nas estratégias como nos instrumentos que elegemos para o trabalho de investigação. Essas situações do acaso, o não previsto, nos remete a pensar numa 'pedra do meio do caminho' que pode ou não ser aquela de que nos fala o poeta. É uma pedra no sentido da busca do faiscador, que pode estar em estado bruto, mas que ao burilarmos pode nos elucidar significações novas, infinitamente multifacetadas de descobertas nas lembranças buscadas nos fios de memórias de um ser humano.

A pedra que foi revelada no caminho investigativo dessa pesquisa apareceu sob a forma de fios de memórias de uma professora do Colégio, aposentada. Ela costurou histórias de vida das suas lembranças do tempo em que lecionou no CAP/COLUNI tecendo-as com a sua ressignificação no presente em que vive. As histórias que mereceram atenção e registro vão de encontro do que BERGSON (in BOSI, 2004, p.41) chama de *'a lembrança, a imagem que aflora e que torna vivo um rosto que perdemos anos atrás, uma voz ouvida na infância que retorna obsessiva e fiel a seu próprio timbre'*.

Maria Lúcia Vidigal Santana lecionou no CAP/COLUNI por 18 anos (entre 1977 e 1995). Ela começou a trabalhar ali, quando estava no quarto período do seu curso de Ciências Biológicas na UFV. Fora convidada por indicação de professores desse Departamento, uma prática comum nos anos setenta do século passado, para

a composição do quadro de professores do colégio. Posteriormente, após a conclusão da sua graduação prestou o concurso e foi efetivada como professora de 1º. e 2º. Graus da UFV.

Quando a procurei, o objetivo era pedir informações sobre as relações de parentesco da Família SANTANA, que foram encontrados nas listas dos ex-alunos do COLUNI. Eu estava rastreando os laços de família de quatro irmãos com o sobrenome Santana Albuquerque, que estudaram no colégio entre 1997 e 2007, além de dois primos. Sabia desse vínculo, porque exceto o primeiro, o Paulo, eu tinha sido professor e conhecia os laços de parentesco com a ex-professora, da qual eram sobrinhos. Na relação abaixo os sobrinhos de Maria Lúcia, que estudaram no COLUNI entre 1996 e 2007, com o ano em que concluíram o ensino médio.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
				André Luis Albuquerque Santana (2000)	
			Marcos Vinicius Albuquerque (1999)	Thiago José de Albuquerque Santana (2003)	
				Igor Guimarães Santana (2004)	
				Ivan José Santana Santos (2004)	

Através das informações que obtive com Maria Lúcia, tomei conhecimento que eram dois ramos familiares: os VIDIGAL SANTANA, do qual ela fazia parte; e os ALBUQUERQUE. As duas famílias com uma longa tradição de formação na UFV e Colégio de Aplicação. As descobertas foram, pois, além das informações buscadas sobre a família dos ex-alunos previamente identificados pelo sobrenome SANTANA. O conhecimento prévio da relação de parentesco entre esses ex-alunos e a ex-professora Maria Lúcia aumentou sobremaneira o interesse da pesquisa por esses ramos familiares, por questões de que falaremos abaixo. No próximo quadro outros membros da Família Vidigal Santana que identificamos nas listas de ex-alunos do CAP/COLUNI.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
	Lucília Ap. Vidigal Santana (1974) Paulo Emilio Pereira Albuquerque (1974) José Antônio Santana deSales (1975) Ângela M ^a . Campos Santana (1976) Paulo Roberto Santana Paes (1976) Sônia Aparecida de Albuquerque (1976) José Eduardo de Albuquerque (1977) Ligia Vidigal Santana (1978) Dulcinéa Santana (1977) Nilce A. Santana (1978)	Denize Ap. Vidigal Santana (1981) Elísio Abreu Albuquerque (1985) Ernesto Santana dos Reis (1986)	Holokx Abreu Albuquerque (1991) Airton Vidigal Santana Jr. (1995) Paulo Fernando Santana Jr. (1996) Marcos Vinicius Alb. Santana (1999)	André Luiz Alb. Santana (2000) Thiago José de Alb. Santana (2003) Igor Guimarães Santana (2004) Ivan José Santana Santos (2004)	

A conversa com Maria Lúcia, deu a impressão de estar diante de um baú de guardados, que fora aberto e estava repleto de histórias, de objetos biográficos, da sua família e de outras com as quais se relacionou durante sua vivência como professora do CAP/COLUNI. Como quem folheia um ‘álbum de fotografias de família’, onde surgem rostos, cenas, sorrisos congelados no tempo material, mas que suscitavam lembranças, cheiros e vozes que faziam com que a professora rejuvenescesse pelo entusiasmo do ato de recordar. Seus olhos adquiriam um brilho contagiante ao narrar estórias de vidas que ela também vivera. Mesmo quando não se lembrava do sobrenome, vinha o apelido ou o nome da cidade de onde esse ou aquele adolescente teria vindo. Ela recordava lutas e dificuldades dos alunos de morar fora de casa, longe dos pais. Falava da busca e estabelecimento de laços de afetividade entre eles e com os professores do colégio. Segundo ela, tais laços teriam continuidade na satisfação que os alunos tinham de manter um sentimento de pertencimento àquela escola onde vivenciaram algo que teve um significado importante em suas vidas.

Essa docente vivenciou várias fases da história do CAP/COLUNI. Desde o período em que só funcionava a terceira série, passando pelo processo de implantação do Ensino Médio completo, com as três séries. Também pela construção e inauguração do prédio do colégio no campus da UFV. Enquanto fora professora ali, sempre procurou manter um vínculo de relação mais estreito entre o CAP/COLUNI e o Departamento de Biologia da UFV onde se graduou. A sede definitiva do COLUNI no campus motivou Maria Lúcia juntamente com outros professores da sua área e através de parceria com o Departamento de Biologia, a lutar pela organização e aparelhamento dos laboratórios de Biologia do colégio.

Alguns dos irmãos de Maria Lúcia, estudaram no Agros, um outro curso de ensino Médio da UFV, que também era preparatório para o vestibular da UFV, do qual eu ainda não tinha tido informações, nem pela documentação consultada da história do CAP/COLUNI, nem pelos depoimentos de professores e ex-diretores do colégio e da Universidade. O Agros, conforme informação de Maria Lúcia, existiu antes do CAP/COLUNI, dando a impressão de que este teve origem naquele.²⁷

O entusiasmo de Maria Lúcia pelo CAP/COLUNI, aflora em um sentimento familiar.

Eu costumo falar que meu cordão umbilical ainda tá preso lá até hoje. Eu sou apaixonada pela UFV e pelo COLUNI. Pelas oportunidades que tive ali dentro. (...) até hoje quando faço alguma viagem, estou em algum lugar e ouço alguém gritar assim: 'Oi colega!'. Porque eu tratava meus alunos dessa maneira, com a expressão 'oi colega!' Porque assim ficava mais próximo. Então muitos que já saíram de lá já faz 15, anos ou mais e sempre que me encontram gritam 'oi colega'. É um carinho muito grande.

(Conversa com Maria Lúcia Vidigal Santana, em 28/02/2008)

Ao se aposentar Maria Lúcia não abandonou o contato com atividades educacionais. Fez vestibular para o Curso de Direito, graduou-se em 2005. Hoje ela é proprietária de um cursinho preparatório para o Exame de Seleção do CAP/COLUNI e para concursos vestibulares seriados. Em algumas das cidades do entorno de Viçosa, alguns desses cursinhos são de trabalho voluntário de ex-alunos do CAP/COLUNI e que estudam na UFV. Estes cursinhos como os da ex-professora Maria Lúcia surgem, num esforço tanto de abrir caminho para as novas gerações do CAP/COLUNI, como para a orientação no ingresso ao ensino superior. Dessa forma, a ex-professora bem como os ex-alunos, se sente pertencente à atual 'Família COLUNI', cultivando essa memória de Histórias de Sucesso nos adolescentes que desejam que venha a ser alunos do colégio.

O vínculo afetivo de Maria Lúcia com o CAP/COLUNI e o seu conhecimento da realidade interna, e do cotidiano da escola, das dificuldades vivenciadas pelos alunos, fez com que no cursinho em que ela prepara seus pupilos atuais, procurasse manter um trabalho que, se não chega a ser beneficente ou voluntário é sensível às dificuldades financeiras da clientela chegando a ter cunho social. Ela apóia e resgata

²⁷ No entanto através de conversa com a ex-funcionária Célia Maria da Paz que foi Secretária do CAP/COLUNI desde o seu início, ela esclareceu que esse curso denominado AGROS era um tipo de curso com disciplinas mais técnicas voltado para os cursos de Ciências Agrárias da UREMG, e que não tinha relação com a fundação do CAP/COLUNI.

alunos potencialmente com chance de sucesso na vida escolar superior, oriundos de escolas públicas (municipais ou estaduais) preparando-os para prestar o Exame de Seleção. Para esses indivíduos, a chance de estudar no CAP/COLUNI, fazer parte do grupo selecionado de alunos significa a abertura de oportunidades de ingresso no ensino superior e de sucesso na vida profissional.

Ela, assim, relata orgulhosamente a situação de um ex-aluno, concluinte da terceira série na turma de 2007, cujo desenvolvimento ela acompanhou anteriormente ao CAP/COLUNI. O ex-aluno de quem ela fala foi aprovado em três vestibulares no último verão (UFMG, UFV e UNICAMP no curso de Engenharia Química).

Porque o COLUNI orienta o aluno. Só de ele conviver ali dentro e observar (o mundo da universidade), ele não tem medo. Não tem receio de enfrentar o vestibular. De precisar ir morar longe de Viçosa (ela quer se referir ao fato de que para muitos dos alunos das cidades da região de Viçosa, e que vem para o COLUNI, sendo essa a experiência primeira de estar longe da família). Então você veja esse exemplo recente aí do Roberto irmão do Ednei (Ednei Canuto foi professor substituto de Física no COLUNI e atualmente é Doutorando do Programa de Pós-graduação em Física na UFV. Seu irmão Roberto Canuto formou-se no COLUNI na turma de 2005-2007). O menino veio de uma escola municipal que fica entre Porto Firme e Conselheiro Lafaiete. E o moleque está indo pra USP. Ele passou aqui na UFV, na UFMG e escolheu ir pra USP (Grifo nosso. Ela enfatiza a importância da universidade, carregando na sua sigla "USP". Mas cometeu um engano, Roberto está indo para UNICAMP. A informação foi passada pela Orientadora Educacional do CAP/COLUNI.) O cara nunca ultrapassou o limite dessa nossa região aqui. Foi lá uma vez só para fazer a prova e pronto. Saiu de uma 'grota' e vai para São Paulo estudar em uma das mais prestigiadas instituições de ensino superior do país. (Conversa com Maria Lúcia Vidigal Santana, em 28/02/2008)

O que Maria Lúcia desconhece sobre a realidade atual dos ex-alunos do CAP/COLUNI é que nos últimos dez anos ou mais, muitos têm prestado vestibular na UNICAMP. E criou-se uma verdadeira colônia de ex-alunos do CAP/COLUNI lá, que prestam ajuda aos que vão chegando àquela universidade. Esses encontros na graduação reforçam o vínculo entre os ex-alunos do CAP/COLUNI. Um fato interessante que se observa nesses encontros já na graduação é a identificação entre os ex-alunos tanto pela lembrança do CAP/COLUNI como das repúblicas onde moravam em Viçosa. Como é o caso da tradicional República Tcheka, que sempre teve como moradores alunos do CAP/COLUNI.

Continuando a folhear mais páginas do seu álbum de fotografia de memórias, Maria Lúcia depara com rostos juvenis, nomes e apelidos familiares, demonstrando um sentimento nostálgico, de carinho maternal ou de tia querida e cita histórias de

sucesso na vida profissional dos ex-alunos que vai recordando. Notadamente, ela ressalta aqueles cujas famílias ela manteve contato, participando da vida desses alunos também fora dos muros da escola.

Ela vai citando as histórias como se apontasse para a foto no álbum imaginário.

A família desse fulano aqui veio de Senador Firmino. Foram sete ou oito irmãos. Não me lembro bem. Eu sei que esse formou em Engenharia Civil e é um bem sucedido empresário do ramo da construção civil aqui em Viçosa. E me parece que também tem empresa no Tocantins; Essa menina hoje trabalha em uma empresa multinacional de informática e dá palestras no mundo inteiro; esse garoto daqui, e outros da sua família, todos fizeram cursos na área de agrárias. Eram de Ervália. Chegavam aqui em um fusquinha velho todo sujo de barro. Hoje trabalham com café do tipo exportação; Os alunos que vinham de Ponte Nova, eram principalmente filhos de médicos. Então quase sempre a carreira pela qual optavam era da área de Saúde (Medicina, Odontologia); teve uma família de Cajuri que muitos de seus membros entre irmãos e primos, também estudaram no COLUNI e assim, deve ter em torno de uns dez ou mais que fizeram cursos da área de saúde.

Então ela tenta lembrar os nomes desses médicos, dentistas, agrônomos, veterinários, engenheiros, suas especialidades e ocupações atuais pelo prestígio que têm na região de Viçosa e mesmo em outras regiões do país.

E as histórias vão brotando na memória da professora, que mantém um entusiasmo juvenil ao relembrar dessa relação afetuosa com os seus ex-alunos e as suas histórias de vida e memórias de sucessos na vida profissional após a formação superior. Através do olhar atento e nostálgico de Maria Lúcia, aponta no seu 'álbum de fotografias' de memórias, uma família que lhe chamou a atenção em particular, pelas recordações que traziam para o tempo presente da 'colega' muita satisfação: a FAMÍLIA FERNANDES DE CARVALHO da cidade de Senador Firmino. O que nos motivou a buscar membros dessa família que permaneceram em Viçosa e na região. Tivemos, então, a oportunidade de saber um pouco mais da experiência de seus membros que estudaram no CAP/COLUNI e UFV, ao longo de quase trinta anos. Outro motivo do interesse pelos Fernandes de Carvalho é o fato de que uma nova geração de membros dessa família, já está estudando no colégio como membro da terceira geração de alunos.

Abaixo ver a relação dos nomes dos irmãos dessa família que estudaram no COLUNI, seguidos pelo ano de conclusão do ensino médio, e do curso e local onde fizeram a sua graduação.

1966	1970	1980	1990	2000	2008
	Thomaz Fernandes de Carvalho (1977) (Engenharia Civil/UFV)	Davi Caetano Fernandes de Carvalho (1980) (Zootecnia/UFV)	Samuel Fernandes de Carvalho (1993) Engenharia Civil/UFV		
	Edwiges Fernandes de Carvalho (1978) (Agronomia/UFV)	Antônio Fernandes de Carvalho (1982) Farmácia-Bioquímica/UFJF	Thiago Fernandes de Carvalho (1997) Direito/UFMG		
		Raquel Fernandes de Carvalho Arquitetura/PUC-MG			

Um dos membros dessa família, o quarto irmão que estudou no COLUNI, Antônio Fernandes de Carvalho, atualmente é professor do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV. Ao entrarmos em contato com ele e falar sobre as informações obtidas com sua ex-professora, esse se prontificou com muita boa vontade em ser entrevistado para falar sobre as memórias individuais e de sua família nas suas relações com o CAP/COLUNI e com a UFV.

A entrevista foi mais uma agradável conversa, pela alegria do entrevistado em ter um interlocutor a quem falar de um passado que não quer esquecer. Além da agradável conversa a entrevista gerou bons frutos para este estudo, pois descobri que mesmo por se tratar de uma família com passado mais remoto de experiência no colégio, o entrevistador teve a oportunidade de conviver com dois dos membros. Os dois membros mais jovens dessa família que estudaram no CAP/COLUNI na década de 1990 e que foram o Samuel e o Thiago. O Thiago foi da primeira turma, para a qual lecionamos em 1996, quando passamos a fazer parte do quadro docente do colégio. Novas informações e memórias foram evocadas nessa conversa-entrevista que, às vezes, corroboravam com as lembranças da ex-professora, enquanto outras acrescentavam a elas dados novos.

Mais uma vez ressaltamos aqui, os laços do sentimento de pertencimento e afetividade que desenham o perfil do CAP/COLUNI. É importante enfatizar que a fala de Antônio remete-nos ao que ouvimos de Maria Lúcia: *'a família desse fulano aqui veio de Senador Firmino. Foram sete ou oito irmãos'*.

Os FERNANDES DE CARVALHO são originários da cidade de Senador Firmino, cujos membros começaram a vir para Viçosa no final da década de 70 do século passado a fim de completarem seus estudos no Colégio de Viçosa. Uma renomada instituição de ensino na região e no país àquela época. Alguns ainda cursando a quinta ou sexta séries do Ensino Fundamental, passavam então, pela experiência precoce de morar longe de casa. O mais velho deles Tomáz chegou a morar no Colégio de Viçosa em regime de internato. Depois os pais adquiriram um

imóvel em Viçosa formando assim o que Antônio denominou de ‘república de irmãos’.

*O nosso estudo foi assim: a gente saiu muito cedo de casa. Os dois primeiros devem ter saído na quinta série. Já o Davi, saiu de Senador Firmino na oitava. Eu saí na sétima. Depois houve um retrocesso (na idade da saída dos outros irmãos). Raquel, Samuel e Thiago devem ter saído ali pela quinta ou sexta séries para vir para Viçosa. A gente veio pra cá, mas era assim uma república de irmãos.
(Conversa com Antonio Fernandes de Carvalho, em 03/03/2008).*

Todos os sete irmãos estudaram no CAP/COLUNI. Somente Raquel não concluiu a terceira série ali. No ano em que deveria fazê-lo ocorreu uma greve de servidores públicos e, temendo que essa situação pudesse prejudicar a sua preparação para o vestibular, que era seu objetivo maior, ela transferiu-se para Juiz de Fora.

Segundo Antônio, a formação acadêmica deles foi bastante diversificada, e a decisão de vir para Viçosa, e a escolha profissional, além do interesse pessoal de cada um, estava também o interesse coletivo de constituir uma sociedade de irmãos no que diz respeito aos empreendimentos planejados pela família.

*Na verdade nós nos associamos para formar uma sociedade em Senador Firmino e cada um foi por uma área específica que pudesse contribuir. Então formou Engenheiro Civil, Agrônomo, Zootecnista, Arquiteto, Advogado... Como eu me interessava pela área médica, a princípio, fui fazer Farmácia-Bioquímica. Mas já no segundo ano da faculdade eu me direcionei para uma área para que eu pudesse retornar. Que foi então na área de Alimentos. Para poder voltar e participar nesse empreendimento. Então nós constituímos uma sociedade de irmãos. De todos os ramos que estão aí de acordo com a formação de cada um. Por exemplo na área de laticínios temos a marca dos produtos Sérvulo. Que é o nome do meu pai. Ele chama-se José Sérvulo.
(Conversa com Antonio Fernandes de Carvalho, em 03/03/2008).*

Antônio graduou em Farmácia-Bioquímica na Universidade Federal de Juiz de Fora e, ao mesmo tempo, fez o Curso Técnico de Laticínios do Instituto Cândido Tostes naquela cidade. Ele fez a sua Pós-Graduação, tanto mestrado quanto doutorado na área de Laticínios na França. De volta ao Brasil, entrou para o Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV.

Do álbum de fotografias do baú de histórias de Maria Lúcia, despreendeu-se um fio de memória sobre essa família, que ela foi desvelando com zelo e carinho. A história de um rapaz negro, chamado Sebastião, que também saiu de Senador

Firmino, e veio morar com esses irmãos. Nas brumas que envolviam a personagem, Maria Lúcia revela acreditar que ele viera para ficar como cozinheiro para os irmãos. Na forma como busca entretecer os fios da história dessa família, ela colore essa lembrança com vibrantes cores de uma memória de História de Sucessos para um ex-aluno, que teria saído de uma situação de ‘vir de baixo’ no sentido de estratificação social: negro em uma sociedade onde a formação educacional sempre foi um privilégio (na acepção que falava Anísio Teixeira nos anos 50 do século passado). A sua relação de amizade com a família Fernandes de Carvalho lhe possibilitou, no entanto, prestar o Exame de Seleção do CAP/COLUNI, ser aprovado e fazer parte de um grupo seletivo que lhe deu a oportunidade de prosseguir seus estudos superiores. Ela prossegue dizendo que, atualmente, embora não soubesse onde Sebastião se encontrava, sabia que ele era bem sucedido também na vida profissional, e aponto ao fato de ter estudado no CAP/ COLUNI.

*Depois veio o Sebastião. Um rapaz negro, que era quase como se fosse da família. Ele veio como cozinheiro. Pra ajudar na casa. Aí ele passou no Exame de Seleção do COLUNI. Só não me lembro do sobrenome dele.
(Conversa com Maria Lúcia Vidigal Santana, em 28/02/2008)*

Antônio também confirma essa relação de amizade que existia entre Sebastião e a sua família. E revela um olhar diferente sobre o que foi desvelado nas lembranças da professora. E faz questão de assinalar nesse olhar a marca do seu cogito atual, na situação de quem passou por toda uma experiência de formação superior e científica avançada, acerca do convívio e das relações dos seus irmãos e da família com aquele rapaz naquela época. Assim são as imagens de Sebastião que afloram nos fios de memória de Antônio:

*Na verdade o Sebastião era um rapaz, muito nosso amigo. Desde pequeno que ele sempre ficou na nossa casa brincando conosco. Como nós íamos estudando e o Sebastião também foi estudando (junto conosco). E o meu pai sempre pagou pra ele poder estudar também. Quando nós viemos pra estudar no Colégio de Viçosa ele também veio conosco. (...) ele também ajudava (nas tarefas domésticas). Ele tinha algumas funções. Era uma vida de república. Era tudo mais ou menos dividido. E no caso do Sebastião... sei lá, eu acho que olhando com uma certa distância, a gente era mais burguês, empurrávamos um pouco mais (as atividades domésticas) nas costas dele. Mais no básico, era assim, uma coisa dividida. Ele não era realmente um empregado nosso. Ele fez todos os estudos. Ele queria tentar Medicina.
(Conversa com Antonio Fernandes de Carvalho, em 03/03/2008).*

Sua memória também assinala lapsos naturais com o passar dos anos, pois não consegue se recordar se ele fizera mesmo o CAP/COLUNI. Fica em dúvida e

alega que a idade de Sebastião seria mais próxima com a do seu irmão Davi, com quem certamente tivera mais contato.

*Eu acho que ele não fez COLUNI. O nome dele era Sebastião Gregório. Ele seria mais ou menos da mesma idade do meu irmão Davi. Eu não me lembro exatamente se ele fez COLUNI. Depois, como ele queria fazer Medicina, ele foi para Juiz de Fora. Ele não fez vestibular em Viçosa. O objetivo dele era Medicina. Não passou no início. Tentou, eu acho que três anos. Aí ele fez Administração e hoje é proprietário de uma fábrica de móveis em Ubá. E Sebastião vivia conosco em toda a nossa relação familiar. Se a gente fosse pra um sítio jogar bola. Como a gente fazia com o pessoal da família de Maria Lúcia lá no sítio deles. Então ele ia conosco. Era um membro da nossa família normal. Só que assim, nunca teve uma relação de dependência formal com meu pai. Ele não era nosso irmão adotivo.
(Conversa com Antonio Fernandes de Carvalho, em 03/03/2008).*

Verificando na lista de ex-alunos do CAP-COLUNI vi materializar-se a confirmação do 'retrato' apontado no álbum por Maria Lúcia. Entre os concluintes de 1980, o mesmo ano em que Davi Fernandes de Carvalho concluiu a terceira série, aparece o nome de Sebastião Gregório.

Outro fio começa a ser desembaraçado no olhar rememorativo e terno de Maria Lúcia, carregado de afetos apontando no seu 'álbum' outra foto da família Fernandes de Carvalho. Ela matiza sua narrativa com a demonstração de um compromisso maior do professor na sua interação com seus alunos. Para ela, o professor deve ir além de uma relação estritamente pedagógica e profissional da transmissão de um conhecimento dos conteúdos. A missão de ensinar deve ser também uma tarefa humanizante no sentido de criar uma cumplicidade de relações afetivas de amizade. Ternamente, ela descreve uma situação que vivenciou pela história do ex-aluno Samuel e da experiência de jovens que têm que viver longe do porto seguro e protetor da casa dos pais:

*Longe do pai, longe da mãe, cinco adolescentes sozinhos em Viçosa. E ninguém se envolveu com drogas. Eu me lembro bem do Samuel. Conheci os outros também, o Tomáz, o Toninho, a Raquel, a Gigi (utiliza os apelidos que soam familiares), todos cresceram de uma forma legal. O Samuel então, quando passou para a segunda série ele não estava crescendo. O crescimento havia se estabilizado. Eu o chamei e falei com ele: 'Samuel vai chegar às férias de julho e você vai pedir a sua mãe para te levar em um endocrinologista em Juiz de Fora. Porque o seu crescimento estabilizou'. Aí quando ele retornou das férias, ele me disse: 'Lúcia, você tinha razão. Eu estava com um problema de crescimento retardado. E agora estou tomando hormônios'. O que isso quer dizer. É que o professor tem que estar atento a isso também. Então o professor de Biologia (e mesmo de outras matérias) a sua atividade não é só dar aula. Ele tem que ficar atento a esses garotos que moram longe de casa.
(Conversa com Maria Lúcia Vidigal Santana, em 28/02/2008)*

Na conversa com o ex-aluno Antônio, foi lido esse trecho do depoimento de Maria Lúcia. Antônio confirma a veracidade do fato do problema de crescimento de Samuel. Só não pôde afirmar se a descoberta daquele problema de saúde teria sido fruto de um diálogo entre a professora e o estudante. Nessa época ele já estava fora do Brasil, mas tece um comentário sobre a preocupação quase maternal da professora com os adolescentes morando longe de casa:

*Nós fomos estudantes normais. Morávamos num apartamento grande, com cobertura e fazíamos umas festas de vez em quando. Porém nada preocupantes. Como adolescentes normais. Nem melhor e nem pior do que os outros.
(Conversa com Antonio Fernandes de Carvalho, em 03/03/2008).*

Nesse ponto da nossa conversa com a ex-professora 'colega', ela fecha o seu 'álbum de fotografias' dos seus ex-alunos, dá um suspiro prazeroso de satisfação de rever aqueles rostos. E desvia sua narrativa para falar de seus sobrinhos Ivan e Igor, agora no papel de 'tia coruja' mesmo. Ela não chegou a lecionar para os dois, pois quando foram aprovados no Exame de Seleção, já havia se aposentado. Isso não a impediu de acompanhar as vivências e experiências da vida estudantil desses no colégio, até porque ela nunca deixou de sentir como pertencente àquela outra família: a Família COLUNI. E tece então um último comentário:

*O COLUNI não é só ensino não. Você sabe disso né. Quando eu bato papo com Igor e Ivan, que foram os últimos da família a estudarem lá e que formaram muitas amizades sólidas ali digo que o COLUNI também é humanismo. (...) O que eu acho interessante neles é isso. Quando chegam as férias, um liga para o outro, reúnem para aquele bate papo com os amigos sobre os tempos do colégio. Saudades dos professores. Um bate papo saudável. (...) acho que ali marca bastante, talvez pelo fato dos professores terem uma dedicação exclusiva (não apenas no sentido profissional), existem aqueles que gostam de bater papo com os alunos. O que é uma coisa muito importante na faixa etária deles. Principalmente para aqueles que estão longe de casa. Então isso deixa marcas na vida deles. Por isso eu acho que não é só o ensino não. Mas tem muito dessa parte da sensibilidade, do humanismo, de afetividade mesmo.
(Conversa com Maria Lúcia Vidigal Santana, em 28/02/2008)*

Então ela guarda o álbum no seu baú de recordações e sorri com um sentimento misto de saudades, de orgulho e ternura.

CAPÍTULO 4 – “MELHOR COLÉGIO DO MUNDO”

As histórias narradas sobre uma memória de sucessos dos ex-alunos do CAP/COLUNI demonstram o estabelecimento de elos geracionais de características familiares, constituindo assim o que é comumente utilizado, ou mesmo sentido e identificado por alguns professores e ex-alunos como a ‘Família COLUNI’.

Os laços de sentimento de pertencimento a essa ‘família’, que refletem o discurso coletivo construído sobre o colégio, são criados pelos que vivenciaram experiências escolares nessa instituição. Esse discurso de memória que é forjado na história do CAP/COLUNI transborda para os vários membros de um mesmo grupo familiar, criando os ‘laços de família’, que, por sua vez, fortalecem uma memória coletiva realimentada e ressignificada nas novas gerações que têm no COLUNI uma parte da sua formação escolar.

A proposta desse capítulo é mostrar como se dá a passagem do discurso construído em torno do projeto de memória de sucesso nas práticas do cotidiano escolar do colégio, a partir da experiência individual e coletiva dos seus alunos.

A questão fundamental aqui levantada é então: como a memória passa a funcionar como um elemento integrador e fomentador de um sentimento de pertencimento que faz com que os alunos passem a se sentir pertencentes à “Família COLUNI”? A partir dessa questão procuraremos descrever como os alunos do CAP/COLUNI, através de apropriações e reinvenções nas suas práticas cotidianas, passam subjetiva e coletivamente a reforçar essa memória ressignificando esse discurso com elementos novos que vão sendo incorporados pelas novas gerações.

As práticas do cotidiano escolar dos ex-alunos do CAP/COLUNI aqui descritas vão além das visões por estes construídas sobre o colégio, pois se misturam, também com olhar dos professores. Estes trocam impressões nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, conversas informais na sala de cafezinho ou nos corredores. Além disso, os professores observam os comportamentos dos alunos nas atividades extras classe, nos horários de intervalo no pátio central, a partir das galerias que rodeiam o segundo piso.

Na elaboração deste capítulo utilizaremos as variadas fontes em que possa ser captada a noção de pertencimento bem como do reforço à idéia da tradição da memória de sucessos como: as falas dos alunos através das entrevistas; as

atividades lúdico-culturais; os artigos nos jornaizinhos internos, elaborado pelo Grêmio Estudantil; as brincadeiras e costumes inventados internamente; as expressões e linguagem utilizadas por eles; as formas e manifestações de protesto e transgressões; as fotografias de acervos pessoais ou do colégio; as interações coletivas e individuais registradas em comunidades criadas no Orkut.

A partir dessas fontes pretendemos buscar indícios que revelem o sentimento de pertencimento e a noção de identidade dessa comunidade singular no cotidiano da escola, buscando compreender, também, a constituição da memória coletiva sobre o colégio, pelas ações e práticas individuais ou coletivas dos ex-alunos. Na foto abaixo da bandeira, colocada no álbum do Orkut do ex-aluno Filipe 'Mingau' Ramos, turma de 2001-2003 (de onde ela foi capturada) observa-se o sentimento de pertencimento na legenda: *“Olha o meu bandeirãã Coisa linda”*.



Essas práticas expressam sentimento de afetividade que alimentam o discurso incorporado e construído sobre a tradição do colégio. O 'bandeirã', apesar de ostentar as cores da UFV, não é oficial, foi feito pelo Grêmio Estudantil para ser utilizado nas competições esportivas e é uma clara expressão de identidade dos ex-alunos com a escola, sendo encontrado em álbuns de fotografia de muitos deles.

O título "Melhor colégio do Mundo" traz uma idéia largamente difundida sobre o COLUNI e foi, portanto, uma das questões colocadas nas entrevistas aos ex-alunos, para que pudessem expressar sobre ela. Todos os entrevistados

manifestaram uma visão crítica dessa idéia, mas demonstraram afeto pelo colégio, que teve importante significação na fase de sua adolescência. O depoimento de Robledinho, a seguir, demonstra a criticidade, bem como o afeto:

“Melhor colégio do Mundo” é o grito de guerra da torcida do COLUNI no JEVS (Jogos Estudantis de Viçosa). Principalmente quando está competindo com o Colégio Equipe (o grande rival do COLUNI em atividades esportivas). Tem até aquela musiquinha: ‘Melhor Colégio do Mundo! Melhor Colégio do Mundo! Bebe um pouquinho/estuda um pouquinho/E fode com todo mundo’. (risos). (...) O COLUNI tem o básico, o estudo de qualidade diferenciado. Não é um ritmo de universidade, mas também não é um ritmo normal de ensino médio. Ele está entre os dois. (...) Aí dizer que é o ‘Melhor Colégio’ (pausa). É difícil de falar. Você não estudou no outro para comparar. Eu acho que ele é diferente. É um caso a parte. (Grifo nosso)

Esse capítulo estrutura-se em duas seções. Na primeira há a descrição da organização e estrutura do projeto político pedagógico da instituição, contrastando-o com a arquitetura do prédio, sede do colégio. Na segunda, descreveremos as redes de comunicação, afetividade e transgressões compartilhadas pelos alunos do CAP/COLUNI nas experiências pessoais e coletivas no cotidiano escolar.

Destacamos o espaço físico preferencialmente utilizado pelos alunos, o anfiteatro do pátio central, onde acontecem as mais variadas formas de manifestações dos alunos como, convívios, atividades lúdicas, culturais e afetivas. Nesse cenário identificamos algumas características essenciais do grupo de alunos do CAP/COLUNI que MAFFESOLI (2006, p. 139) denomina como sendo o de um *‘sentimento partilhado’*. Onde a *‘lógica comunicacional, ou ainda a interação, tende a privilegiar todo o aspecto arquitetônico e a complementaridade que deles resulta’*.

Podemos inferir: o anfiteatro é o umbigo que nutre o sentimento de afetividade e pertencimento que os ex-alunos têm pelo colégio. Estes o chamam de *‘piscina vazia’*, onde fica *‘enterrados os umbigos’* de cada um – como na fala de Maria Lúcia - e é forjada *‘uma alma coletiva de uma matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida quotidiana’* (MAFFESOLI, 2006, p.139). *‘Guzinho’*, a mascote da Comissão de Formatura da Turma de 2000-2002, abraçando carinhosamente o prédio do COLUNI com a legenda: *‘Estaremos sempre unidos’*, na figura abaixo, ilustra bem a identidade dos alunos com a escola.



(Camiseta da Turma 2000-2002 com o Guzinho, a mascote)

Para apreender o que gera a visão da memória coletiva de Histórias de sucessos dos alunos CAP/COLUNI, pelas suas práticas e experiências cotidianas, e que neles contribui para a criação de um sentimento de pertencimento ao que chamam de *'Melhor Colégio do Mundo'*, vamos adentrar, então, os umbrais dessa *'Casa'*, vasculhar seus espaços e observar os hábitos, os costumes e usos dessa *'Família'*. Ouvir as suas vozes, seus silêncios, capturar seus sentimentos e anseios. Partindo dos *'minúsculos fatos da vida cotidiana'* que *'engendram uma realidade própria de coexistência social'*, chamados por MAFESSOLI (2006, p. 141), de *'socialidade'*. Tentando elucidar *'aquilo que estiliza a existência, que faz ressaltar a característica essencial para o grupo: o lúdico'* (MAFESSOLI, 2006, p. 141). Onde o estar - junto é um dado fundamental, pois essa é a base para a construção de uma memória coletiva.

Uma apreensão de detalhes da *'Casa'* – do prédio e dos espaços do colégio – ressaltando o contraste da sua moderna proposta arquitetônica em relação ao tradicionalismo do seu projeto político pedagógico faz-se necessária para o conhecimento do dia a dia da vida dos membros da *'Família COLUNI'*.

4.1 – A “CASA” – ESPAÇO, ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E AS ROTINAS ESCOLARES DO CAP/COLUNI.

O prédio sede do CAP/COLUNI fica localizado no Campus da UFV, em uma via de acesso a Unidade de Saúde. Próximo aos prédios do Departamento de Humanidades e Artes, da COPEVE, da Imprensa Universitária e do Departamento de Tecnologia de Alimentos. Ele foi construído e inaugurado com a finalidade de abrigar o colégio no final dos anos 80 do século passado.

A construção apresenta uma série de princípios construtivos que busca reinterpretar elementos arquitetônicos clássicos com a utilização de figuras geométricas, combinadas com concepções modernistas de funcionalidade (que acabaram se revelando não serem tão funcionais assim), numa perspectiva do que ficou conhecido como arquitetura pós-moderna, típica dos delírios do ‘fin de siècle’ vinte.

A sua entrada para muitos se assemelha a de um ‘shopping center’ procurando abusar das possibilidades de uso do vidro para dar clareza ao ambiente e tirar um pouco do peso soturno que às vezes sobrecarregam as construções escolares. Mas que acabou contrastando com a disposição dos blocos de salas de aula e o de gabinetes de professores e setor burocrático de quem adentra ao portão envidraçado do colégio.

A portada é precedida de uma passarela suspensa por colunas de fuste liso, em pastilhas azuis, que sustentam um telhado de vidro em duas águas a maneira de estufa. Um cubo de vidro repartido em outras formas triangulares encima o frontão que se liga ao cume do telhado, que cobre todo o hall e o pátio interno central. Esse frontão também é sustentado por duas colunas que sustentam o frontispício reto e liso, também em pastilhas em azul escuro, contrastando com paredes em pastilhas vermelhas que compõe o corpo da escada do hall de entrada e que avança para se destacar do bloco compacto e reto que forma o corpo do colégio, revestido em sua fachada por paredes em tijolos de cimento vazados.



Prédio do CAP/COLUNI no campus da UFV – Vista da entrada

Após subir os degraus do hall deparamos com a escada em dois vãos que dá acesso a uma passarela a moda de mezanino no piso superior. O primeiro vão dessa escada desemboca em uma plataforma semicircular voltada para o anfiteatro do pátio central localizado logo atrás. Esse espaço costuma ser apropriado pelos alunos nas suas apresentações artísticas e culturais, funcionando como uma espécie de parlatório ou palanque.

O pátio interno é o nosso cenário primordial por ser ali o espaço e território dos alunos. Ele tem uma forma retangular e é ladeado por colunas como as da fachada, dando a impressão de um enorme peristilo. Atrás da escada da entrada localiza-se o anfiteatro, que os alunos denominam de 'piscina vazia, e atrás dele uma ampla área completa o espaço de circulação com ligação livre para os corredores laterais e dos jardins internos que permeiam os blocos construtivos.



Na foto acima o pátio interno do CAP/COLUNI com o anfiteatro.

Ao fundo localiza-se a cantina, ladeada por duas escadas de circulação dos alunos e que dá acesso ao piso superior. A cantina é um dos espaços que não funcionou muito bem dentro das expectativas desse tipo de espaço para um prédio escolar. É pouco arejada e acaba empurrando os alunos de volta ao pátio. Esse por sua vez se transforma em uma típica 'Praça de Alimentação' de shopping center, bastante ruidosa nos horários de intervalo.

No piso superior há uma passarela cercada por grade de metal pintado de vermelho, que rodeia todo o pátio ligando as diversas partes de acesso às salas de aulas e gabinetes de professores. Essa passarela funciona como tribunas de um grande teatro aberto que permite aos expectadores do piso superior, observar as atividades e do comportamento dos alunos no anfiteatro e no pátio abaixo.

O teto que cobre essa área é uma continuidade do mesmo princípio de cobertura em duas águas já visto na passarela da entrada. Encimado por um telhado de vidro, sobreposto em dois vãos, como o de uma estufa, mas com pequena abertura para ventilação e completado com telhas de amianto. Esse telhado causa um grande desconforto térmico na parte da tarde, que se expande pelas outras dependências do colégio.

Do lado esquerdo de quem adentrou ao colégio ficam os dois blocos de salas de aulas e de laboratórios que se localizam no térreo. São separados por um jardim interno que deveriam funcionar como *impluvium* para refrescar o ambiente mais que

é coberto por um telhado semelhante ao do pátio central, provocando realmente um efeito de estufa. O que acarretou a necessidade de retirada de algumas das telhas de vidro do seu vão central.

Os dois blocos são ladeados por corredores cujas paredes externas são de tijolo de concreto vazadas. As da parte da frente revelaram-se um incomodo para quem ministra aula no período da tarde, pois o reflexo do sol atravessa os tijolos vazados, e pelas partes envidraçadas das portas das salas refletem no quadro negro.

As paredes das salas de aula são em tijolo nu o que dificulta mais não impede de que os alunos deixem as marcas da sua passagem pela escola rabiscando ou mesmo esculpindo seus nomes e apelidos ou o de suas turmas. Arte rupestre para se eternizarem naquelas paredes seus vestígios da sua vivência por três ou quatro anos entre aquelas paredes.



CAP/COLUNI – Os dois blocos de salas de aulas com o anfiteatro do Pátio ao fundo

A disposição dos dois blocos de salas de aulas paralelos um ao outro demonstrou outra inabilidade do projetista do prédio em desconhecer a funcionalidade de um ambiente escolar. Preocupado muito mais com o aspecto ou impacto estético que poderia causar ao observador desatento de como trabalhou as linhas e as figuras geométricas na composição do edifício. Assim os barulhos inerentes a atividades pedagógicas dos professores e mesmo aos da faixa etária do

público adolescente ao qual se destinou o prédio passam a incomodar quem está lecionando no lado oposto. O que é motivo de reclamações de professores e alunos. Ao mesmo tempo em que gera mais desconforto térmico pela necessidade de fechar janelas e cortinas.

Outro aspecto criticado aos arrobos delirantes da estética arquitetônica do prédio é que a acústica do pátio central reverbera principalmente em direção ao bloco das salas de aulas, principalmente nos dias em que os alunos estão se preparando para alguma atividade artística e que muitos matam aula para ensaios e montagens de instrumentos musicais e outras parafernalias. Ou apenas pela excitação do estar saindo da rotina das aulas formais. Isso também é motivo de muitas reclamações de professores sintonizados com a rigidez do modelo tradicional de comportamento escolar.

Do lado direito encontram-se dois outros blocos semelhantes aos do lado esquerdo. No térreo localizam-se as salas destinadas ao setor burocrático - administrativo de Secretaria, Registro Escolar, Direção, copa, Sala de Reuniões e uma sala de recursos áudio visuais que no projeto original deveria se destinar a Biblioteca. Essa foi transferida para a Biblioteca Central da UFV após a sua reforma. Na qual existe uma sala destinada aos alunos de Ensino Médio tanto do CAP/COLUNI como da comunidade em geral. É conhecida pelos estudantes como 'aquário' por suas paredes de vidro. Essa sala acabou não sendo respeitada como espaço exclusivo de alunos do Ensino Médio e é utilizada pelos alunos da graduação, assim como os alunos do CAP/COLUNI também utilizam as outras dependências de estudo individuais e em grupo da biblioteca.

Na parte superior desses blocos localizam-se os gabinetes de professores, da Coordenação Pedagógica e do Serviço de Orientação Educacional. Entre esses dois blocos existe um outro bloco com duas salas. A do térreo com uma parede em curva deveria ser destinada ao Grêmio Estudantil (que atualmente ocupa um gabinete próximo ao banheiro masculino dos alunos). Essa sala foi transformada em Laboratório de Inclusão Digital (LID). Na parte superior tem mais uma sala destinada também ao uso de recursos áudio visuais. No térreo, as paredes curvas desse bloco ajudam ainda mais a deslocar o som do barulho das atividades do pátio central em direção ao bloco das salas de aula.

Mas é justamente no pátio central, com seu anfiteatro com a orquestra em formato clássico circular, que se constitui o nosso espaço de observação do

comportamento e práticas cotidianas dos alunos do CAP/COLUNI. Espaço esse que lhes deixarão marcas, o ‘vestígios’ que fala ROCKWELL (1995) dos três anos em que aqui passaram e que lhe dão um sentimento de pertencimento, evoca lembranças da escola e dos amigos, que despertam os afetos entre si e para com ela. É onde pulsa forte o ‘*coração de estudante*’ como cantou o poeta, e que não morre nunca no ‘*sorriso de menino*’ que todo estudante de qualquer grau guarda dentro de si ao rememorar essa suas ‘épocas escolares’.

Em contraste com a proposta de funcionalidade moderna da arquitetura do prédio, na sua estrutura organizacional e no seu projeto político pedagógico, o CAP/COLUNI em muito pouco se difere do perfil tradicional dos colégios públicos de Ensino Médio. Segue a mesma legislação das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, possui um Regimento Interno que foi discutido e aprovado em seu Colegiado, e que foi posteriormente aprovado pelos órgãos de instância superior da UFV. E enquanto unidade de ensino médio dessa IFES, ele está vinculado à Pró-Reitoria de Ensino como os demais Departamentos dos Cursos de Graduação.

O Colégio funciona com quatro turmas de quarenta alunos, para cada uma das três séries do Ensino Médio. Atualmente, mesmo ocorrendo caso de reprovação na primeira e segunda série, acontecem provas para as vagas remanescentes, afim de não mantê-las ociosas nessas séries. As turmas de segunda e terceira séries têm aulas regulares no período matutino. E as turmas de primeira série no período vespertino.

As aulas de Educação Física ocorrem nos horários opostos aos das aulas regulares, com turmas formadas por modalidades de práticas esportivas mediante opção do próprio aluno. No geral procura-se respeitar a série original, mas ocorre também a formação de turmas mistas com alunos da segunda e terceira séries.

Um aspecto diferenciador que influí no comportamento e práticas cotidianas dos alunos do CAP/COLUNI, talvez estejam na adoção do regime de portão aberto para o acesso dos alunos ao colégio. Eles podem transitar por quase todos os espaços do colégio. As salas de aula quando não estão sendo utilizados para atividades letivas também podem ser utilizadas para atividades de estudo em grupo, reuniões para preparação de trabalhos, etc. A restrição ao uso de alguns espaços do colégio pelos alunos, só acontece, no caso do acesso aos gabinetes dos professores, quando estes não estiverem disponíveis para atendimento. Como também o setor administrativo onde eles só podem freqüentar quando solicitados ou

em busca da prestação de algum serviço próprio da rotina burocrática do Colégio.

Em seu Regimento, como no de qualquer outra escola, estão previstas normas internas de comportamento e conduta para alunos, que foram discutidas e aprovadas no Colegiado, (no qual conta com representantes do corpo discente). Assim como também as formas de penalidades a serem aplicadas no caso de infração, penalidades, acompanhando também o que é previsto no estatuto geral da UFV, com abertura de processo e amplo direito de defesa do estudante. Na prática o que acontece é uma liberdade de trânsito muito grande para o aluno no que diz respeito às atividades formalizadas de sala de aula. Ele pode chegar e sair do colégio no horário que quiser (já a entrada e saída da sala de aula só mediante a autorização do professor).

No entanto ele é levado a criar uma consciência de assumir a responsabilidade pelo ato de 'matar' aula junto à família, e perante o colégio. É ele quem controla essa 'liberdade consentida' bem como o ônus do seu resultado durante o ano escolar. Mas os professores, por determinação legal, são obrigados a fazer chamada em sala de aula e registrar essas faltas. No geral são poucos os casos de alunos que extrapolam o limite de faltas anuais permitido pela legislação e que incorrem na penalidade de reprovação no ano letivo.

Muitos alunos mais conscienciosos ao decidirem matar aula procuram o professor e comunicam o motivo pelo qual irá fazê-lo. Solicitando a possibilidade de procurá-lo no seu horário de atendimento, mediante uma preparação antecipada do conteúdo da aula perdida, para poder tirar dúvidas. Outros matam a aula por perceberem que conseguem e aprendem melhor estudando o conteúdo por conta própria utilizando o livro, não sentindo uma dependência da aula. Então se retiram para as mesas dos corredores próximos aos laboratórios, para estudar ou vão para algum outro canto isolado retornando para a sala no próximo horário.

Porém alguns são simplesmente pelo ato de gazetear aula mesmo. Desfrutando da liberdade concedida, de poder sair em busca de atividades mais prazerosas do que a rotina tediosa da sala de aula. Aí vão para a cantina do DCE jogar sinuca ou conversar. Ato de transgressão em que já demonstram a imersão no universo estudantil da UFV, como é ilustrado na foto do *'joguinho de truco no DCE'*, do álbum do orkut de Filipe 'Mingau' Ramos.

O jogo de truco acontece desde quando ainda são 'embriões' (denominação dada aos calouros), só que esses preferem utilizar os espaços internos do colégio

como o anfiteatro ou mesmo na entrada do prédio, pois ainda não se sentem à vontade no ambiente dos estudantes da graduação. Essa adaptação acontece pelo final do segundo semestre quando já estão familiarizados com a rotina do colégio e da universidade.

Alguns permanecem no gramado da entrada do colégio, à sombra das castanheiras, tocando violão ou simplesmente conversando com outros colegas ou ainda namorando. Atitudes de transgressão como essas são típicas da idade de adolescentes que se encontram em meio a tantas novas descobertas, vivendo longe do controle e vigilância domésticas e das formas de coerção tradicionais das escolas de Ensino Médio. Mas também numa tentativa de afirmação ou demonstração de responsabilidade pelos seus atos.



'Matando aula pra jogar um truquinho no DCE' (Foto do álbum de Filipe 'Mingau' Ramos)

A grade curricular que é aprovada no colegiado para um período de um triênio é constituída por disciplinas clássicas do currículo tradicional, distribuídas ao longo das três séries, a saber: Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia e Língua Estrangeira Moderna (Língua Inglesa). As classes de Práticas Laboratoriais de Física Experimental, Química e Biologia ocorrem na primeira e segunda série. A disciplina de Arte é ministrada na

terceira série²⁸. O conteúdo programático das disciplinas é seriado, não tem a característica de ser revisional em função do concurso vestibular na terceira série, como era na época em que o colégio foi criado.

O ano letivo está subdividido em quatro bimestres com duas baterias de avaliações convencionais em formato de provas escritas com período pré-determinado no calendário escolar. As avaliações bimestrais devem valer a metade da pontuação do bimestre e não podem ser mudadas por outra forma de avaliação. Já as avaliações mensais ficam a critério do professor, que pode substituí-las por outras formas de atividades avaliativas, mediante planejamento e comunicação prévia ao Serviço de Coordenação Pedagógica. Para providenciar retirada da prova daquela disciplina do calendário de avaliações.

O período de avaliações dura de três a quatro dias, onde acontecem duas provas por dia e não há aulas. Os alunos das três séries fazem as provas juntamente no período matutino, misturados em turmas especialmente montadas para tal fim. Alguns sábados letivos são utilizados para atividades de avaliação e outros para atividades de caráter lúdico-cultural e esportiva previstas no calendário escolar como: Gincana de Confraternização, Dia do Meio Ambiente, Sábado Cultural, Festa Junina e o Torneio Interno do COLUNI (TICO).

Ao longo do ano letivo, ocorrem quatro Conselhos de Classes organizados pelo Serviço de Orientação Educacional, para o acompanhamento dos alunos e das turmas. Eles acontecem depois do final do período das provas bimestrais. Mas pode ser convocado algum Conselho de Classe em situação extraordinária quando são detectados problemas pelos professores para determinada série ou determinada turma.

As turmas são classificadas em A, B, C e D e a sua formação se dá pela ordem alfabética do nome dos alunos, adquirindo determinadas características próprias como à situação das turmas C onde se concentra muitos alunos com o nome iniciado pela letra 'M' havendo uma ocorrência maior de meninas; já nas turmas D ocorre uma concentração maior de meninos. As turmas A e B são mais equilibradas no que diz respeito à composição por gênero.

²⁸ A partir desse ano de 2008, está sendo implantada uma nova grade curricular, onde estão sendo introduzidas as disciplinas de filosofia, sociologia e Língua espanhola. A disciplina de Arte está se deslocando da terceira para a primeira série.

Cada professor após a avaliação e discussão entre os colegas da sua área, determina qual o livro didático a ser adotado em cada série. Porém não ficam restritos ao uso desse manual básico. É comum a indicação de uma bibliografia complementar. Muitos professores disponibilizam em seus gabinetes livros de empréstimo aos alunos que demonstrem interesse em aprofundamento ou para os que encontram mais dificuldades no manuseio do manual adotado.

Também são deixados textos complementares, listas de exercícios, etc., para fotocopiagem na loja de xérox do Prédio do Departamento de Tecnologia de Alimentos, para que os alunos possam adquiri-los, como ocorre nos cursos de graduação. Esse costume ao mesmo tempo em que cria o hábito de manuseio e pesquisa em livros pelos alunos, os estimula a buscar outras fontes de informações que não apenas as do âmbito da sala de aula e do manual adotado. Criando também mais autonomia para os alunos na sua relação com a busca do saber.

Os professores que são do quadro efetivo tem um regime de Dedicção Exclusiva com uma carga semanal de trabalho de quarenta horas. Mas que não superam a metade dessas em atividade em sala de aula, no geral lecionam entre doze e dezesseis aulas por semana. Entre outras atividades que desempenham está a de atendimento aos alunos, com horários pré-estabelecidos e comunicados à Coordenação Pedagógica. Mas no geral o que acontece é que essa prática é transgredida pelos professores que não se furtam em atender aos alunos quando estão disponíveis, mesmo nos corredores.

Em geral os alunos, principalmente os das séries que estudam na parte da manhã, após o almoço no Restaurante Universitário fazem uma horinha na Praça do DCE, depois retornam para o colégio a fim de estudar, ou fazer trabalhos em grupos nas mesas que são colocadas no espaço do corredor próximo aos laboratórios. E quando precisam procuram pelos professores da disciplina em seus gabinetes para tirar dúvida, buscando mesmo aqueles que são da área, mas não leciona para a sua série. Confirmando assim uma característica diferencial do *habitus* inculcado no colégio de criar uma autonomia para o aluno no que diz respeito às suas relações com o ensino e o corpo docente. Outros mais metódicos preferem ir estudar individualmente na Biblioteca Central e só vão ao colégio em busca do professor da sua série no horário estipulado para o atendimento.

Os alunos da série inicial, no primeiro semestre ainda não têm o hábito dessa prática. Um pouco por desconhecer a rotina do colégio ou por ainda se sentirem um

pouco acuados com a lembrança recente pelas brincadeiras recebidas durante o trote dado pelos veteranos quando da sua chegada ao colégio. Esses são chamados de *'embriões burros'*²⁹, pelos alunos veteranos da segunda e terceira série.

No CAP/COLUNI não é exigido o uso de uniforme pelos seus alunos. As normas apenas sugerem que as roupas sejam adequadas para o uso no ambiente escolar. E da parte dos alunos não existe uma preocupação muito grande com a maneira de trajar. Nesse sentido eles comportam-se mais ou menos como os alunos da graduação, sem muita preocupação em acompanhar os ditames do modismo ou da vaidade pessoal. E é até motivo de chacota e gozação por parte dos veteranos, para com os alunos novatos, quando a menina tenta manter um visual de *'patricinha'* e o menino de *'mauricinho'* que trazem do seu grupo de origem.

O que podemos observar nesse comportamento, já é o início da formação de um *ethos* especial do grupo que busca *'criar uma ambiência especial através de relações tácteis'*, que MAFFESOLI, (2006, p. 128; p.134), denomina de uma *'união em pontilhado'*. Onde a estética será *'um meio de experimentar, de sentir em comum e é também um meio de reconhecer-se'*. Os novatos aos poucos tempo se adequarão ao perfil e a esse *ethos* com os quais os alunos do COLUNI se reconhecem enquanto grupo.

Porém um costume já desde a série inicial, quando começam a criar identidade de grupo, é a formação das chamadas *'panelinhas'*, ou mesmo de sala a encomendar a confecção de camisetas que os identifiquem na coletividade. Tanto enquanto grupo pelas afinidades em comum como pela sua turma, e que irão usar até a terceira série. Também são feitas camisetas dos times de práticas esportivas utilizadas no TICO (Torneio Interno do COLUNI), competição interclasses, nas quais fazem questão de estampar nas costas o nome ou o apelido pelo qual são conhecidos no colégio.

Na terceira série a Comissão de Formatura adota uma mascote que será estampada na camiseta dos membros da comissão, nos cartazes das festas por ela organizadas e que também poderá ser utilizado na camiseta da turma dos formandos no final do ano. Mas quase sempre essa camiseta que eles levam de lembrança já estará impregnada pela preocupação com o vestibular que toma conta

²⁹ No contexto dos alunos da graduação da UFV *'embrião'* é o nome dado para qualquer aluno do COLUNI indiferentemente da série.

das suas mentes no semestre final. Na foto abaixo a Camiseta dos formandos da turma de 1999-2001/2002, com uma referência ao vestibular – as bombas que caem do avião tem as siglas das universidades – e o guerreiro beduíno é uma referência à Invasão Norte-americana do Afeganistão naquela época.



(Acervo Pessoal)

Essas e outras camisetas não oficiais que são comercializadas em estamparias da cidade ou em lojas de *souvenir* no campus universitário acabam constituindo um uniforme extra-oficial. Pelo fato de ser uma iniciativa dos próprios alunos que as usam por prazer e não por exigência institucional. E sentem orgulho em usá-las porque dizem respeito a algo deles próprios e ao sentimento que constroem em relação ao colégio, aos amigos e a sua turma.

4.2 – A ‘FAMÍLIA’ – COTIDIANO, REDES DE COMUNICAÇÃO, AFETIVIDADE E TRANSGRESSÕES COMPARTILHADAS PELOS ALUNOS DO CAP/COLUNI.

O fato do CAP/COLUNI ser visto como uma escola onde se desenvolve uma prática de ensino voltada exclusivamente para o concurso vestibular difundiu uma visão no senso comum acerca do colégio: a de que essa é então a única memória

desenvolvida e cultivada pelos seus ex-alunos. Mas pode ser considerada a mais relevante.

Segundo ROCKWELL (1995, p. 19-20) *‘as normas, relações e costumes próprios da escola projetam-se para o seu contexto social imediato, e amplia o âmbito formativo da instituição para o contexto da família, trabalho e sociedade civil’*. As práticas cotidianas dos alunos do CAP/COLUNI atuam dessa forma dialeticamente em um sentido de ao mesmo tempo ser um reforço a sua tradição como também uma transgressão à visão largamente difundida na comunidade e região sobre esse colégio. Procuraremos aqui então descrever algumas dessas práticas, relações, redes de comunicação, experiências, costumes, usos e afetos dos alunos do CAP/COLUNI, que subverte e ao mesmo tempo reforça essa visão sobre a memória de Histórias de sucessos no vestibular pela qual se dá a fama do colégio.

Através de modos de compartilhamento, essas práticas são apropriadas nas gerações mais velhas de alunos e ressignificadas nas novas. E de certa forma extrapolam para fora do âmbito da instituição e a ela retornam pela imagem da *‘tradição inventada’* e divulgada do colégio e de seus alunos. Práticas cotidianas e ações que lhe dá um sentido de solidariedade enquanto comunidade singular, que nutre uma memória coletiva sobre a instituição, que é expressa como *‘Família COLUNI’*.

O compartilhamento desse sentimento afetivo dos alunos pelo CAPCOLUNI começa no *‘trote’*, como também na primeira grande atividade de entronização na comunidade do colégio como um todo, que é a Gincana de Confraternização, pois envolve não apenas o corpo discente, mais também os docentes e a equipe pedagógica. Nesses momentos específicos da festa e das ações comuns podem ser vistos como o estímulo para a criação de uma *‘consciência coletiva’*³⁰, através da qual, o grupo irá se fortalecer, pelo *‘sentimento que tem dele mesmo’* (MAFFESOLI, 2006, p.138).

³⁰ Essa noção de *“consciência coletiva”* foi buscada por MAFFESOLI em DURKEIM, na qual esse autor utiliza para explicar o que ele chama de *‘nebulosa afetual’*, para a compreensão da *‘forma específica assumida pela socialidade em nossos dias: o vaivém massas-tribos’* (2006, p.138).

4.2.1. O RITO DE PASSAGEM. A CHEGADA: O TROTE

A chegada dos novos alunos recém aprovados chamados de 'embriões' pelos veteranos é acompanhada de uma série de brincadeiras que constitui o trote. Esse é um dos ritos imitados pelos alunos do CAP/COLUNI do que vivenciam pelo convívio e observação das práticas do cotidiano estudantil dos alunos da graduação. Enquanto rito de passagem o trote tem o mesmo significado do que acontece com os calouros aprovados no vestibular da universidade.

Tanto para os que estão praticando como para os que estão recebendo o trote, este tem o sentido de marcar a diferença estabelecida entre a etapa anterior de formação educacional e a que o calouro está ingressando agora. É também como um coroamento pelo resultado do período de estresse enfrentado e a pressão social do Exame de Seleção que mobilizou toda a família. Dessa forma o trote extrapola o âmbito do universo estudantil transbordando para o âmbito doméstico das famílias, das comunidades de onde saíram e para as repúblicas onde já tem amigos ou parentes. Para muitos dos que levam o trote pode significar constrangimento, para outros uma alegria de estar sendo iniciado aos usos e costumes da comunidade.

Os que são mais empolgados em praticar o trote são os alunos da segunda série, como uma forma de revide ao rito em que passaram no ano anterior. Sempre quando se referirem a um aluno dessa turma posterior à deles, mesmo depois que deixarem o CAP/COLUNI será assim '*ele foi meu embrião*' (como as turmas de veteranos da graduação falam '*ele foi meu calouro*' para alguém do mesmo curso). Essa forma de referência demonstra certo sentimento de afinidade como também de acolhimento para fazer parte do grupo. O que traduz para muitos essa visão do trote como um rito de passagem, no sentido de que esse agora passará a pertencer a um grupo seletivo (o Exame de Seleção foi a grande prova para isso) e que deve ser iniciado nos códigos, nos símbolos, dominar determinados costumes e valores que criam a sua noção identitária.

Ainda no dia do Exame de Seleção são comuns os alunos veteranos irem ao local das provas fazer 'zoação' com os '*zigotos*' (os que estão pretendendo entrar no colégio). Muitos dos que vão prestar o exame estão ali acompanhados de pais, tios e conhecidos de algum irmão mais velho, primo ou algum conhecido de sua comunidade de origem, que já estudam ou estudaram no colégio. Nesse primeiro contato com a 'tribo' do COLUNI começam as primeiras experiências de

brincadeiras. Como também informações, dicas e convites para morar em repúblicas. A brincadeira desse dia consiste principalmente em divulgar gabaritos falsos com as respostas das provas da primeira etapa.

Os alunos que estão no final da primeira série, sentem que estão chegando ao final do período em que deixarão de ser embriões. E serão eles quem receberá os aprovados no início do próximo ano letivo.



Alunos da segunda série no ano de 2001 na entrada do PVA, no dia do Exame de Seleção, fazendo zoeira com os 'zigotos' – (Álbum de Beliny Leão)

Para os que são de Viçosa ou de cidades vizinhas e que vieram concluir a oitava série em colégios da cidade, ou fazer cursinhos preparatórios, o primeiro trote acontece antes mesmo do início do ano letivo. No dia em que sai o resultado do Exame de Seleção acontece de irem comemorar com os amigos e familiares no Calçadão Arthur Bernardes, no centro da cidade. Onde os aprovados levam tinta e os meninos têm os cabelos cortados. Muitas vezes com a participação dos pais. Robledinho descreve assim essa sua experiência:

Quando saiu o resultado do Exame, o pessoal que estudou no Carmo estava em Guarapari passando férias. Nós fomos informados ainda durante a viagem de volta. Então a gente já colocou a roupa mais velha. Lá mesmo em Guarapari, os amigos já tinham cortado um pouquinho do cabelo um do outro. Assim tipo só o topete só pra ficar bem feio. Quando o ônibus chegou aqui, havia um 'corredor polonês' esperando na saída do ônibus. Aí perguntavam: 'Esse aqui Passou? Quem é esse? Não esse não passou. Esse daí passou'. Aí todo mundo já começou a ser pintado e começaram a meter tesoura no cabelo. (...) A minha família estava lá assistindo. Foi tudo de boa. Aí todo mundo foi pra casa do Davi Japonês. Lá ele fez um churrasco e convidou as

famílias. Todo mundo ali era de Viçosa. Já havíamos estudado juntos. E caímos todos sujos dentro da piscina. Foi bem divertido.

A ex-aluna Larissa Brumano Pereira por ser nativa, também passou pela experiência de tomar dois trotes e assim os descreve:

No dia em que saiu o resultado eu tomei trote no Calçadão. Eu fui pegar o resultado lá na Imprensa Universitária, porque a internet estava congestionada. De lá fui para o Calçadão. Também tomei trote no primeiro dia de aula. Foi aquele trote ao lado do colégio, que eles falaram que ia ser uma recreação (Referindo-se a uma tentativa de controle dos excessos do trote pelo colégio em parceria com o grêmio estudantil). Que a gente ia só levar tinta sem brincadeiras humilhantes nem violência. (...) Pra mim o trote faz parte. Falavam que não podia, mas não era essa proibição toda. Aí eu já estava esperando e fui até com uma roupa mais velha. Não foi nada que agredisse a moral da gente. Eu já estava preparada.

Muitos encaram essa situação do trote com tranquilidade por entenderem o seu significado enquanto brincadeira de integração e ao mesmo tempo o significado cultural dentro da comunidade estudantil e universitária de Viçosa. Para os que vêm de outras comunidades significa também o acolhimento para com os conhecidos, amigos, irmãos, primos em suas repúblicas para quem passarão dicas da maneira de viver e sobreviver no colégio e no campus universitário.



'Levando Tinta' – Embríões recebendo trote dos veteranos do lado do Colégio – (Acervo Pessoal)

O segundo trote ocorre no início do ano letivo. E aí envolve os alunos veteranos. As brincadeiras podem ter um sentido inocente, mais algumas vezes descambam para atitudes abusivas e violentas, que por serem adolescentes alguns

não têm a noção do limite. Por isso a política oficial da universidade é a de proibir o trote em qualquer um dos campi, mas que nunca é cem por cento eficaz. O segundo trote de Robledinho aconteceu assim.

No primeiro dia eu saí correndo com meus amigos. Porque na hora que abria as portas do colégio os veteranos estavam todos lá esperando (a aula dos embriões é no período da tarde), Aí a gente saía correndo e alguns conseguiam se salvar. Agora que era pego, já era. Eu saí correndo e fui pego. Quando cheguei em casa, nessa época eu morava na P.H.Rolfs, então fiquei na sacada do prédio zoando todo mundo que passava lá embaixo. Pintado ou não. Aí uns veteranos me reconheceram e tocaram o interfone lá de casa, ameaçando subir. Mas eu falei que não ia descer. Durante a semana eles aplicaram aqueles trotes morais tipo: “fazer declaração de amor pra placa do Colégio”, “desenhar uma mulher no chão do anfiteatro pra você ir lá meter no chão”. Colocaram uma garrafa no chão para eu dançar “na boquinha da garrafa”. Eu acabei chutando a garrafa e ela quebrou aí o COLUNI inteiro ficou gritando: Eh! Embrião burro!”. (...) Mas eu acho que foi válido. O trote é uma forma de integração. Você acaba conhecendo os veteranos. Afinal você ainda não conhece o colégio. E aí você pergunta: ‘ô como é a prova do fulano?’ Aí ele fala: ‘É mais fechada. Não estressa não que é de boa. A do Beltrano é mais pesada. Estuda mais’.

Outras formas de brincadeira que fazem parte do trote são: ‘imitar o Super Homem na grama’ (também conhecido como ‘nadar na grama’); ‘meter na árvore da entrada do colégio’; ‘fazer elefantinho’ (uma longa fila com as mãos dadas por baixo das pernas); ir a um ‘puteiro’ (prostíbulo na linguagem dos alunos) para saber o preço (geralmente é dado por quem mora em repúblicas); ‘carregar a bandeja dos veteranos no RU e buscar cafezinho pra eles’ (esse trote também é aplicado aos que entram pelo exame de vagas remanescentes na segunda e terceira série). Porém o mais violento e que é objeto de censura é o da ‘tinta’, pois muitas vezes misturam outros produtos que podem causar reação alérgica. O que gera protestos de muitos pais.

Todos os anos ocorrem punições para os alunos que são pegos pelos seguranças da universidade (que os alunos chamam de ‘guardinhas’). Porém essa prática continua ocorrendo por se tratar de uma tradição arraigada na cultura estudantil da UFV, da qual os estudantes do COLUNI participam, e que está intimamente ligada aos ritos de passagem construídos em torno da competitividade provocada pelo processo seletivo.

Assim também as expectativas criadas dentro da sociedade viçosense, dos que tiveram membros que estudaram no CAP/COLUNI ou na UFV de querer ver repetir nas novas gerações as mesmas experiências que já vivenciaram em outra época. Seria essa mais uma marca, um vestígio para ficar incorporado na memória

do sentir-se como membro do grupo. Do fazer parte de uma instituição que colocaram como metas em suas vidas.

A contrapartida oficial do colégio em relação à recepção aos 'embriões' feitas pelos alunos veteranos (o 'trote da tinta') é a organização da Gincana de Confraternização. Ela tem um caráter de estimular a integração dos alunos novatos ao grupo estudantil, através de atividades lúdicas.

A gincana no formato em que acontece atualmente é muito recente, data do final da década de 90. Porém podemos encontrar registros fotográficos não datados de que já aconteciam em outras épocas da história do colégio, e eram realizadas no espaço de churrascos do Recanto das Cigarras. Principalmente na década de 80. Atualmente ela faz parte das atividades extra classe que estão incluídas no calendário escolar.



(Foto sem data de atividades lúdicas, a Gincana, no Recanto das Cigarras – Acervo Fotográfico do COLUNI)

A gincana foi introduzida como uma forma de tentar minimizar os efeitos perversos e os traumas provocados pelos trotes dados pelos veteranos nos primeiros dias de aula. Internamente, muitos dos professores do colégio, apegados à rigidez pedagógica da preocupação conteudista e com o concurso vestibular, até a segunda metade da década de noventa, achavam que as atividades lúdicas desse tipo não eram educativas ou válidas. Como também as excursões, festas, torneios, exposições de trabalhos com apresentações artísticas e culturais que fugissem do

perfil do projeto político pedagógico e da tradição inventada do COLUNI de apenas preparar seus alunos para o sucesso no vestibular. Esses professores presos a essa visão tradicional, sempre olharam enviesadas as experiências de alguns professores nesse sentido.

A recepção tradicional aos 'embriões' por parte da equipe pedagógica do colégio, anterior à gincana, também era uma forma de trote, que pouco favorecia a integração desses alunos e não dava boa acolhida. Ela acontecia assim. No primeiro dia de aula, depois que muitos novatos já terem levado tinta ainda nas Quatro Pilastras (entrada do campus da UFV) ou ao longo da Reta, ou quando chegavam ao colégio, eles eram direcionados para as salas de aula correspondentes e ficavam todos sujos aguardando a chegada de professores. Com os veteranos rodeando os corredores, fazendo ameaças de mais trotes ou gritando do lado de fora do colégio.

Então era montado um horário de aulas provisório como se fosse um dia de aula normal, em que após o sinal cada professor escalado chegava e tentava dar uma aula introdutória. Alguns partiam para um bate papo informal e descontraído e de boas vindas. Mas outros mais tradicionais numa forma de demonstrar a autoridade e querer reforçar a tradição de rigidez do ensino do colégio já entravam em assunto do conteúdo a ser trabalhado na disciplina.

Outras vezes os 'embriões' eram levados para o anfiteatro e ali ficavam assentados, sujos de tinta, aguardando a chegada de algum 'figurão' da Administração Superior da UFV, que teria sido especialmente convidado pela Direção para fazer uma preleção de 'boas vindas'. Os embriões sujos, acuados e assustados ficavam desconfortavelmente assentados aguardando, sob o calor do sol escaldante do início da tarde e do efeito estufa que incide no pátio nesse horário, como na foto abaixo.



O 'Trote Oficial' - Embriões da Turma de 2003-2005, sujos no anfiteatro aguardando saudação de boas vindas (Acervo Pessoal)

Muitos professores se incomodavam com essa situação, assim como na reunião com os pais que acontecia no final do dia havia muitas reclamações relativas aos exageros dos trotes dados pelos veteranos. Foram então experimentadas formas de recepção aos novatos que minimizasse esse impacto e os excessos do trote. Tentou-se, por exemplo, uma parceria com o Grêmio Estudantil para a criação de atividade que favorecesse a integração em uma forma de acolhimento, através de oficinas, apresentações musicais, e mesmo um tipo de 'trote diferente' em que permitisse as brincadeiras, numa situação intramuros ou no espaço ao lado do colégio. Através da tentativa de uma forma mais controlada e sob a vigilância dos professores evitarem as atitudes de violência ou de humilhação da parte dos veteranos. Porém o trote acontecia antes mesmo dos 'embriões' chegarem ao colégio, o que não deu um resultado muito positivo.

Atualmente os alunos são recebidos pela Direção do Colégio, são dadas as boas vindas e ocorre uma reunião breve com eles para explicar algumas coisas da rotina escolar (que também não são muito bem assimiladas naquele momento). Depois ocorre a reunião da equipe pedagógica com os pais. E o trote mesmo sendo proibido e reprimido pela instância superior da universidade continua acontecendo fora do âmbito do campus universitário.

Porém a forma oficial mais bem sucedida de acolhimento aos novatos foi mesmo a gincana. Ela acontece no primeiro sábado letivo após o início das aulas. Durante essa semana, são formadas as comissões de líderes das quatro equipes participantes e distribuídas as tarefas e normas da competição. Esses por sua vez criam subcomissões responsáveis pelo cumprimento de cada uma das tarefas. As tarefas podem incluir desde atividades de brincadeiras esportivas no espaço gramado ao lado colégio, como também apresentações artísticas e coreográficas a serem apresentadas no anfiteatro. Nessas atividades devem ter participantes das três séries para favorecer a integração dos 'embriões' no evento. Uma das tarefas consiste na arrecadação de alimentos não perecíveis e roupas que depois serão encaminhados para entidades filantrópicas da comunidade, com a participação dos alunos.

As quatro equipes são formadas com alunos das três séries de acordo com a denominação da sua turma (A, B, C e D) e cada uma tem sua cor específica.

Equipe Azul – alunos das turmas da primeira, segunda e terceira A.

Equipe Vermelha – alunos das turmas da primeira, segunda e terceira série

B. **Equipe Amarela** – alunos das turmas da primeira, segunda e terceira série

C.

Equipe Rosa – alunos das turmas da primeira, segunda e terceira série D.

Na foto abaixo, as quatro equipes no anfiteatro para o início da Gincana de 2008.



Na primeira gincana da forma em que acontece atualmente, a cor da equipe formada pelos alunos das turmas D era o preto. Mas os alunos não gostaram e no ano seguinte resolveram trocar pela cor rosa. Pelo fato das turmas 'D' quase sempre terem um número maior de meninos e como uma forma de não constrangê-los, principalmente aos mais tímidos, sobre o tabu que convencionalmente atribuí à cor rosa como sendo apropriada para o gênero feminino, eles adotaram um 'slogan': *'Nóis é rosa, mais é macho!'* Isso também pode ser lido como uma forma de transgredir a esse padrão culturalmente e socialmente construído sobre gênero. E a mascote da turma D nesse ano (2000) foi a Pantera Cor de Rosa. Essa mascote viraria o símbolo dos formandos da terceira série D de 2001, na sua afirmação de identidade enquanto turma e nos seus protestos e reivindicações internas.

A gincana tem um caráter temático, que pode variar de um ano para o outro. E todas as equipes têm como tarefa apresentar uma mascote e um grito de guerra relacionado com o tema. Na gincana do ano de 2004, em que o retorno das aulas ocorreu algumas semanas antes do carnaval esse foi o eixo central da temática do evento. Como a história dessa festa popular sempre faz parte do conteúdo programático introdutório ao estudo de história das séries iniciais, ele foi aproveitado como o tema da Gincana com o título: *'Viva o povo brasileiro'*. Então cada uma das equipes teve um subtema para a criação da mascote, apresentações coreográficas e

organização de um desfile, que aconteceu dentro das dependências do colégio, para a chegada da equipe.

Na gincana de 2008 a temática baseou-se nas preocupações com o meio ambiente e reciclagem. Um trabalho que atualmente está sendo desenvolvido internamente pelos professores. O desfile foi então transferido para a área externa do colégio na via que lhe dá acesso. A concentração das equipes aconteceu nas proximidades da rotatória perto do prédio da Comissão Permanente do Vestibular (COPEVE) e da Imprensa Universitária, onde com cartazes, fantasias, charangas e fanfarras encaminharam em desfile para a apresentação do grito de guerra da equipe e apresentação das mascotes aos jurados, formados por professores e ex-alunos, que estavam na entrada do colégio.

A gincana dessa forma e com esse aspecto de interação lúdica, descontraída e carnavalesca proporcionam também a interação dos pais com o colégio, pois muitos fazem questão de participar fotografando os filhos, ou ajudando nas tarefas. E também na aproximação entre professores e alunos. Assim aqueles professores que a princípio eram contrários a essa atividade como sendo um dia letivo que constasse no calendário escolar, aos poucos foram percebendo que essas manifestações lúdicas, que funcionam como uma catarse para os padrões estabelecidos da função normativa da instituição escolar, também são importantes no processo educativo dos alunos.

Ao criar laços de solidariedade entre si eles também reforçam os de afetividade. A competitividade das tarefas cumpridas na gincana, da forma como são organizadas não favorece o sentimento de rivalidade nem de revanchismo. Ela acaba se transformando como uma grande festa no final. E enquanto aguardam o resultado, as equipes se misturam em um grande carnaval, com brincadeiras, as danças e o que vivenciaram no último verão. A última lição acontece quando a gincana termina. Todos são responsáveis pelo recolhimento do lixo pela bagunça causada e deixam a 'casa' limpa para as atividades cotidianas 'normais' da próxima semana.

4.2.2. OS AFETOS: LAÇOS DE AMIZADE.

Agora que já fomos iniciados nos rituais da chegada dos alunos novatos e da constituição da Família COLUNI, vamos procurar identificar como se dão os laços de

afetividades entre os alunos, construído ao longo dos três anos que ali permanecem. E que são renovados e apropriados pelos futuros alunos. Esses laços são realimentados mesmo depois que os alunos deixam a instituição ao final da terceira série.

Ao iniciarmos esse trabalho de investigação sobre o CAP/COLUNI da UFV, em conversa com o ex-aluno Beliny Leão da turma de 2000-2002, (atualmente cursando o último ano de Direito na UFV) fomos apresentados à forma de comunicação midiática através do ORKUT. Ele mostrou as várias comunidades sobre o colégio ali existentes, criadas pelos seus ex-alunos e bem como as dos atuais, como forma de interlocução e troca de experiências.

Conseguimos identificar sessenta e nove comunidades relacionadas ao COLUNI no orkut (no caso de turmas, de sala de aula, e as que eram criadas por esses para os professores). Nesse montante algumas eram de pessoas que não foram aprovadas no Exame de Seleção mais demonstravam interesse em tentar novamente, seria um caso interessante para a análise do insucesso. E apenas uma anônima intitulada *'Eu odeio o COLUNI'*, a qual não dá pista para saber se é apenas alguma rivalidade entre adolescentes de colégios ou estilos de vida diferentes, pelos tipos de recados nela encontrados. Ou se é um caso de frustração pelo insucesso de não ter sido aprovado no Exame de seleção ou ainda ser a situação de algum dos trãsfugas que não se adaptaram ao colégio e tiveram que abandoná-lo. Uma situação citada, mas que foge aos propósitos de análise desse estudo.

Com ajuda desse ex-aluno criamos uma página própria no Orkut, pela qual tivemos a oportunidade de estabelecer contatos e obter informações de ex-alunos e professores, que contribuísse para a investigação. A Internet tornou-se, então, para a elaboração desse trabalho de investigação, um instrumento fundamental, no sentido de poder capturar imagens e mensagens de ex e atuais alunos do CAP/COLUNI, como indícios de um sentimento coletivo partilhado por esses sujeitos, no estabelecimento de redes de solidariedade e de identidade para com o colégio.

Segundo MAFFESOLI (2006, p. 126), *'conforme a época predomina um tipo de sensibilidade, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros'*. Isso permite que no mundo contemporâneo estabeleça uma nova ordem que é oposta à ordem política da Modernidade, que esse autor denomina de *'ordem da fusão'*. Na qual se acentua a *'dimensão afetiva e*

sensível'. Em que *'o indivíduo não é mais considerado apenas isoladamente'*, mas cedendo lugar ao *'reagrupamento'*, o corpo social de onde ele resulta e *'que de retorno volta nele a materializar-se'* (MAFFESOLI, 2006, p. 129).

Nesse curto espaço de pouco mais de um ano, recebemos muitos convites de ex-alunos para adicioná-los e que através do sistema de rede de amigos em comum outros seriam também adicionados. E sempre enviavam mensagens falando sobre suas vidas atuais, cursos em que formaram; ou se estavam fazendo pós-graduação: locais e ramos em que trabalhavam: convites de formaturas; concursos que haviam sido aprovados ou simplesmente de lembranças dos momentos que lhes deixaram *'vestígios'* da época em que estudaram no CAP/COLUNI.

Essas mensagens por computador que expressam os laços afetivos de amizade e de interação entre os alunos e os diversos grupos por eles formados, são indícios do que MAFFESOLI (2006, p. 128) identifica como um *'ethos em formação, que delimita esse novo espírito do tempo'*, que ele denomina de *'socialidade'*.

Vasculhamos então as fotos nos álbuns do Orkut dos alunos, dos quais, um chamou a atenção em especial, o de Filipe "Mingau" Ramos, ex-aluno da turma de 2001-2003, com fotos dessa época. Que mesmo passado cinco anos da sua formatura seu Orkut tem um álbum só com fotos dos seus amigos dos tempos do CAP/COLUNI. Com a sua autorização capturamos algumas fotos que estamos utilizando nessa dissertação.

Também foram visitados os fóruns de discussão de algumas das comunidades. Em quase todas mesmo após anos de formados falavam das coisas vivenciadas no colégio como se tivesse saído dali na véspera. Comentários das brincadeiras e sobre os professores estão ali estampados de uma forma bem humorada, mas também com um sentimento forte de que ainda fazem parte daquilo tudo e que não descolou de suas vidas. Para alguns essas amizades não terminam com a separação, quando seguem destinos diferentes em outros lugares, após entrarem na universidade. Como a foto encontrada no álbum de Luciano Machado, que atualmente está cursando Direito na UFV e o depoimento de seu amigo Marcelo, que cursa Farmácia na UFOP. Ambos da turma de 2003-2005. Tanto a foto como depoimento de Marcelo sobre o amigo, mostrado abaixo, expressam a alegria desse sentimento de afetividade e amizade.



Os ultimos serão os primeiros
(Foto do álbum do orkut de Luciano Machado)

Marcelo: Deu saudade agora...da época que tudo era mais fácil, tão mais simples; não tinha essa distância toda separando a amizade...das brincadeiras sem graça, das brincadeiras engraçadas e dos dias que a gente ria até chorar...das festas que a gente ia juntos. Enfim...dos poucos mais bons anos que passamos juntos!!! Ô Lulu...é tão estranho né? De repente seguimos caminhos diferentes...temos que conviver com a distância, com as saudades...Mas que bom que nossa amizade continuou...e tenho certeza que vai continuar!!! Não tem muito a falar não...só quero que saiba que gosto muito de você...e que continue sendo essa pessoa especial que você é!!! Ainda vamos passar bons momentos juntos...Grande abraço meu amigoooo.

Nas entrevistas feitas aos ex-alunos dos grupos familiares no Capítulo 2, todos reforçaram a importância dos laços de amizade ali criados e que continuam reverberando em uma lembrança muito prazerosa sobre os anos de COLUNI. Essas amizades não eram estabelecidas apenas dos alunos entre si, mas também com os professores. Alguns por uma questão de afinidade pessoal, já outros levados pela abertura para conversas, bate-papos descontraídos consentidas por alguns professores. Que permitiam esse tipo de contato nos horários de intervalo. Alguns professores até freqüentavam as repúblicas dos alunos ou iam às festas por eles programadas. Estreitando dessa maneira esses vínculos de amizade, que permaneceram após deixarem o colégio. Muitos que foram para outras cidades quando retornam a Viçosa fazem questão de ir ao COLUNI, indagar por esses professores. Caso já tenham aposentado tentarão procurá-los se esses ainda residem na cidade.

O Professor Luiz de Gonzaga Silveira Marques, que aposentou em 2007, conhecido pelo apelido carinhoso de Doro (alguns o chamavam de Doril), era um desses professores. Ele tinha o costume de freqüentar as repúblicas e fazer uma sopa para os moradores e outros alunos convidados. Principalmente nos períodos de greve ou em que o RU não funcionava. No princípio o ‘sopão do Doro’ era para os alunos com os quais ele tinha mais afinidade. Mais aos poucos outros alunos passaram a solicitar do professor que o sopão também fosse feito na casa deles. Uma das comunidades criadas no Orkut pelos ex-alunos da Turma de 2001-2003 chama-se *‘Fui no Sopão do Doro’*.

Outra comunidade relacionada a esse professor e o contato que ele tinha com os alunos é a do *‘Abraço do Doro’*, criada pelo ex-aluno Leonardo Reis. Doro tinha o costume de sair abraçando os alunos no horário de intervalo. Alguns no início estranhavam esse comportamento do professor, principalmente os ‘embriões’, mas que depois acostumavam com a brincadeira e eles mesmos procuravam ir abraçá-lo.

Abraço do Doro

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Abraço do Doro](#)

descrição:

Quem estudou no COLUNI e nunca ganhou um abraço caloroso do amigo Doro que atire a primeira pedra!

Esta figura esta sempre disposta a te dar um abraço seja de frente ou por traz, para mostrar seu afeto para com seus amigos e alunos.

Sempre que precisar de um abraço caloraoso pode encontrá-lo no em frente ao Mr. Doca no calçadão onde ele passa o dia inteiro!

obs: num sei quem é esse cara feio com o doro nao mas foi a unica foto q eu consegui, valeu embrião

Essa continuidade da amizade entre os ex-alunos do CAP/COLUNI é muitas vezes cultivada nas conversas e interações no espaço do anfiteatro, nas repúblicas e festas que freqüentam. Na próxima foto recolhida no álbum do aluno Beliny Leão, pode ser visto quatro ex-alunos da turma de 2000-2002 (Duda, Ronnan, Coelho e Beliny, com uma embriã desconhecida) matando aula no anfiteatro, em um comportamento que indicam afetividade. Os alunos estão deitados, recostados nos colos uns dos outros, demonstrando em sentido bem literal, as ‘relações tácteis’

apontadas por MAFFESOLI (2006). E parecem não ter nenhuma preocupação que esse gesto possa ser identificado como um comportamento homo erótico.



Alunos da Turma de 2000-2002 matando aula no anfiteatro – (Álbum de Beliny Leão)

Esse sentimento de amizade fica bem evidente na fala do ex-aluno Ronnan. Quando esse foi entrevistado poucos dias após seu casamento, e ainda era forte a emoção desse acontecimento na sua vida pessoal. Ele fazia questão em transparecer o sentimento de reconhecimento dos seus amigos dos tempos de CAP/COLUNI, que compareceram à cerimônia.

No meu casamento, ali você podia ver que era todo mundo do COLUNI. Foi muito difícil a escolha dos padrinhos. Quem não era do COLUNI é porque já era muito meu amigo antes mesmo de entrar ali. E mesmo assim conviveram comigo nessa fase, entraram de brincadeira. Vou dizer assim, eu ia para a casa dos amigos do COLUNI (para as repúblicas) e esse amigo ia junto. (...) Então no meu casamento era COLUNI ou da universidade (do curso de graduação). E eu acredito que muitos dos amigos da graduação que estavam ali no meu casamento, se fosse daqui a um ano, eu acho que nem se lembrariam de mim. Tem uns que sim. Mas acho que a porcentagem dos que ficam (de amizade) da graduação é muito pouca em comparação com as que ficam do COLUNI.” (Ronnan formou na turma de Janeiro de 2007 da UFV em Ciência da Computação e o casamento foi em Novembro desse mesmo ano).

Quando Robledinho fez a revisão da transcrição da sua entrevista, encaminhou uma solicitação ao pesquisador. Queria que fosse incluído entre os amigos que havia citado e com os quais, ele ainda mantinha contato, o ‘Reinaldo, ‘Cebola’, que foi um dos melhores amigos que conheci no COLUNI. Já fui até em

Alfenas, onde ele está estudando agora, para visitá-lo. E também viajei com a família dele no carnaval para Nova Viçosa, no sul da Bahia’.

Essas relações de amizade, que permanecem após o término da terceira série, principalmente durante os anos de graduação, serão revividas no encontro que as turmas promovem para comemorar os cinco anos de formados.³¹ Momento esse em que muitas já concluíram o curso superior e outros estão prestes a concluir. Alguns ingressando no mercado de trabalho ou começando nova etapa de estudos na Pós-Graduação. E as comunidades das turmas que são criadas no Orkut, ou os grupos de discussão, servirão para estreitar esses laços de pertencimento ao grupo singular da turma tal, e ao grupo maior que os une: a comunidade do COLUNI. Essas comunidades e seus encontros servem também para fornecer dicas de concursos, empregos e outras oportunidades. Além de oferecerem préstimos e apoio aos que precisam, quando estão partindo para uma nova etapa da vida.

A seguir abordaremos como essas relações afetivas de amizade pelo olhar de ex-alunos *‘nativos’* que conviveram com os que viam de fora, os *‘estrangeiros’* e moravam em repúblicas. E as *‘panelinhas’* que eram formadas pelas afinidades pessoais. A interação que ocorre também entre alguns professores e alunos.

No contexto estudantil de Viçosa é muito comum o uso da expressão *‘nativo’* para designar os estudantes próprios do município. Essa expressão não tem uma conotação pejorativa ou preconceituosa como acontece em outras cidades que tem universidades importantes. Onde é comum a formação de *‘repúblicas estudantis’* pelos que vêm de fora, os *‘estrangeiros’*.³² Talvez essa boa interação entre *‘nativos e estrangeiros’* se dê pela longevidade de relações entre os moradores de Viçosa com a UFV onde muitos nativos tiveram a chance de graduarem, pós-graduarem e ali trabalham como professores ou funcionários. Cultivando o sentimento identitário de pertencimento àquela instituição através do chamado *‘espírito esaviano’* (assunto já abordado no primeiro e segundo capítulos).

Também pelo fato de que, no seu processo histórico de desenvolvimento, a cidade cresceu em função da universidade. E muitos de seus moradores são pessoas que migraram de outras regiões do estado ou do país. E que chegaram a

³¹ No final dessa sessão pretendemos narrar os eventos acontecidos no encontro da Turma de 2000-2002 ocorrido em Novembro de 2007.

³² No caso de Ouro Preto, muitos estudantes da UFOP moradores em repúblicas referem-se com desprezo e rejeição aos membros da população ouro-pretana. Lá é comum ouvir da parte de alguns estudantes a expressão *‘nativo escroto’*.

Viçosa na condição de *'outsider'*, na acepção descrita por ELIAS (2000). Muitos desses se estabeleceram em Viçosa, onde fixaram residência, tiveram seus filhos e os educaram em estreita relação com as tradições das famílias viçosenses. Porém ao mesmo tempo em que os nativos eram permeados pelo *'ethos'* que norteia a filosofia da UFV. Em um processo de troca mútua, tornando-se dessa maneira *'estabelecidos'*.

Muitos alunos do CAP/COLUNI são provenientes das cidades da microrregião de Viçosa, com a qual seus pais já mantinham relações de caráter comercial, ou pela busca de serviços especializados e notadamente educacionais. Pelo fato desses alunos serem menores de idade, o único benefício que não podem desfrutar da assistência estudantil oferecido pela universidade é o de moradia. Já que eles não podem pleitear vaga nos alojamentos do campus. Então a solução é formar repúblicas com conhecidos, vindos das suas cidades de origem, ou parentes como irmãos e primos. Esses alunos passam a vivenciar muito cedo a experiência de morar longe dos pais e de ter responsabilidades sobre a sua rotina diária: hora de levantar, de estudos, de cuidar das roupas, de fazer a própria comida quando não vão para o Restaurante Universitário (RU), etc.

Para os alunos *'nativos'* freqüentar as repúblicas dos colegas *'estrangeiros'* significa vivenciar uma experiência diferente. Que acabam comparando com a sua situação, principalmente de ver as dificuldades enfrentadas por esses, de não terem a proximidade e a presença da família. Sobre o seu relacionamento com os colegas que vinham de fora, a ex-aluna Danielle, na condição de nativa, e que atualmente estuda em Alfenas, longe de casa diz:

*O relacionamento era muito bom. Então, eu que agora estou fora de casa, que estou estudando fora, é que vejo que é totalmente diferente. (...) principalmente para eles que acho que o mais difícil foi por causa da idade. Pois saíram de casa muito novos. E esses meninos vão ter que adquirir mais responsabilidade de ter uma vida fora de casa muito cedo. Mas acho legal essa experiência.
(Entrevista com Danielle Pereira Brumano em 08/12/2007).*

Ao mesmo tempo, alguns expressam inveja da liberdade ali desfrutada e procuram se misturar aos republicanos nas suas atividades como concentração para festas; nos jogos de truco ou de vídeo game; para assistir filme; nos namoros; nas iniciações a experiências de beber; e nas primeiras relações sexuais. Nesse ambiente os nativos podem vivenciar também o que não teriam oportunidade, por

habitarem com os pais. Larissa, irmã de Danielle, que foi ex-aluna do CAP/COLUNI, vê essas relações com os 'estrangeiros', também de forma positiva.

*Eu mantive até namoro (com um 'estrangeiro'. Risos). Assim, nas festas todo mundo podia ir tranqüilo né. E eu tinha que ficar pedindo a minha mãe. E eu acho que algumas das pessoas (os colegas) de fora ficaram até mais minhas amigas do que as que já eram de Viçosa que acabaram se afastando. Eu tive aproximação com muita gente de fora. Fiz muitos amigos.
(Entrevista com Larissa Pereira Brumano em 08/12/2007).*

O ambiente e estilo de vida de república dos alunos do COLUNI em pouco se difere das dos alunos de graduação da UFV. Muitas são até mistas com alunos da graduação e do COLUNI. O que diferencia mais são a rotina e o tipo afetuoso que tem no colégio entre si e que transborda para a república. Pois são adolescentes carentes pela distância do aconchego doméstico, procurando então buscar isso no carinho dos amigos. Na foto abaixo, retirada do álbum do Filipe 'Mingau', alunos nativos em 'concentração' para alguma festa na república do estrangeiro Zezão (José Guilherme):



E não podia faltar! Concentração do Zezão!!(novamente a faixinha, quem nunca pago mico na vida ne?).

Ao mesmo tempo já se sentem no mundo dos adultos imitando os comportamentos dos alunos da graduação. Então começam a freqüentar as festas por eles promovidas e os lugares aonde eles vão como o Bar do Leão, *point* tradicional de encontro da comunidade estudantil universitária em Viçosa. Ou outros

que estiverem na moda. As festas promovidas pelos alunos do COLUNI, principalmente as organizadas pela Comissão de Formatura com o propósito de arrecadar fundos, de certa forma reproduzem, também, as mesmas temáticas das festas dos alunos da graduação: *Festa à Fantasia, Festa do Havaí, Festa do Pijama, Churrasco de turma*, etc. Atualmente pela rigidez maior em relação ao controle de consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade, e com o intuito de fugir à fiscalização do Juizado de Menores, algumas festas são promovidas em sítios. Uma prática muito difundida em Viçosa, onde conseguem de forma transgressora burlar a proibição do consumo de bebidas alcoólicas.

Alguns nativos, como numa relação de troca pela liberdade e os afetos que podem desfrutar no ambiente das repúblicas de seus colegas estrangeiros, retribuem através de convites para almoços com suas famílias. Ou mesmo atividades sociais como churrascos promovidos pelos amigos dos pais. Principalmente em épocas de feriados prolongados, em que o restaurante Universitário fecha e alguns alunos, por morarem em comunidades distantes ficam assim impossibilitados de ir visitar suas famílias. Alguns professores também fazem esse gesto de “adotar” convidando alguns para almoços de domingo em suas casas. Os ex-alunos Robledinho e Ronnan descrevem assim essa atitude com os colegas estrangeiros e o ato de freqüentar suas repúblicas.

Eu sempre trouxe os amigos de fora aqui em casa. E sempre fui à casa deles. A gente sempre saiu junto. Às vezes quando eles precisavam de alguma informação sobre Viçosa, pelo fato de ser nativo, eles me ligavam. Ou perguntavam pra minha mãe. De vez em quando eu chamava alguém pra almoçar aqui. É até engraçado eu trazia sempre o Thiago Barbosa, o Waldimir, o ‘Canário’, e o Vinícius, o ‘Cuia’. Aí minha mãe confundia o nome dos três e trocava as cidades de onde vieram. (Thiago de Ipatinga, o Canário de Vargem Alegre e o Cuia de Cataguases). (Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007)

*Por eu ser nativo então eu tinha mais cara de família, que eles não tinham. E eu tinha mãe fazendo almoço pra mim, que eles não tinham. Então eu tentava passar um pouco disso para eles, levando alguns para almoçar comigo. E eu podia ir à casa do pessoal (as repúblicas) e conviver com eles. **Eu gostava de adotar**, vamos dizer assim né. (grifo nosso) Esse era o meu papel, eles estavam precisando de apoio, de carinho, longe de tudo, passando às vezes dificuldades financeiras. Coisa que eu não passava. Eu ficava lá, dormia de sexta para sábado na casa dos meus amigos. Tentando viver isso junto com eles e quando podia eu levava pra minha casa. Eu gostava de ajudar nesse ponto. Eu sabia que eles estavam precisando disso. (Grifo nosso) (Entrevista com Ronnan Del Rey Ramos de Melo, em 11/12/2007).*

Essas formas de acolhimento e tratamentos afetuosos pelos alunos nativos e professores para com os 'estrangeiros', além de dar um sentimento de conforto e amizade, favorece certo reconhecimento positivo pelo tempo vivido no COLUNI e em Viçosa. Isso será traduzido no compromisso de retorno a Viçosa para visitar esses amigos e suas famílias, que nunca serão esquecidos. Na foto abaixo encontro de alunos nativos e estrangeiros em festa na República Mosteiro Nossa senhora da Abadia.



Ex-alunos de quatro turmas diferentes – 1999, 2000, 2001/02 e 2002 (Álbum de Beliny Leão).

No ambiente escolar é também muito comum à formação de grupos de alunos que acabam se constituindo com o que são chamados por eles próprios e pelos professores de *'panelinhas'*. Que geralmente estreitam os vínculos de amizade por alguma afinidade em comum, ou mesmo pelos relacionamentos construídos ao longo dos anos em que estudam junto. A constituição de uma *'panelinha'*, nas redes sociais, para MAFESSOLI (2006. p. 164) *'não significa o fim do estar - junto, mas simplesmente que este foi investido em outra parte que não as formas reconhecidas pela legalidade institucional'*, no caso o agrupamento maior dos alunos do CAP/COLUNI. Onde também ocorre esse fenômeno. E muitos desses grupos ali formados, continuam mantendo relações de amizade, encontros em período de férias e feriados e criando as suas comunidades próprias no Orkut, além da comunidade da turma da qual faziam parte.

São diversas as motivações para a criação desses grupos: práticas esportivas, formação de grupos para estudo ou fazer trabalho, por afinidades religiosas, ou por gostos musicais. Muitas surgem no âmbito da própria sala, mas existem aquelas que possuem membros de todas as turmas. Os alunos nativos costumam já constituírem algumas 'panelinhas' formadas antes de entrarem no CAP/COLUNI, pelo fato de já terem estudado juntos no Colégio do Carmo ou no Colégio Equipe. Além de terem freqüentado um cursinho preparatório para o Exame de Seleção.

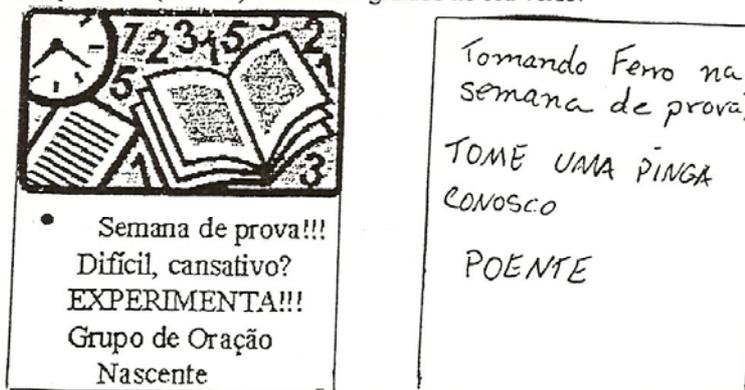
Já no caso dos estrangeiros, muitas 'panelinhas' são formadas no âmbito das repúblicas como uma estratégia de sobrevivência no colégio e na comunidade. Mas no geral todos acabam sendo envolvidos pelo sentimento comum de pertencerem à mesma turma. Nos anos mais recentes tem se observado também a criação de comunidades no orkut por sala, favorecendo assim a criação dessa identidade. Muitas vezes a motivação para a formação dessas panelinhas está relacionada com a vida social fora do ambiente do colégio para atividades de sair juntos, paqueras, passeios nas férias, acampamentos, etc. Mas que reforça o laço de pertencimento com o colégio pela sua continuidade após terem formado.

Entre as várias comunidades que podemos acessar no Orkut e que estão relacionadas ao CAP/COLUNI, podemos identificar alguns desses grupos que ainda mantêm contato, marcam encontros, ou debatem coisas relacionadas com a vida deles, ou simplesmente divertem-se com as memórias individuais e coletivas sobre o colégio. Entre elas destacam-se a '*Turma do Boto*' (da turma de 2001-2003), a da '*Concentração do Zezão*', que era estrangeiro e era ponto de encontro de amigos nativos ou não da turma de 2001-2003; a dos '*Pacas*' (também da turma de 2001-2003); a dos '*Furapa*' da turma de 2003-2005; a do '*Poente*', que surgiu de uma brincadeira de oposição ao grupo de oração da Renovação Carismática Católica no Colégio chamado de '*Nascente*' (da turma de 2002-2004); da '*República Tcheka*', que tem membros de alunos de diversas turmas e gerações que moraram nessa república, inclusive alunos da graduação; a '*Nóis é rosa mais é macho*' (Turma D de 1999-2001).

Abaixo pode ser vista uma questão de Prova de Português na qual a professora Maria da Conceição S. Lélis utilizou da sátira feita pelo grupo '*Poente*' ao grupo de Oração '*Nascente*'. Segundo a professora os alunos do grupo do *Poente* utilizaram o próprio 'mosquitinho' distribuído pelos do grupo de oração *Nascente*,

para colocar a sua versão satirizada manuscrita no verso. A apropriação tem também um sentido de catarse bem humorada em relação à rotina do sistema de semana de provas do colégio, que pode despertar sentimentos diferenciados nos alunos.

4. (0,5) Leia o “mosquitinho” (texto A) e o texto B grafado no seu verso:



Em um parágrafo explicitar: o texto publicitário a que nos remete o texto A e o termo lingüístico responsável por essa remissão; os elementos lingüísticos e os recursos utilizados pelo autor na construção do humor do texto B.

Outras comunidades foram criadas após a saída de alguns alunos do COLUNI e que passaram a ter um convívio comum em outro ambiente. Como a comunidade dos que foi estudar em Campinas-SP, que se chama ‘COLUNICAMP’ juntando o brasão da UFV com o logotipo da Unicamp.



A Turma de 2003-2005, que em janeiro de 2008 resolveu inovar promovendo um churrasco de dois anos de formados. E fez questão de colocar perfil da sua comunidade o interesse em evitar a dispersão, e propõe ao mesmo tempo minimizar os efeitos das panelinhas. Interessante é que essas panelinhas voltam a se constituir na comemoração dos cinco anos. Abaixo o perfil dessa comunidade no orkut:

Coluni - 2003/2005

Início > Comunidades > Coluni - 2003/2005

descrição:

Comunidade da galera que tenta passar por cima das "panelinhas", pra aproveitar bem os curtos 3 anos no colégio mais style de todos!!!

Muitas comunidades são dedicadas aos professores ou funcionários que lhes deixaram boas ou más lembranças. Alguns são chamados carinhosamente de 'tio' ou 'tia' pelos alunos. Fato que demonstra a dubiedade emocional de adolescentes, que ao mesmo tempo estão se preparando para ingressar no mundo adulto via curso superior, mas não querem perder até o último instante o gostinho da vida de menino que levavam antes de entrar no Ensino Médio. Isso pode ser observado também em algumas brincadeiras como a do 'tchu-tchu' (que tem uma comunidade própria no orkut, *'Eu fiz tchu-tchu no COLUNI'*), no *'futebol de anfiteatro'*, no *'fazer montinho'*, etc. Esse comportamento dos alunos pode *'sublinhar que a conjunção conservação do grupo solidariedade-proximidade tem na noção de família uma expressão privilegiada'* (MAFFESOLI, 2006 p.161). Daí porque recorrerem à expressão 'Família COLUNI', tanto alunos como professores o que na acepção de MAFFESOLI deve *'ser compreendida como uma família ampliada'*.

Alguns professores não importam com essa forma carinhosa e permitem ser chamado de tio ou tia. Também pelo tempo prolongado em que convivem diariamente no colégio com os alunos. De certa forma esse relacionamento de proximidade, permite aos alunos buscarem novas formas de relações com o(s) saber (es), que não apenas a formalizada pelo ensino oficializado da estrutura burocrática³³. Outros professores procuram manter um distanciamento e rejeitam esse tratamento, por razão ético profissional ou mesmo por pensarem que professores e alunos não são seres imbuídos de paixão e sentimentos e que esses possam aflorar no cotidiano das relações entre si nas atividades da busca do conhecimento.

Como exemplo de comunidades criadas para demonstração desses laços afetivos tem a comunidade que foi criada pelo ex-aluno Thiago Bedette, sobre a

³³ ROCKWELL (1995, p. 24), ao analisar o contexto do cotidiano da escola básica mexicana, aponta para o fato de ocorrer para alguns professores um contato espontâneo e afetivo com as crianças, pelas formas culturais próprias daquele país. E que 'ao dar atenção individual e organizar certo tipo de atividade rompe a relação assimétrica com os alunos, e outros incorporam conscientemente a interação espontânea entre os alunos'.

Orientadora Educacional, Catarina Greco, carinhosamente chamada de Tia Caty. Pelo seu papel de interlocutor entre os alunos, os professores e a administração escolar, Catarina é muito querida pelos alunos. Além de estabelecer a ponte entre o colégio e os pais dos alunos. As paredes do seu gabinete são repletas de fotos que os alunos fazem questão de deixar ali para não serem esquecidos. Catarina é a funcionária mais procurada pelos ex-alunos quando retornam ao colégio. Abaixo, veja o perfil da Comunidade da 'Tia Caty' no Orkut:

Eu amo a Tia Caty (COLUNI-UFV)

[Início](#) > [Comunidades](#) > Eu amo a Tia Caty (COLUNI-UFV)

descrição:

Essa comunidade foi criada pra homenagear essa pessoa tão especial e que todos que estudaram no COLUNI-UFV e a conhecem, amam e admiram. *Quem nunca foi na sala dela pegar umas balinhas... *Quem nunca foi chamado na sala dela pra explicar o q quis dizer com o q tinha escrito, desenhado ou falado em alguma de suas dinâmicas...
 *Quem nunca foi chamado na sala dela por estar tirando notas baixas, por ter arrumado alguma confusão no colégio ou com algum professor...
 *Quem nunca foi na sala dela pra matar alguma aula chata ou ficar conversando com ela...
 *Quem nunca foi chorar saudades de casa, briga com amigos e/ou namorados(as), nos ombros dela...
 *Quem nunca foi na sala dela pra reclamar de algum professor ou de alguma atitude dele...
 *Quem no dia da inscrição no vestibular chegou na sala dela desesperado(a) e fez a pergunta: Tia Caty, eu tenho cara de quê?
 Pra você que tem uma profunda admiração pelo trabalho e dedicação dessa "pessoinha", entre e declare o quanto você gosta dela.
 A foto ã é oficial

4.2.3. AS TRANSGRESSÕES: FORMAS DE PROTESTO.

Entre as práticas cotidianas vivenciadas pelos alunos da CAP/COLUNI, nas quais podemos buscar também características do sentimento de identidade, encontramos várias maneiras de transgredir. Através de comportamentos assumidos perante a comunidade do colégio ou em relação a eles próprios, que também podem ser consideradas como atitudes típicas da adolescência. Mas que no CAP/COLUNI encontrarão especificidades próprias, e que serão ressignificadas pelas novas gerações de alunos.

A transgressão na juventude pode se manifestar sobre diversas formas. Podendo ser através de conflito de gerações por rejeitar as imposições das pessoas adultas notadamente os pais. Ou como forma de rebeldia ou protesto com a rejeição ou o questionamento dos padrões e comportamentos socialmente aceito nos grupos e instituições no qual se está inserido.

No universo escolar ela pode ser vista na rejeição de adotar as posturas oficiais das normas, como o gazetear aula sem motivo só pelo ato de gazetear, ou na rejeição às atividades propostas pelos professores. Mas também pode aparecer de formas bem humoradas através de charges, caricaturas dos professores, jornalzinho, paródias musicais ou poéticas, textos em oficinas de redação, apresentações artísticas onde usam do *nonsense* e expandem a sua veia criativa e crítica. E ainda, de uma forma mais consciente, através do protesto de caráter mais politizado, que reflete o início da vontade de assumir uma postura mais adulta na defesa das suas opiniões. O que é muito importante para a formação do seu caráter.

No CAP/COLUNI é muito comum ver o uso dessas várias formas de expressão de protesto e de transgressões principalmente em relação à estrutura organizacional do colégio e as relações entre professores e alunos. Até pelo aspecto paradoxal que a instituição traz em si, uma vez que ao mesmo tempo em que estimula uma liberdade e mais autonomia para os alunos, nos sentido deles assumirem determinadas responsabilidades, tenta-se impor-lhes normas de conduta e comportamento relacionados ao caráter tradicional do seu projeto político pedagógico. Uma dessas contradições está no fato de incentivar a organização dos alunos através do Grêmio, e a participação desses através de representação própria no colegiado. Em contrapartida, ao mesmo tempo tenta limitar o direito a voz quando se trata de reivindicações ou manifestações que demonstre certa conscientização estudantil mais politizada da realidade e do sistema em que estão inseridos.

Nesse caso a atitude transgressora dos alunos se manifesta de dentro pra fora, com a ressignificação por esses do que lhes é imposto pelo sistema escolar. Constituindo no que CERTEAU (2003, p. 94) propõe acerca dos usos que os consumidores fazem da cultura que lhes é imposta, através da idéia do *'trabalho como sucata'*. No qual ocorre uma subversão às práticas ou as representações impostas, caracterizada por *'astúcias'*, pelo *'esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas piratarias, sua clandestinidade'*. E que não precise ser

necessariamente através de *'produtos próprios, mas por aqueles que lhes são impostos'*.

.As formas mais comuns de manifestações transgressoras dos alunos do COLUNI estão relacionadas aos costumes e valores da sociedade moderna. Como foi comentado sobre a questão do trajar. Os olhares críticos dos alunos filtram e ressignifica o mundo que os rodeia: a escola, os professores, os colegas, a comunidade, a família, a universidade, o vestibular, as grandes questões nacionais e globais através dos modernos meios de comunicação de massa, e que são manifestados principalmente na confecção dos trabalhos e atividades escolares. Fazendo com que a ordem institucional impostora de normas, regras, costumes seja subvertida e que funcione *'em outro registro'* (CERTEAU, 2003, p.95). Conservando dessa maneira a sua diferença dentro do espaço organizado pelo sistema escolar, mas que por eles são modificados.

Às vezes, pode parecer significar uma forma de rejeição das atividades propostas por alguns professores de disciplinas como Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, História, Geografia e Biologia. Tais professores que costumam lançar mão de outras estratégias de ensino e avaliação que não as tradicionais. Às quais muitos alunos, que são geralmente conhecidos como *'bitolados'* (tanto por colegas como por professores), rejeitam por preferirem à forma tradicional do esquema: aula expositiva, exercícios e avaliação escrita. Porém no processo de elaboração dessas atividades os alunos se envolvem e acabam extravasando um olhar crítico, que de certa forma enriquece o produto final, o *'trabalho com sucata'* (CERTEAU, 2003). Pois deixarão a própria interpretação desses ou uma visão particular sobre o que o professor propôs para a atividade.

Muitos dos ex-alunos com os quais tivemos oportunidade de conversar durante o processo de elaboração dessa investigação rememoram sobre os tempos vividos no COLUNI de que essas atividades foram as deixaram um saldo positivo, das quais eles têm uma lembrança prazerosa. Muitas vezes maior até do que o conteúdo ensinado na disciplina. Pois para muitos são elas que marcam a diferença do colégio até porque são encaradas também como atividades lúdicas. Para MAFESSOLI (2006, p. 141), o *'lúdico não tem nada a ver com a finalidade, utilidade, praticidade, ou com o que se costuma chamar realidade'*. Como podem ser observados nos depoimentos dos ex-alunos Ronnan e Robledinho a seguir:

*Uma questão importante é que eu acho que alguns professores (do COLUNI) não pensam somente em aprovação (no vestibular). Muita gente reclama na época. Mas hoje, passado cinco anos eu vejo como muito importante mais do que preocupar apenas com o vestibular é ter um Sábado Cultural com manifestações artísticas. Onde tenho um grupo de discussão sobre meio-ambiente. Onde eu tenho aula de forró, atividades de dança. Onde a gente pode fazer o que quiser. Vestir de mulher na festa junina e ninguém se importavam (risos). Quer dizer você tinha liberdade. (...) quando eu estudava no Colégio Equipe lá tinha aula de teatro. Mais era um negócio muito formal. Era muito preso que o cara ficava sem graça. Tipo assim, eu tinha que ir para aprender técnicas de teatro. E eu não queria isso. **Eu quero é descontrair, é brincar. Aí você acaba se relacionando com outras pessoas quando você faz esses trabalhos em grupo.** (grifo nosso) Por exemplo, para um sábado letivo desses, você tem de uma semana a quinze dias para sentar com dez pessoas. Que às vezes você nem conhece tanto para discutir e planejar. Vamos cortar papel, fazer vestido, bolar a apresentação, a coreografia. Você trabalhava em grupo e o resultado final, podia nem ganhar a quadrilha, mais vibrava muito. (Entrevista com Ronnan Del Rey Ramos de Melo em 11/12/2007).*

Nessa fala do ex-aluno Ronnan as atividades propostas pelos professores aparecem como o ato de ‘querer brincar’, de interagir com o grupo, relacionando de uma forma descontraída, típico do lúdico na acepção descrita por MAFFESOLI (2006) onde o “*estar junto é fundamental*”. Já para Robledinho no próximo depoimento, a quebra da rotina do esquema tradicional de sala de aula, proporciona uma outra ambiência. Isso é o que trás o diferencial para a qualidade do ensino. Através desses que os alunos podem identificar como ‘subversões’ feitos pelos professores, nas suas práticas pedagógicas, em relação ao tradicionalismo do projeto político pedagógico do colégio.

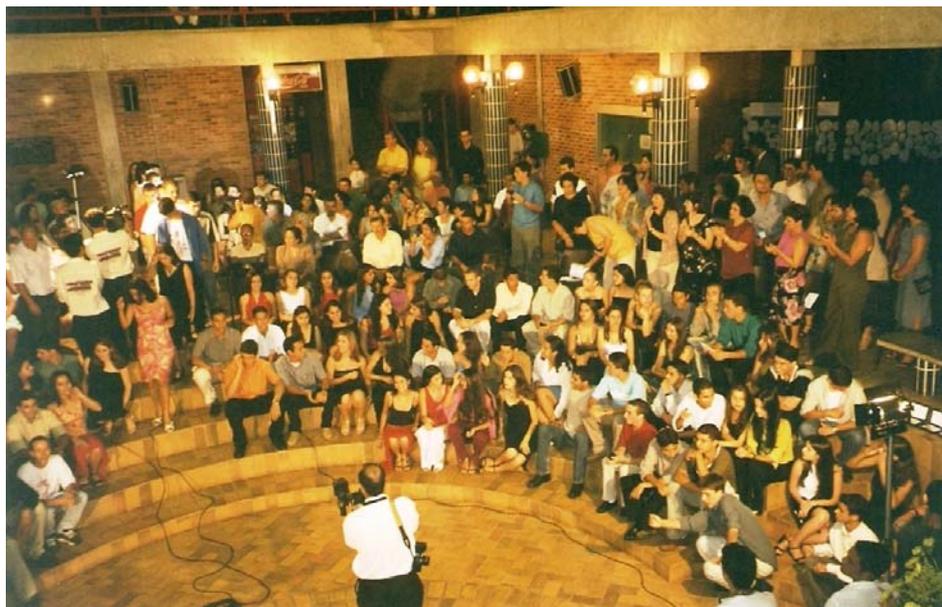
Às vezes tinham algumas aulas que não eram dentro da sala de aula. Muitas vezes eram no anfiteatro, outras do lado de fora do COLUNI ali no gramado sobre as árvores. O que é interessante no COLUNI é que lá tem o básico, o ensino de qualidade total. Mas tem uma formação que vai, além disso. Isso é o que acho que faz o diferencial. É o que faz dele ser o COLUNI. (Entrevista com Robledo de Almeida Torres Filho em 14/08/2007).

Procuraremos narrar a seguir algumas das formas de protesto e transgressão conscientes ou não, experimentadas pelos alunos, nas suas atividades cotidianas. Através dos painéis que colocavam em seus murais com o objetivo de chamar a atenção da comunidade escolar (professores, Direção e alunos) sobre algum problema ou reivindicação inerente a eles próprios; ou dos momentos festivos e atividades artísticas que ocorrem durante o ano escolar. Tanto naquelas consideradas oficiais como a Festa Junina e Sábado Cultural, como no principal evento extra-oficial e que é organizado pelos alunos da terceira série: o Desfile da Miss Gay.

Os ex-alunos da Turma de 1999-2001 enfrentaram dois problemas no último ano em que estudaram no CAP/COLUNI. Um deles foi a prolongada greve de professores e funcionários públicos que fez com que ao final muitos desistissem de concluir o ensino médio no colégio e transferissem para outras escolas de Viçosa, Juiz de fora ou Belo Horizonte. Os que persistiram em ficar tiveram que amargar um pesado calendário de reposição de aulas através de ‘aulões’ maçantes, durante as férias do verão de 2002. Nesses aulões as turmas eram agrupadas formando uma só no prédio do Pavilhão de aulas B da UFV. Esse prédio havia sido inaugurado recentemente e ainda não tinha ventiladores, que causava um desconforto térmico muito grande para alunos e professores.

Mesmo assim muitos dos alunos dessa turma que transferiram para outros colégios fizeram questão de retornar para participar da cerimônia de conclusão (a ‘formatura’ na linguagem deles). Que nesse ano aconteceu no anfiteatro do CAP/COLUNI. Pareciam não querer perder os sentimentos de afeto e amizades que construíram uns para com os outros e para com aquele local. Mesmo com o sentimento de mágoa que carregavam de alguns professores pelos prejuízos que tiveram que sofrer com a greve. Talvez o maior deles tivesse sido o de deixar o colégio no final da terceira série. Alguns se recusaram a cumprimentar ou receber cumprimentos de professores que atuaram mais diretamente no movimento grevista e com o sindicato. Na foto abaixo os concluintes da turma de 1999-2001 na cerimônia de formatura no anfiteatro do CAP/COLUNI.³⁴

³⁴ Essa situação também aconteceu com a turma de 2003-2005, em função da greve que ocasionou a saída de muitos alunos do colégio, e em conversa com ex-alunos dessa turma, expressaram que isso tirou muito do brilho da festa.



Cerimônia de Conclusão do Ensino Médio da Turma de 1999-2001 no anfiteatro. (Acervo Pessoal)

No perfil da comunidade dessa turma no Orkut, visto abaixo, eles ironizam com o atraso da 'formatura' que deveria ter acontecido em dezembro e após as reticências colocam 2002.

Coluni 99-2001...2002

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Coluni 99-2001...2002](#)

descrição:

Esta comunidade é pra uma turma que entrou pra historia... Muitos diziam que éramos desunidos.. mas depois de tudo que passamos.. Quantas turmas se formaram em março?? Somos unidos sim!!!Vamos agitar esta comunidade!!!

Durante o período da greve, em um momento em que esta se prolongava e comprometia o final do ano letivo, foi difundido um boato na UFV sobre a possibilidade dos professores do CAP/COLUNI anteciparem a sua saída do movimento antes do término. Os que defendiam essa proposta argumentavam o caráter da excepcionalidade do calendário escolar do Ensino Médio e do seu propósito final: os concursos vestibulares que seus alunos iriam prestar. Então foi agendada uma reunião de professores no CAP/COLUNI para a discussão dessa situação. Havia professores favoráveis a negociar com a Assembléia Geral convocada pelo sindicato dos professores, a Seção Sindical dos Docentes da UFV (ASPUV), a proposição do retorno dos professores do CAP/COLUNI às atividades

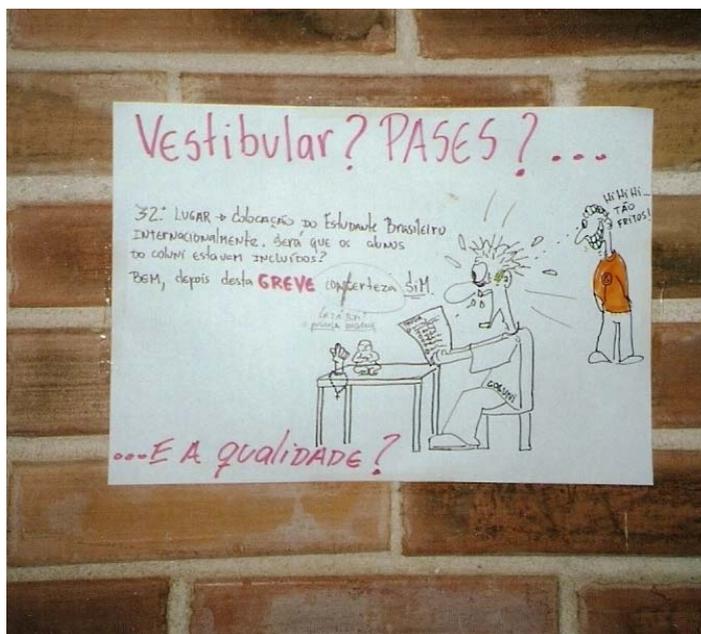
antes do final da greve. Outros por razões político-partidárias e ideológicas não queriam levar em consideração as diferenças do calendário do CAP/COLUNI em relação ao da Graduação e nem os anseios da comunidade estudantil do CAP/COLUNI.

Através do Grêmio Estudantil, os alunos solicitaram uma participação nessa reunião para manifestarem as suas preocupações, com uma petição de retorno às aulas no colégio. A representação dos discentes enfrentou uma forte resistência dos professores que eram favoráveis à continuidade da participação dos professores do colégio no movimento grevista. Alguns mais radicais até tentaram impedir que eles se dirigissem à reunião convocada internamente pelos docentes. Ao final com a defesa de professores mais moderados concederam dez minutos para que o Grêmio pudesse falar aos professores. Essa demonstração da pouca sensibilidade dos docentes para com a situação e reivindicações dos alunos foi manifestada por esses através de charges em painéis afixados no Mural do Grêmio. Esse mural ficava na parede curva que dá para o espaço do pátio e questionava '*os dez minutos de democracia*' concedida pelos professores de direito a fala para os alunos na reunião. O protesto também era uma alfinetada política, porque alguns dos professores que negaram a interlocução eram os que mais procuravam tentar influenciá-los, no que diz respeito à organização política dos estudantes e às reivindicações de seus direitos. Isso quando se dava no contexto interno, ou seja, contra a administração do colégio.

As ilustrações com desenhos do ex-aluno Wilson de Souza Teixeira da turma de 2000-2002 a seguir demonstram parte desses painéis, nos quais pode ser observada primeiramente, de uma forma irônica, a preocupação apreendida pelos professores no movimento grevista de que a greve era em '*defesa da qualidade de ensino*'. E como segundo plano as preocupações próprias dos alunos com o concurso vestibular.

Na figura 1, tem um aluno do COLUNI assentado próximo a uma mesa, onde pode ser visto um patuá em forma de figa, um terço e uma estatueta de Buda. Este se assusta ao ler uma reportagem sobre um ranking internacional que coloca o estudante brasileiro em 32º lugar àquela época. No canto direito um estudante do Colégio Equipe (o grande rival do COLUNI nas competições esportivas dos JEVs – Jogos Estudantis de Viçosa) zomba dessa situação e diz:

“Ha! ha! ha! Tão fritos”. A legenda questiona: **“Será que os alunos do COLUNI estavam incluídos? Bem, depois dessa greve ‘concerteza’ sim”**. Alguém fez uma interferência no cartaz porque **“com certeza”** estava grafado de forma errada. O autor faz uma observação bem humorada sobre a correção: **“Está bom? É por causa da greve”**. (Grifos nossos)



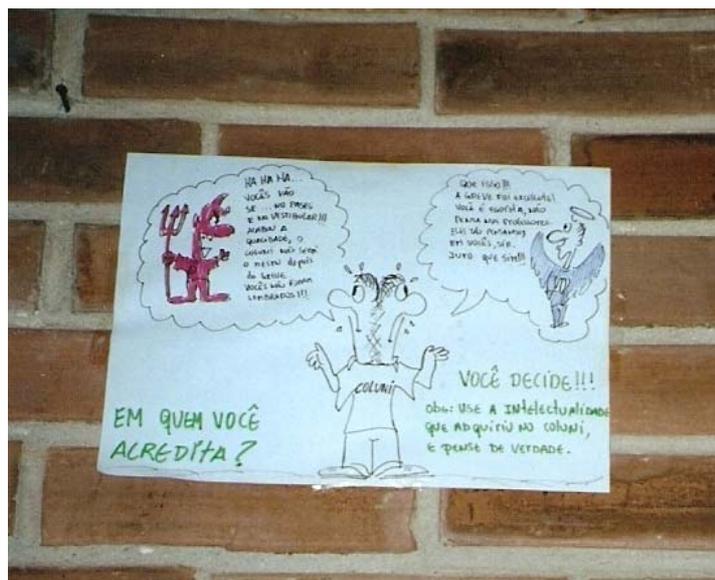
(Figura 1)

Na Figura 2, o estudante fica dividido em ouvir duas opiniões opostas sobre a greve:

O Capetinha diz: **“Ha. Há. Há. Vocês vão se... com a greve e no vestibular. Acabou a qualidade. O COLUNI não será o mesmo depois da greve. Vocês não foram lembrados.”**

O Anjinho diz: **“Que é isso! A greve foi excelente! Você é egoísta, não pensa nos professores. Eles tão pensando em vocês sim”**.

E o questionamento: **“Em quem você acredita? Você decide!!! Obs.: Use a intelectualidade que adquiriu no COLUNI e pense de verdade”**.



(Figura 2)

Na figura 3 há uma alusão ao resultado da pesquisa que foi divulgada no ano anterior pelo jornal Estado de Minas sobre o resultado da pesquisa do GAME (Grupo de Avaliação de Medidas Educacionais) do Departamento de Estatística da UFMG, sobre o desempenho dos alunos de escolas mineiras inscritos no seu vestibular. O resultado apontou o COLUNI no primeiro lugar nos três anos em que a pesquisa foi realizada. Muitos colégios, principalmente da capital questionaram os resultados e critérios dessa pesquisa. Até porque a reportagem estampava o título de “*Melhor colégio de Minas*” para o COLUNI. Internamente muitos professores receberam esse resultado com certa desconfiança, principalmente após a polêmica que ele causou. Mas outros professores e a Direção nessa época procuraram aproveitar para em um tom ufanista difundir o slogan da manchete do jornal. Isso pode ser interpretado como uma forma de sobre valorizarem a si próprios.

Um professor chegou até a promover um concurso interno entre os alunos para a produção de um desenho que seria estampado em uma camiseta alusivo ao fato. O desenho escolhido retratava um aluno de outro colégio qualquer - o ‘Colégio X’ - que ao abrir uma caixa de primeiro lugar do ‘*resultado do teste de qualidade*’, saltava surpreendentemente o nome do COLUNI. Isso acabou difundindo um sentimento de superioridade dos alunos do COLUNI estimulando mais a rivalidade com outros colégios da cidade. Daí porque a referência ao aluno do Colégio Equipe na figura 1.



Figura 3

Sobre esse sentimento de superioridade em relação ao sucesso no vestibular, o ex-aluno Ronnan Del Rey comenta: *'quando você está no COLUNI, você se sente um pouco 'super-homem' né. É o melhor colégio, então eu vou passar em tudo'* (quando ele falou sobre isso estava se referindo ao fato de ter tentado vestibular na UFMG, Unicamp e ITA além da UFV). No protesto dos alunos a versão da camiseta foi transformada em: *'10 Minutos de Democracia'* que havia sido concedido pelos professores. Ver figura 4 abaixo



Figura 4

A outra situação vivenciada pela turma de 1999-2001 e que gerou um protesto bem humorado, foi o da turma D da terceira série. Os alunos dessa turma foram os primeiros a utilizar a *'sala da bunda redonda'*. Antes a turma D, pela falta de espaço adequado no bloco de salas de aulas, era colocada na sala que deveria ser destinada ao Grêmio. Isso acabava provocando certo isolamento dos alunos dessa turma em relação aos colegas das demais turmas da mesma série.

Havia um espaço aberto, ocioso sobre a cantina no piso superior. Então foi construída uma parede transformando-o em sala de aula. A parede do fundo é semicircular daí o nome de *'sala da bunda redonda'*, denominada assim por um professor de História e que caiu no gosto dos alunos. A sala mostrou-se diferente das demais, não apenas pela parede arredondada do fundo, mas também por ter duas portas e a sua separação em relação às outras. Como a parede construída para transformá-la em sala de aula, é de frente para o pátio central acentuou ainda mais o sentimento de identidade para a turma D. Essa turma continuou tendo um espaço diferenciado das demais turmas. Quando essa sala começou a ser utilizada como espaço para aulas, revelou-se extremamente desconfortável, pela falta de ventiladores e pelo fato de que tinha muitas janelas envidraçadas ao fundo (fruto da estética adotada pelo projetista) e que não tinha cortinas. Então a luminosidade e o calor da parte da manhã causavam um grande desconforto térmico nos alunos que teriam que ficar ali por cinco a seis horas/aulas. Na luta pela reivindicação de ventiladores e cortinas para a sala, os alunos utilizaram a mascote da gincana que eles haviam criado e adotado como símbolo da turma: a Pantera Cor de Rosa. Através de desenhos feitos por Thiago Figueiredo, um dos alunos da turma e usando também de uma paródia da música carnavalesca *'Bomba'*, que muitos haviam curtido nas férias do verão anterior.

A letra da paródia mostrada abaixo, fazia também uma alusão bem humorada a alguns dos colegas que eram mais populares entre eles. Utilizando dos seus apelidos – O Fialho (que tinha a face rosadinha), O 'Janu' (por ser de Januária) e o Caratinga, a mascote interna da turma (que *'cantava'* todas as meninas).

BOMBA

Sauna. Essa sala é uma sauna. Sauna.
 O 3D é bem quente. Quente (Bis).
 Já está chegando o 3D nessa sala que é uma BOMBA.
 Pra estudar nisso aqui é BOMBA.
 Pra agüentar isso aqui é BOMBA.
 Pra enxergar nisso aqui é BOMBA.
 E nenhum projetor pega aqui. Aqui. Aqui.
 Ta fervendo minha cabeça (Bis).
 Nessa sala quente (Bis)
 O Fialho ta vermelho (Bis).
 Porque a sala é quente (Bis).
 E agora vamos protestar.
 O Janu ta de cueca. Cueca. Cueca.
 Cadê as mangas do Caratinga? Caratinga?
 Pra que vento lá embaixo? Embaixo?
 Traz o vento cá pra cima. Pra cima.
 Resolve. Resolve. Resolve Logo!!



Foto do Protesto de reivindicação por ventiladores pelos alunos da Turma 3 D em 2001.

Entre os costumes e práticas cotidianas que também traz um diferencial na caracterização os alunos do COLUNI, é o da inversão de papéis em relação ao gênero, através do ato de travestirem-se quando da apresentação de trabalhos. E que também pode ser visto como uma forma carnavalesca de transgressão, especialmente nas atividades festivas ou culturais, ou nos trabalhos exigidos pelos professores. Como também nas atividades lúdicas e culturais oficiais inseridas no calendário escolar como a Gincana, a Festa Junina e no Sábado cultural.

A foto a seguir foi retirada do Álbum do Orkut de Filipe 'Mingau' Ramos, do desfile da Miss Gay de quando ele estava na terceira série. Para Mingau essa parece ser uma das memórias que diferencia seu colégio de outros, quando

comenta na legenda em forma de questão: *'Há ha. Desfile Gay! Seu colégio teve isso? Não? Claro que não.'*



O travestir-se pode ao mesmo tempo *'quebrar o gelo'* da seriedade e rigidez exigida no ambiente escolar, que procura reforçar a perseguição da meta de sucesso no vestibular, contraposto ao caráter de autonomia e liberdade concedido pela organização pedagógica do colégio. Enquanto adolescentes esses indivíduos vivem a ambigüidade de terem acabado de sair do universo infantil, que não querem perder pelas brincadeiras que nele fazia. Então esse costume pode ser encarado como uma brincadeira, em que procuram questionar valores e tabus tradicionais que trazem dos seus contextos de origem, da família, do grupo social, clube, da suas cidades, que lhe foram inculcados e tentam ressignificá-los de uma forma bem humorada e carnavalesca. Até pelo senso crítico que vão assimilando na relação com os saberes ali vivenciados com seus professores.

Essa prática pode se transformar em uma forma de transgressão quando estão querendo protestar de forma bem humorada em relação a alguma coisa. Como no caso de atividades que os professores propõem como forma alternativa para avaliação que não as provas tradicionais. Mas também podem ser vistas como uma forma catártica de descontraírem do estresse cotidiano pela pesada rotina de estudo, provas, pressão do vestibular assumindo um caráter tipicamente da sátira

carnavalesca, em que a atividade acaba se transformando numa festa no sentido apontado por Roberto DA MATTA (1997, p. 52)³⁵.



Alunos da turma de 1998-2000 em atividade de Português, sobre a música 'Terezinha' de Chico Buarque. (Acervo da República Mosteiro Nossa senhora D'Abadia)

Muitas vezes esse comportamento pode causar efeitos paradoxais que corrobora com o que DA MATTA (1997, p. 52) analisa sobre o espaço da transgressão para o carnaval. Nesse 'espaço da brincadeira' a inversão é permitida, mas quando sai dele, a pressão dos valores pré - estabelecidos do meio social continuam prevalecer. O que pode redundar em continuidade de visões preconceituosas e caricaturais sobre sexualidade e gênero. Mas na prática o que pode ser observado é que essa brincadeira muitas vezes pode contribuir para a formação do caráter de muitos desses alunos no que diz respeito à questões sobre gênero e sexualidade.

Alguns professores atentos a esse comportamento, retiram dali objetos para discussão e análise em suas aulas. Nesse aspecto através de um olhar diferenciado

³⁵ Para Roberto da Matta (1997, p. 52), ao analisar a sociologia das festas populares no Brasil, aponta que “as festas são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia a dia* ou mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida*”.

sobre a brincadeira dos alunos, o que poderia ser apenas uma caricatura, acaba tornando um instrumento pedagógico na construção de conhecimento sobre a sociedade em que estão inseridos. Seus valores, costumes, tradições, aspectos históricos e suas contradições. Quando ocorre uma atitude repressiva em relação a essas manifestações espontâneas dos alunos, acontece uma reação da parte desses em forma de protesto de um caráter transgressor muito mais forte do que a intenção de brincadeira. E isso não se dá apenas contra as medidas oficiais às vezes tomadas pela Equipe Pedagógica ou dos professores, mas também como uma reação dos próprios alunos contra colegas que manifestaram preconceitos, trazendo para a brincadeira um efeito perverso.

Entre as diversas formas de manifestações de caráter carnavalesco e caricatural dos alunos destacam-se a Quadrilha Gay e o Desfile da Miss Gay. Contra essas duas formas de brincadeira dos alunos sempre ocorreram tentativas oficiais de repressão e proibição. O que sempre causou reação negativa em atitudes perversas da parte desses, desvirtuando o que deveria ser uma brincadeira satírica, para ofensas e ridicularização de algum colega ou de algo da rotina do colégio.

A Quadrilha Gay começou a ser um costume entre os alunos quando a festa Junina começou a fazer parte do Calendário Escolar à época da turma de 1998-2000. Ela pode ser vista como uma versão carnavalesca, pelo olhar dos alunos, com uma outra visão urbana sobre o mundo rural e a cultura caipira, que também é carnavalesca, expresso nas festas juninas no Brasil. E que fazem parte dos eventos oficiais dos calendários escolares. Onde é possível fazer brincadeiras de uma maneira estereotipada sobre a cultura caipira. Houve várias tentativas de impedir essa brincadeira dos alunos pela Comissão Organizadora da festa. No ano de 2003, a quadrilha Gay foi proibida de acontecer às vésperas da festa. O argumento para a proibição era a de que haveria muitos pais que poderiam não gostar da brincadeira. Os ex-alunos da Turma de 2001-2003 se sentiram frustrados em não poder fazer a brincadeira que vivenciaram nas turmas dos anos anteriores. E eles como formandos se sentiam no direito de aproveitar ao máximo o último ano no colégio, ao mesmo tempo deixarem marca da sua passagem pelo colégio, dando continuidade a essa 'tradição inventada'. Já haviam ensaiado coreografias homo eróticas, bolado roupas, personagens, etc. Então buscaram uma solução inovadora para transgredir a proibição feita pela Comissão Organizadora. Naqueles dias havia sido veiculado na televisão um programa do 'Casseta & Planeta' da Rede Globo, satirizando a

visão que se tem no imaginário brasileiro em relação aos gaúchos e ao seu machismo. Então os alunos resolveram reapropriar do programa televisivo e apresentaram a *'Quadrilha Gaúcha'* já que a Quadrilha Gay estava proibida. E o que antes deveria ser apenas uma brincadeira de *nonsense*, acabou se transformando em um ato de protesto.

Como uma manifestação dos próprios alunos, o Desfile da Miss Gay deveria ter uma conotação puramente carnavalesca e caricatural. Mas a brincadeira também pode desembocar em perversidade juvenil quando é dirigida contra algum colega. No geral a intenção é o ato de brincar com a inversão de papéis, como forma de transgredirem os padrões de comportamento impostos e socialmente aceitos para o gênero masculino. Mas pela imagem caricatural que eles demonstram sobre o homossexual, que é o que sociedade e a cultura lhes inculcaram desde cedo, acabam reproduzindo o que lhes foi imposto pelo sistema. Alguns encaram até como uma forma de manifestar a aceitação dos colegas que já começam a despertar essa orientação sexual e dar um reforço positivo para esses no sentido de que são aceitos pelo grupo. Nos últimos anos muitos alunos 'gays' têm assumido essa orientação ainda na segunda série. Outros só o fazem quando saírem do colégio.

Nos registros fotográficos sem data do arquivo do colégio, podem ser encontrados fotos de alunos travestidos em atividades culturais e nas gincanas que eram realizadas no Recanto das Cigarras. Fato que é confirmado por alguns professores mais antigos que não se importam com esse tipo de comportamento dos alunos.



Foto de Desfile da Miss Gay no Recanto das Cigarras - 1988 (Acervo Fotográfico do COLUNI)

O Desfile da Miss Gay atualmente é uma brincadeira dos alunos da Terceira série. Ele foi restabelecido como ‘tradição’ no COLUNI pela turma de 2000-2002. Essa turma foi uma das que foi duramente atingida pelos prejuízos da greve de 2001. Tiveram que amargar dois calendários muito estressantes no ano de 2002. Primeiro o da reposição do calendário da greve que os fizeram perder as férias de verão, e segundo o calendário da terceira série que foi sobrecarregado de sábados letivos com aulas, sem atividades culturais e esportivas. E curtos espaços de recesso. Então quando já estavam na última etapa, depois de uma pesada bateria de provas e pela aproximação do vestibular, resolveram fazer esse desfile como forma de descontração. Na terceira série eles não tiveram muitas oportunidades de manifestar o costume de vestir de mulher nas atividades extras dos professores, como haviam vivenciado na primeira série. Eles espalharam cartazes pelo colégio, convidando e anunciando um *‘Evento cultural mais importante do que a Semana de Arte Moderna de 1922’*. E diziam que ela (a Semana de 22) já era uma senhora de idade, pois estava com oitenta anos e não era tão moderna mais. A partir dessa turma o Desfile da Miss Gay tornou-se mais uma das ‘tradições inventadas’ dos alunos do CAP/COLUNI, especialmente para os da Terceira Série. Que sempre é encerrado com os gritos de *‘Ah! Eu tô formando!’*. E é assistido pelos alunos da segunda e primeira séries que já começam a pensar na sua vez de repeti-lo.

Sempre houve tentativas de coibir essa prática dos alunos, e quando isso acontecia deles acabavam descobrindo uma forma de burlar, inclusive paralisando as atividades acadêmicas normais de aula. Às vezes gerando protestos de professores. No ano de 2007 o Desfile da Miss Gay pela primeira vez aconteceu sem transtornos ou conflitos com a equipe Pedagógica. As caricaturas e personagens criados pelos alunos visaram retratar principalmente personagens famosos do 'showbussines', ou de histórias infantis e desenhos animados. Sem referência perversa a nenhum colega, como já acontecera em algumas dessas brincadeiras. Os alunos amadureceram com as experiências anteriores e o colégio acabou assimilando algo próprio da cultura estudantil dos alunos do CAP/COLUNI.



Cartaz do Desfile da Miss Gay em 2007, agora com autorização da Equipe Pedagógica. (Acervo Pessoal)

O fato narrado a seguir pode exemplificar de como as transgressões e protesto dos alunos no CAP/COLUNI, através do costume da brincadeira com a inversão dos gêneros e o Desfile da Miss Gay, podem ser apropriados e ressignificados por outros alunos. E gerando, também, uma oportunidade para discussão sobre sexualidade humana pelos professores nas suas atividades de ensino.

No ano de 2004, os alunos da terceira série, através da sua Comissão de Formatura, promoveram uma Festa à Fantasia que tinha como tema '*Libere a sua*

fantasia'. Segundo DA MATTA (1997. p. 60) o termo fantasia no português do Brasil *'tem duplo sentido, pois tanto se refere às ilusões e realidade quanto aos costumes usados somente no carnaval (...) as fantasias distinguem e revelam, já que cada um é livre para escolher a fantasia que quiser'*. Um grupo de amigos, meninos e meninas de salas variadas dessa série, que formavam uma das chamadas *'panelinhas'* pelas suas afinidades comuns resolveu, então, criar as suas fantasias relacionadas ao erotismo e suas diversas variações. Talvez pela curiosidade própria dessa faixa etária e por estar vivenciando-as em suas vidas. Ou ainda como uma forma de questionar a inversão pelo travestimento caricatural dos meninos nas atividades da escola. E até mesmo, não intencionalmente, para chamar a atenção para a discussão sobre os padrões de comportamento sexuais socialmente aceitos e também brincar com a temática da festa o de liberação das fantasias. Durante a festa, a brincadeira que despertara a curiosidade dos outros alunos, causou escândalo pelo fato de ter acontecido um beijo entre dois rapazes. Na semana seguinte isso foi motivo de piadinhas maldosas, grafitos escritos nas carteiras, na parede do banheiro e até na internet.

A reação do grupo envolvido foi o de não se intimidarem. Fizeram um grande cartaz com diversas fotos de beijos homo eróticos ou não com questionamento sobre o direito das pessoas terem liberdade para manifestar seus afetos e viverem a sua sexualidade sem repressão. O cartaz foi afixado na parede da Turma 3 D que dá para o pátio, em um horário em que todos estavam em sala de aula. No primeiro intervalo de aulas para troca de professores que se seguiram, em que todos saem de sala, foi um rebuliço geral. Alguns se indignavam com o cartaz, outros entendiam o sentido do protesto. A Direção ao tomar conhecimento do fato não deixou acontecer à retirada do cartaz. A polêmica ficou acesa entre os alunos. Alguns professores atentos ao comportamento dos alunos aproveitaram a situação para discutir sobre o tema nas suas aulas.

Na Feira do Conhecimento que aconteceu nesse mesmo ano, esse mesmo grupo de alunos abordou essa questão de sexualidade, gênero e tabus e preconceitos no *stand* intitulado *"Na cama com Vitória"*. Na porta de entrada da sala em que foi montado o *stand* a encheram de grafitos, palavrões, propostas sexuais, como se fosse uma parede de banheiro, onde podia ser lido o seguinte questionamento: *'Por que conversamos sobre sexo com as paredes do banheiro e não com as pessoas?'* E convidaram um transexual muito respeitado na comunidade

de Viçosa para fazer um bate papo com os visitantes da Feira. Esse foi o *stand* mais visitado da Feira e o bate papo com o transexual uma das atividades mais concorridas.

4.2.4. ‘VOLVER A LOS DEZESSETE’: ENCONTRO DE CINCO ANOS.

Para finalizar as nossas observações sobre as práticas cotidianas e os hábitos dos alunos do CAP/COLUNI, que fortalece essas redes de ligação de sentimento de pertencimento e solidariedade afetiva. E como essas redes saem do âmbito do Colégio e a ele retorna através das memórias dos sujeitos que as ressignifica. A seguir, através de um roteiro fotográfico e descritivo propomos narrar os eventos acontecidos para a comemoração e encontro de cinco anos de conclusão da terceira série da turma de 2000-2002. Turma essa que foi o objeto do primeiro capítulo desse trabalho de investigação com a descrição das festividades da formatura em 2002.

Esse encontro aconteceu no feriado de Dois de Novembro de 2007. Nos diversos momentos, do qual tivemos a oportunidade de participar como observador e com olhar investigativo, para captar a continuidade de laços afetivos e identitários dos ex-alunos para com o colégio. A organização do evento foi precedida de contatos entre os alunos que permaneceram em Viçosa estudando na UFV e os que estavam em outras universidades espalhadas pelo país. Foi criado um grupo de discussão na Internet, onde eram divulgados os detalhes e os custos do que estava sendo planejado para a festa. A Comissão Organizadora fazia consultas à comunidade dos ex-alunos, como por exemplo: se poderia levar amigo ou namorado (a) que não fizera parte da turma.³⁶

O interessante é que muitas das discussões e as mensagens recebidas³⁷, que chegavam viam e-mail, reproduziam muitos dos assuntos da época, comentários engraçados, referência a alguns colegas e suas particularidades e até também ocorreram ‘bate bocas’ e estresses com a retirada de ‘esqueletos do armário’ de picuinhas, desavenças daqueles tempos. Como também começaram a

³⁶ Fato que foi rejeitado pela maioria. Queriam que o momento fosse só deles, que haviam vivenciados juntos experiências próprias nos três anos de COLUNI.

³⁷ À época da organização, tive acesso a esses e-mails do grupo de discussão através da ex-aluna Carolina Gomes Rosado, uma das organizadoras, mas que infelizmente perdeu a pasta eletrônica que continha esses documentos. Daí porque não será possível citá-los. Estou me valendo da minha própria memória de ter acompanhado o evento e registrado através de fotografias, bem como das estórias que ouvi dos alunos..

se articular as panelinhas. Porém no geral todos manifestavam o grande interesse em se reencontrar, davam sugestões para a comissão sobre a programação e manifestavam desejos e interesse em um reencontro com os professores no colégio.

Às vésperas do reencontro um fato triste quase tirou o brilho da festa que estava sendo tão ansiosamente esperada por todos. O ex-aluno da turma A, Bruno Xavier o 'Mala' sofrera um grave acidente. As notícias sobre seu estado eram desconfortáveis. Então um dos colegas, Igor que estava estudando Medicina foi visitá-lo no hospital onde estava internado e depois passou as informações sobre o seu estado para o grupo. O acidente tinha deixado sérias consequências, mas já estava fora de risco, o que aliviou um pouco a todos. E nas intenções da missa que fora incluída na programação, foi feito um pedido de oração especial pelo seu restabelecimento lamentando a sua ausência na festa. O 'Mala' era um dos que estavam mais animados para o encontro.

Muitos não puderam ir por vários motivos pessoais. Como por exemplo, estar em processo de seleção para Mestrado, ou fora do país, etc. E mesmo por não ter naquele momento condições de arcar com as despesas para pagar os custos da viagem para Viçosa e da festa, já que estavam formando na graduação naquele final de ano o que implicaria em outros gastos. Alguns alunos só participaram da primeira parte do evento que denominaram de '*Momento da Saudade*' que aconteceu no campus da UFV. Apesar dos desfalques, foi uma das turmas dos últimos anos que no encontro de cinco anos reuniu mais participante. Mais de oitenta ex-alunos compareceram.

A programação feita pela Comissão Organizadora foi dividida em duas partes: a primeira chamada de Momento da Saudade durou a parte da manhã do dia 2 de Novembro; a segunda foi um churrasco, com festa temática, '*Festa no Havaí*' (tema mais votado no grupo de discussões) em um sítio alugado. Essa parte durou à tarde e noite do dia 2, e o dia seguinte. Muitos dormiram no sítio, outros voltaram para Viçosa, tendo participado só das atividades do primeiro dia. A seguir através de um roteiro fotográfico serão mostradas algumas das atividades que aconteceram nesse reencontro.

O que foi chamado Momento da Saudade começou com um encontro marcado para as quatro Pilastras do Campus da UFV. Ali iam chegando rapazes e moças em duplas, sozinho ou grupos maiores. Alguns já haviam chegado à véspera e estavam hospedados em casas de amigos nativos. Outros recém-chegados de

viagem vinham com malas, mochilas, barracas de camping e muita alegria. Era uma excitação só. Abraços, sorrisos, brincadeiras com colegas que alguns não viam desde quando se separaram após o vestibular. Depois todos se juntaram para uma foto no marco de entrada da UFV. Eram muitas máquinas fotográficas para registrar o momento, então faziam brincadeira de trocar de lugar para a foto sair diferente.



O Encontro nas Quatro Pilastras. Entrada do Campus da UFV (Acervo Pessoal)

A seguir iniciaram uma caminhada pelo 'retão' da universidade em direção ao CAP/COLUNI. Caminho esse que fizeram muitas vezes e que faz parte da rotina dos estudantes da UFV. Muitos principalmente os que vinham de longe faziam comentários sobre as mudanças no campus, novos prédios e admiravam suas belezas naturais e o paisagismo, que comparavam com o das universidades onde estudavam. Como era feriado prolongado o campus estava vazio. Apenas alguns nativos faziam caminhada matinal e que estranharam a alegria barulhenta daqueles rapazes e moças. Esses eram acompanhados por um cachorro vadio que se incorporou ao grupo. Cena muito comum, a desses cachorros que ficam soltos vagando pelo campus e por não serem maltratados pelos estudantes os acompanham. Muitos dos alunos do CAP/COLUNI por pilhéria chamavam algum desses cachorros até o colégio.



A Caminhada no Retão (Acervo Pessoal)

O final do percurso seria o prédio do COLUNI, mas por solicitação dos pais do ex-aluno Daniel Paniago, foi incluído na programação uma missa em Ação de Graças na Capela da UFV. O próprio Daniel não pode participar desse momento, pois só chegou de Itajubá, onde estudava, no final da tarde. Os organizadores aceitaram a sugestão e comunicaram para todos no grupo de discussão que ficava a critério de cada um a participação ou não na missa. Então uns ficaram aguardando colocando os papos em dia nas mesinhas da Praça do DCE e juntaram-se aos outros após o término da missa para a foto na escadaria do Prédio principal da UFV, o 'Bernardão'.



Na Escadaria do 'Bernardão' – (Acervo Pessoal)

A próxima etapa foi o deslocamento para o CAP/COLUNI. No *hall* do colégio encontraram uma mesa com pirulitos e uma mensagem de boas vindas feitas pela professora Maria da Conceição de Santana Lélis. Uma das coisas que eles mais gostavam era quando os professores marcavam alguma atividade alternativa em horário extra classe, como projeção de filmes no Cine Clube Carcará do DCE, ou no shopping da cidade. Ou mesmo atividades de aulas e oficinas, como também no Dia do Estudante, em que era distribuído pirulito, pipoca ou bombom. Que fazia despertar em cada um o seu lado criança.

Então começaram a percorrer o pátio, a tirar fotos no anfiteatro, do varal com as diversas camisetas da turma e que fora montado pela Comissão Organizadora no fundo do pátio. Correndo pelos corredores como crianças, entrando nas suas salas buscando ecos, risos, e sons de outra época. Pareciam querer voltar a ser adolescentes de novos.



A Mesa de Pirulitos no Hall do colégio. (Acervo Pessoal)

No anfiteatro eles foram saudados pela Diretora Eunice Bitencourt Bohnenberger. O ex-aluno Beliny Leão leu uma mensagem especial enviada por e-mail pelo Professor Leomar Tiradentes, que se encontrava fazendo doutorado em Portugal. Poucos professores compareceram ao encontro, apesar de todos, inclusive os que já havia se aposentado, terem sido convidados. Pelo fato de ser época de feriado, muitos haviam saído de Viçosa e viajado com a família.



Cinco anos Depois, de volta à 'piscina vazia' (Acervo Pessoal).

Como parte final desse encontro de lembranças, todos se dirigiram para a sala de Projeções, onde assistiram a audiovisual com fotos antigas das quatro séries preparados pela Comissão Organizadora e um outro chamado *'Filtro Solar'*. As fotos foram distribuídas aleatoriamente com imagens variadas do cotidiano na escola, das festas e das atividades fora como excursões, ou mesmo cenas da vida de república, que retratasse as amizades, as panelinhas e os momentos felizes. Os pais de Daniel e os professores Martha Regina (aposentada), Cleuza Brumano e Maria da Conceição Lélis que compareceram ao evento, também participaram desses momentos. Muitos riam ao se identificarem e os colegas nas fotos, faziam brincadeiras. Outros se emocionavam e os olhos ficaram marejados pelas emoções do reviver ali aqueles momentos que muito significaram em suas vidas pessoais.

O ex-aluno Ronnan Del Rey, que só participou dessa parte do encontro assim expressou os seus sentimentos em reviver aquilo tudo:

*A gente sente a liberdade de voltar a cinco anos atrás. Hoje a maioria está com vinte e dois anos em média. Então você sente liberdade **de voltar aos 17 anos** e fazer as mesmas brincadeiras, piadas. As mesmas coisinhas né. Eu achei legal. Chegar aos cinco anos e fazer essas mesmas brincadeiras daquela época, aqueles apelidos que você nem lembrava mais. Coisas que se vão perdendo com o passar do tempo. Os alunos da universidade (da graduação) não têm isso. **Então você tem essa liberdade de voltar, não a ser criança, mais ser jovem de 17 anos.** (grifo nosso)*

A próxima etapa foi o churrasco no sítio. Foi alugado um ônibus para levar os que não tinham transporte próprio. Ali muitos dos que não puderam vir para o Momento da Saudade se juntaram ao restante do grupo. Alunos que começaram com a turma e que foram reprovados, não concluindo a terceira série junto com eles, também foram convidados. Então foram se formando as velhas panelinhas, ressurgiram as picuinhas mais também os laços de afinidade de cinco anos atrás. Os de cada sala se juntavam para fotos da turma. Muitas estórias alegres e engraçadas foram lembradas. Muitos casais tiveram *revival* de velhas 'ficações'. Outros aproveitaram a chance para alguma 'ficação' recalcada ou incubada daquela época para poder finalmente acontecer.



Como em uma brincadeira de roda ou uma lembrança dos ensaios das festas juninas os ex-alunos da Turma A fazem um caracol para um abraço coletivo –(Álbum de Beliny Leão).

Nos dias posteriores ao encontro, muitos comentários e fotos foram feitos e adicionadas nas suas páginas e álbuns no Orkut. E sempre faziam referência ao slogan que mais gostavam de usar em relação ao COLUNI: o de “*Melhor Colégio do Mundo*”. O sentimento maior de todos era a identidade de pertencimento a um lugar que deixou marcas significativas em suas vidas de tal forma que lhes despertou a vontade e o esforço de *‘voltar aos dezessete’*. Porque a memória que tinham sobre o CAP/COLUNI ainda continuava a de ser a casa comum de uma tribo, comunidade, ou grupo, com a qual se identificavam e cultivavam sob o nome de ‘Família’, da qual muitos outros faziam parte e partilhavam esse mesmo sentimento.

CONCLUSÃO

Cumpre-nos salientar, nesta etapa de considerações finais sobre os resultados da investigação, que este estudo realizou-se pelo resgate dos documentos de arquivos institucionais e considerou também olhares, falas e lembranças, os fios de memórias individuais daqueles que são memórias individual e coletiva do CAP/COLUNI. Salientamos que a nossa própria memória individual foi também importante: lembranças construídas no nosso tempo de docência subsidiaram a pesquisa, avaliando e validando dados que nela se arrolaram.

Uma reflexão se impõe nesse momento e leva-nos a um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Trata-se da afirmação “*a educação deve estruturar-se em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser*” (PCNs, 2002, p.27). Esses alicerces estão intrinsecamente relacionados em todas as atividades pedagógicas em qualquer nível de ensino e o quarto deles ‘aprender a ser’ articula-se, enfaticamente, à essência deste estudo. Conforme demonstramos, nos três anos de vida escolar no CAP/COLUNI, os alunos constroem aprendizados diversos, dos quais destacamos o de ser membro daquela comunidade singular, a ‘Família COLUNI’, protagonista das Histórias de Sucesso que pudemos ouvir e narrar.

Toda escola propicia marcas que distinguem os indivíduos na coletividade escolar e mesmo na sociedade mais ampla. Concluímos que os ex-alunos do CAP/COLUNI cultivam essas marcas como memória individual, bem como de pertencimento a uma coletividade com a qual criam identidade. A memória individual, compartilhada com outros sujeitos que tiveram alguma relação com o colégio como colegas, pais, amigos, professores e outras, são fios que teceram as Histórias de Sucesso entrelaçadas ao discurso da tradição sobre o colégio. Outra conclusão: a tradição de sucesso no vestibular e o preparo para a vida acadêmica sempre justificaram a existência do CAP/COLUNI no contexto da UFV. A memória de sucesso do CAP/COLUNI compreendida, conforme mostramos como uma ‘tradição inventada’ na acepção teórica HOBBSAWM continua sendo evocada pelos alunos e professores no cotidiano escolar e transborda do âmbito da comunidade universitária para o Município de Viçosa e outros da Zona da Mata Mineira. Ela é sempre reforçada pelas famílias dos alunos, através das expectativas sociais criadas

em relação ao sucesso deles e também na imagem positiva difundida sobre o colégio.

Na investigação sobre a História do CAP/COLUNI, constatamos que esta também se entrelaça à memória coletiva construída a partir de histórias de sucesso dos ex-alunos. Essa memória é responsável pela difusão da excelência do ensino ali praticado, trazendo prestígio para a instituição escolar. Podemos concluir que há uma via de mão dupla no exercício da manutenção dessa memória e a qualidade do ensino praticado no CAP/COLUNI, que se destaca no contexto nacional. Se as Histórias de Sucesso decorrem da qualidade do ensino que se tem na escola; esta, por sua vez, é motivada por essas histórias. A pesquisa permite a inferência de que o diálogo entre a excelência do ensino do CAP/COLUNI e as Histórias de Sucesso de seus ex-alunos mantém o perfil da escola, mesmo com a mudança de sua identidade de Colégio Universitário para Colégio de Aplicação. Esse movimento dialógico gera e atualiza as Histórias de Sucesso e contribui para a manutenção da qualidade do ensino que se pratica no CAP/COLUNI. Podemos inferir, ainda, que o início desse movimento foi impulsionado pela excelência do ensino que depois passou a se entrelaçar às Histórias de Sucesso. Como não pensar, aqui, no ensino público brasileiro? Como não desejar que todas as escolas básicas brasileiras pudessem ser reconhecidas por sucessos de seus ex-alunos e que o reconhecimento as estimulasse, sempre mais, a buscarem a excelência nas atividades pedagógicas?

A investigação permitiu-nos observar, também, que a História de Sucesso, revertida em tradição inventada nas memórias individuais dos ex-alunos, não é o único fator responsável pela criação da memória coletiva do CAP/COLUNI. Os ex-alunos criam um sentimento de pertencimento à comunidade escolar, traduzido em variadas formas de práticas identitárias de experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Tais práticas constituem em uma cultura escolar singular que se encontra em sintonia com a ambiência da UFV. Essa cultura é re-significada e atualizada pelas novas gerações através das 'tradições inventadas' sobre o colégio.

Outro aspecto identificado como resultado da investigação, que diferencia o CAP/COLUNI de outras escolas, é a existência de redes de 'relações familiares'. Através dessas redes, vários membros de um mesmo grupo familiar, que cursam o nível médio no CAP/COLUNI, estimulam outros parentes a também fazê-lo. Essas relações são importantes na construção do discurso de memória de Histórias de

Sucesso. Constatamos que as 'redes familiares' são fundamentais para a reprodução desse discurso, principalmente pelo cultivo das diversas tradições inventadas, dos rituais, costumes e símbolos criados pelos alunos para o colégio como: o de 'Melhor Colégio do Mundo' e o da 'Família COLUNI'. Essa constatação nos leva, mais uma vez, às escolas públicas brasileiras. As que já oferecem ensino de qualidade têm o sucesso reforçado e incentivado pelo destaque em avaliações nacionais como o ENEM. Aquelas que, por outro lado, não obtêm bom desempenho nesses tipos de avaliações, tendem infelizmente, a reproduzir um discurso negativo que, refletido na própria instituição, pode ser um elemento que dificulte, ainda mais, a escola de cumprir sua função na sociedade.

Os apelos dessas tradições de sucessos no CAP/COLUNI, de acordo com dados da pesquisa, são percebidos tanto na fala de seus ex-alunos, de seus familiares, bem como na manutenção de vínculos de amizade e companheirismo entre os ex-alunos. Esses vínculos funcionam como elemento integrador e fomentador do sentimento de pertencimento, através dos quais ocorre, também, a inculcação de hábitos e a formalização de novos elementos simbólicos que são re-significados e incorporados, nas novas gerações criando e/ou reforçando a identidade com a comunidade escolar.

O fato dos alunos serem admitidos mediante um processo seletivo concorrido, também dá ao COLUNI um aspecto singular, quando comparado a outros colégios de aplicação vinculados às universidades públicas onde encontramos esse tipo de escola, ou seja, o de que a seu público constitui-se em um corpo discente mais homogêneo, no que diz respeito às relações com os saberes acadêmico e científico. Esse processo de seleção pode render ao colégio a classificação de escola pública não democrática e não inclusiva³⁸. A manutenção dessa forma de admissão pode ser compreendida como reflexo da força de um propósito de 'nivelamento' entre o ensino médio e o superior, no contexto em que o colégio foi criado na década de sessenta do século passado, bem como também, ao tradicionalismo do seu projeto político pedagógico que induz a incorporação de um ethos singular em seus alunos, nas suas relações com o conhecimento e com a re-apropriação da sua memória histórica. A aprovação no Exame de Seleção, já

³⁸ Em alguns Colégios de Aplicação Públicos, que utilizam o sorteio de vagas para a admissão de seus alunos, ocorre a reserva de vagas para filhos de funcionários, como um sistema de cota, que nos leva a questionar se é democrática essa forma de admissão.

identifica o sujeito como membro do CAP/COLUNI, dando-lhe várias significações, como a de ter sido iniciado num 'rito de passagem' que lhe aponta o início de uma caminhada às 'histórias de sucessos' na vida escolar. Ter o nome na lista de classificados no referido exame faz brotar o elo de identidade e o sentimento de pertencimento a uma comunidade escolar classificada como diferente, única, singular e a 'Melhor do Mundo'.

Outras formas de admissão que não comprometam conquistas na tradição histórica e apontem novos rumos de sucessos para o CAP/COLUNI já foram discutidas. Mas eliminar o exame de seleção no acesso ao ensino de qualidade praticado no CAP/COLUNI é tarefa difícil, pois as comunidades ufeviana e viçosense e a matriz geradora da História do CAP/COLUNI que realimenta e cultua sua memória e identidade pode criar obstáculos à transformação desse tipo. BOSI (2004) explica essa nossa expectativa ao dizer que, instituições como escolas e universidades são dominantes e desempenham importante papel na interpretação da história, reproduzindo versões ou visões solidificadoras da memória social cooptada por estereótipos nascidos no interior da própria classe. Dessas versões e visões delineamos o perfil idealizado para o ex-aluno do CAP/COLUNI o das Histórias de sucesso.

O exame em competência acadêmica, igualmente, pode ser defendido como democrático e justo, na medida em que não privilegia raça, parentesco com funcionários, nem mesmo quem tenha estudado em escola pública ou particular. O sistema possibilita que todo e qualquer estudante que já concluiu a 8ª série pleiteie uma vaga na escola, disputando-a única e exclusivamente pelos conhecimentos dos conteúdos do nível fundamental de ensino.

Ademais, podemos afirmar que a democratização da qualidade do ensino praticado no CAP/COLUNI não passa apenas pela questão do processo de seleção e acesso a essa escola; mas, também, por uma reflexão sobre o significado da noção de pertencimento de que tratamos nesse estudo. A noção de pertencimento pode contribuir positivamente para a criação do elo de identidade aluno-professor-escola no cumprimento da proposição do 'aprender a ser' no processo educativo. Conhecer a História da escola, refletir sobre as histórias de ex-alunos e desenvolver o sentimento de pertencimento podem conduzir a trabalhos mais produtivos e contribuir para a qualidade das escolas no país.

No CAP/COLUNI, as experiências cotidianas vividas pelos alunos e professores muitas vezes subvertem o padrão inscrito no perfil do seu projeto político pedagógico, tradicionalmente exigido para a rotina escolar. O que prevalece, no entanto, é a força da tradição do decantado discurso de sucessos no vestibular no qual estão embasadas sua História e Memória. Os agentes, alunos, professores, pais e outros, pela força da tradição, sempre estimularão a reprodução e ao cultivo da matriz geradora da 'Família COLUNI'.

A propósito, embora este não tenha sido o nosso objetivo principal, pode ser que este estudo não tenha dado conta das duas perguntas feitas na reportagem da Revista Época de 17 de Abril de 2008 que transcrevemos na Introdução deste estudo: *'Todas podem ser assim?'*; e *'o que torna a escola de aplicação de Viçosa a melhor pública do país, e por que é tão difícil repetir o seu sucesso?'*. Mas procura despertar o interesse à reflexão sobre o que elas sinalizam, ou seja, para a necessidade de prosseguir na busca de qualidade do ensino que tenha significado para a vida dos jovens brasileiros.

O que torna o CAP/COLUNI a 'melhor escola pública do país' que procuramos mostrar nesta dissertação é o que se registram na sua memória, através dos depoimentos, relatos, olhares e sentimentos dos seus atores, permitindo que as malhas de seu sucesso sejam conhecidas e extrapolem para outras instituições.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Jayme. Escola Média no século XX: um fato novo em busca de caminhos. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP/MEC, v.36, jul/set, 1961, nº. 83.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AZEVEDO, Denílson Santos. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente**. O Projeto Político da Escola superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e Funcionamento. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2005.

BAÍÁ, Anderson da Cunha. O Papel do Esporte na Consolidação e propagação do Espírito Esaviano. In: **Anais do IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais**, Juiz de Fora: UFJF, 2007.

BÓSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. Cotia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, 2ª. Edição.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In. ORTIZ, Renato. **Textos de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertand Brail/Difel, 1989.

_____. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio, **Pierre Bourdieu - Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAGAS, Walnir. A Reforma Universitária e a Faculdade de Filosofia. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP/MEC, v. 36, jul/set, 1961, nº 83.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

CHARLOT, Bernard (org). **Os Jovens e o saber - Perspectivas Mundiais**. Porto Alegre, Artmed editora, 2001.

CRUZ, Tancredo Almada et alli - **Currículo de Viçosa - Viçosa-MG**, CENSUS, 2004.

CUNHA, Nádia F. Colégio Universitário, problema universal – uma solução brasileira. Comentário. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP/MEC, v. 45, jan/mar, 1966, nº. 101.

_____. Institutos Centrais e o Colégio Universitário da LDB. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP/MEC, v.49, jan/mar. 1968, n. 109.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O Ensino Médio no Brasil: histórico e perspectivas. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n°. 27, jul/1998.

DA MATTA Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**, Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 6ª. ed.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

ELIAS, Norbert e ACOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 3ª. ed., 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIMA, Antônio Luiz de et. alli. **UFV 70 anos**: A trajetória da Escola de Viçosa. Viçosa-MG. UFV: Imprensa Universitária, 1996.

MACIEL, Carlos. O ciclo propedêutico: uma proposta. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. INEP/MEC, V.39, abr/jun 1963, n°. 90.

_____. A terceira série colegial e o Colégio Universitário nos termos do Art.46, Parágrafo 2, e Art. 79, Parágrafo 3, da LDB. In: **Documenta**. Conselho Federal de Educação/MEC, n.33, v.2, 1963, p.133 – 157.

MAFESSOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, Edson Potsch - Criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMIG - e sua História. In: BORGES, José Marcondes et alli **A Universidade Federal de Viçosa no Século XXI**. Viçosa-MG: Editora UFV, 2006, 2ª. ed.

MICHAELLIS. **Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol**. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

NUNES, Clarice. **Escola e Dependência**: o ensino secundário e a manutenção da ordem. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa - Mudanças Sócio-Culturais Evolução Histórica e Tendências** - Viçosa-MG, Imprensa Universitária, UFV, 1990.

RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP/MEC, v.36, jul/set 1961, n°. 83.

ROCKWELL, Elsie. **La Escuela Cotidiana**. México: Fondo Cultura Económica, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**, Petrópolis: Vozes, 1995 (17ª. ed.).

SCHUH, George Edward. Cooperação Internacional e Desenvolvimento Institucional: Benefícios Mútuos. In: BORGES, José Marcondes et alli **A Universidade Federal de Viçosa no Século XXI**. Viçosa-MG: Editora UFV, 2006, 2ª. ed.

SIMONINI, Eduardo Lopes. A Casa Disciplinar: Problematizando a relação da Universidade Federal de Viçosa com seus alojamentos. In **Anais do IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais**. Juiz de Fora: UFJF, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 3ª. ed., 2002.

WERLE, Flávia O. C. História das Instituições Escolares: do que se fala? In: LOMBARDI, José C. e NASCIMENTO, Maria Izabel M. (Orgs.). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 2002.

ZIBAS, Dagmar M. Refundar o Ensino Médio? Alguns antecedentes e atuais desdobramentos das políticas dos anos de 1990. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, nº. 92, p.1067-1086, Out/2005.